

REVISTA
DA SEMANA

N. 39 29-9-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

SCHMIDT E AS FÔRÇAS FURIOSAS

MASSINE FALA SÔBRE O MUNDO DA DANÇA



Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira - "lhe" o uso diário da Tricomicina e diga - "lhe" que você acredita na ação da Tricomicina



* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.

Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 39 — Rio de Janeiro — 29-9-56

DIRETOR Gratuliano Brito
ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guimaraes, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Schmidt e as Forças Furiosas	4/6
Leonide Massine	16/21
Hemingway, o Peixe e o Mar	24/25
Uma Família na Corda Bamba	31/34
América: 52 Anos	59
Ipe Feito a Muque	60/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Literatura e Arte	22/23
Astrologia	26
TV Na Revista	27
Por Esse Mundo de Deus	36/37
Itinerário do Brasil	38
Palavras Cruzadas	39
A Poeira do Tempo	40/41
Música	42
Pelas Esquinas da Noite	43
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Ultimo Flash	62
Figura em Foco	62

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

LITERATURA

Benditas Sejam (Eneida)	3
O Grande Amor do Alm. Jaceguai (R. Alencar)	12/13
O Homem e o Trapézio (Arino Peres)	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	14/15
A Mais Bela Mulher do Mundo	28/29
Que Sabemos das Grandes Religiões?	30

CAPA

Anita Eckberg (Foto Universal International)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintos
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Junior
Paginação	Victor Tapajõe
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-5570 — Porteira: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-5551

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spina, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: D. L. A. L. Lourenço Marques. Em Portugal: D. L. A. L. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratón & Cia, Constituyente 170, Montevideo. Na Argentina: Interpress, Florida 200, Buenos Aires. Tem representantes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — REPRESENTAÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



BENDITAS SEJAM!

Uma notícia, no meio de tristíssimas ocorrências, deu para alegrar nossos corações nesta semana que passou. Esquartejamentos, ladrões merinos mascarados arrombando coíres e casas, muitos discursos políticos, promessas de várias côres, desastres, lágrimas, crianças nascendo, gente morrendo e esta tão bela notícia: trinta ruas da cidade receberão duas mil árvores. Duas mil irmãs vegetais virão morar conosco, tomar parte em nossa vida, sentir nossas necessidades, saber de nossas preocupações, mas alegrar-nos, pois se há companheiras são elas, as árvores que dão bom dia para a inauguração de nossos dias, que anunciam através de suas folhas se estamos vivendo dignamente um verão ou um inverno, lá que — como todos sabem — foi negado o direito à primavera, coisa constante apenas das folhinhas, ou do exagerado amor de nossos corações.

Devemos saudar com efusividade essas novas companheiras, principalmente pessoas como eu, oficial da Ordem da Árvore — único título que possuo e me foi conferido com pergaminho e emblema. Sou apenas oficial, um pequeno soldado raso, mas há comendadores, pessoas importantíssimas dessa Ordem, como Helena Ferraz de quem sou amiga. A nós portanto é mais do que amor, é dever saudar as árvores que, segundo o serviço de reforestamento e a Prefeitura, vão surgir em nosso caminho, nesta cidade tão mal amada.

Quem sabe se com essas duas mil árvores não virão também os pássaros? Onde andam eles? De minha rua sumiram há muito, talvez pelo excesso de cinemas da vizinhança, o fononar agitado de automóveis lindíssimos que passam ou despejam cineastas, ou aquele trear tão tumultuoso que parece anunciar sempre que alguém morreu ou quase. Saudemos as vinte mil que vão nascer, crescer, abrirem os braços para o alto naquela grande lição de otimismo e de alegria que as árvores dão aos homens. São duas mil e portanto, multidão. Foram publicados nos jornais seus nomes de família, mas para que repeti-los? São palavras complicadas, difíceis, dessas que só os compêndios de botânica e os sábios da matéria são capazes de pronunciar. Quem de nós, obscuros transeuntes, é capaz de olhar uma mangueira dizendo que ela é da família das Anacardiáceas ou que um cajueiro também é dessa família? Quem é capaz de chamar um querido cajueiro de *anarcadium corymbosum*?

O não; o melhor é olhá-las e amá-las como são; jamais poderei pensar que o castanheiro de minha rua é lagácea, mas posso afirmar que ele usa e abusa de côres, ora verde ora avermelhado, algumas vezes amarelo, sem que, apesar de todo meu devotamento, eu jamais tenha conseguido saber porque exibe côres sem dar a menor atenção às estações. Que os botânicos deixem eu falar assim; não estou prejudicando ninguém quando afirmo que o castanheiro de quem sou vizinha e muito amiga, usa suas côres como entende e quando quer. É muito digno sempre. Saúdo aqui com o amor que as árvores me provocam, essas duas mil que vão nascer. Como sou uma pessoa de espírito prático, apesar de meu exagerado otimismo, eu pediria apenas ao Prefeito, à Prefeitura que, por favor não plantem árvores para que elas morram, como tem acontecido com milhares. Cuidem delas para que vivam muito e bem. Ninguém deve fazer nascer qualquer coisa quando não tem força, coragem, amor para fazer com que essa coisa — que pode ser um homem, uma idéia, um gato ou uma árvore — viva com saúde e alegria.

Sejam bemvindas, irmãs, amigas, companheiras.

E N E I D A



Começou como balconista numa casa de tecidos, vendeu carne-seca e ferragens. Viajou 8 vezes à Europa e 5 aos Estados Unidos. «Retirar-me dos tempos polêmicos e deixar em paz o Brasil e seus problemas é a grande aspiração que acalento».

SCHMIDT E AS "FÔRÇAS FURIOSAS"

E DEFINE SUA POSIÇÃO NA ATUAL POLÍTICA ATÔMICA DO GOVERNO ★ QUEREM ESTABELECEER, NO BRASIL, O REINADO DA ESTUPIDEZ ★ A INDUSTRIALIZAÇÃO DO EURÓPIO JÁ É FEITA NO BRASIL ★ QUE SAIAM À RUA OS QUE TÊM UMA LANTERNA

Reportagem de W. GUARNIERI

Foto de ALBERTO FERREIRA

A ENTREVISTA, marcada de há muito, quando de minerais atômicos pareciam impregnadas as tintas que imprimiam as manchetes explosivas dos jornais do país, foi adiada inúmeras vezes. Por falta de tempo, apenas. E só agora, na véspera de um feriado, era possível imobilizar em casa o irrequieto Augusto Frederico Schmidt.

Na penumbra da biblioteca para onde somos conduzidos, vislumbramos seu vulto de pé, junto ao telefone. Em frases curtas, marcadas pela impaciência, despacha seu interlocutor e estende-nos a mão, num gesto

inexpressivo. Cumprimenta e... já se despede. São 10 horas da noite e ele ainda não jantou. Caminha, a passos largos, para a sala contígua e estaca junto ao piano de cauda. Volta-se para nós e faz um acento:

— Charutos? Cigarros? Whiskey?

— Não, obrigado.

Encolhe os ombros e atravessa o amplo aposento. Antes de abrir a porta das fundos, volta-se, novamente, e aproxima-se de nós. Põe-nos a mão no ombro e fica a nos contemplar por longo tempo.



«Minha posição é de sofrimento». Schmidt ficou desolado ante a ignorância do repórter em não o saber diretor da «mais adiantada indústria atômica do mundo», que funciona em São Paulo e que foi a primeira a isolar o «európio».

ite e
tigua
enci:

brir a
nos a

SCHMIDT E AS "FÔRÇAS..."

— Desculpe-me, mas fique à vontade, que não vou demorar. Desta vez desaparece mesmo, caminhando apressadamente. Com alguma dificuldade, pois as lúres ainda não foram acesas, vamos examinando a lombada dos livros que, arrumados, alinham-se pelas prateleiras em encadernações de luxo. «Os Sermões», de Vieira, os 40 volumes das «Obras Completas de Lamartine», Euclides da Cunha, Machado de Assis, Beacmarchois...

O QUE É UM NACIONALISTA?

Quinze minutos, e eis-lo de volta. Enverga um pijama simples, cor de rosa, e calça chinêlitos comuns. Acende o abajur e senta-se na poltrona, frente a nós. Olha-nos, desconfiado.

— Por que, então?

Rememoramos episódios passados de seu «entrevista», orfônico. Para conhecer das razões que fundamentaram a sua posição «anti-nacionalista», ali estávamos curiosos.

Augusto Frederico Schmidt levanta-se de um salto. Põe-se a andar nervosamente pela biblioteca, de um lado para outro. Respira ofegante. Fala com rapidez:

— É completamente errada essa ideia de que sou um anti-nacionalista. Desejo uma crescente afirmação do Brasil. Luto pelo seu desenvolvimento. Sinto por não ver o Brasil andar tão depressa quanto desejava. Fico indignado ao testemunhar tantos crimes cometidos contra o meu país. Se esses sentimentos e essa ideia podem ser intitulados nacionalistas — então eu sou um nacionalista. Agora, se ser nacionalista é desejar que o Brasil seja uma nação subdesenvolvida, uma ilha de plantação, a labuta do mundo, pelas suas ideias ridículas de jacobinismo, se ser nacionalista é ter resquícios coloniais e aplicar leis que estabelecem só poder ser o nacionalista de refinados brasileiros, em casado e com brasileiro nato, se ser nacionalista é achar que a tecnologia estrangeira deve ser repelida mesmo que venha trazer-nos um impulso considerável; se ser nacionalista é explorar o petróleo com palmeiras e discursos e atacar a sua exploração eficiente; se ser nacionalista é desejar que a maior parte da população brasileira permaneça em jejum para que se respeitem alguns «valores» locais e ridículos, então sou um anti-nacionalista, entretanto mesmo se quiserem...

Pára de caminhar e procura a poltrona. Como nos mantivéssemos em silêncio após o seu tal protesto:

— Vamos, diga alguma coisa. Momento de entrevista... Não possui?

Só mesmo depois de convencê-lo de que o que nos interessava era um registro fiel do seu pensamento, e que ali estávamos apenas com aquele missão, foi que Schmidt relaxou a tensão inicial, banou e ele que deixou tudo por instantes.

— Minha posição e de sentimento coerente. No Brasil estamos ao alim do erro. São coisas muito violentas as «forças imensas» produzidas e pelo e para estabelecer o remédio da estagnação. Os ignorantes estão com a cultura. Os que nada sabem e não ignoram e que estabelecem as regras. As outras forças — as que representam o pensamento mais exato e mais cultural do Brasil estão lentamente aniquiladas, grunhindo, amedrontadas. A ignorância é mais usada e, consequentemente, mais indecisa. A cultura exerce um grande papel no Brasil nos dias que correm, e está sendo habilmente aproveitada pelos interesses políticos contrários ao seu desenvolvimento.

CRASE DE ESTRUTURA INTELECTUAL

Depois de uma pausa levanta-se e vai buscar, em cima da mesa, a caixa de charutos. Abre e escolhe a mais bonita. Antes de começá-lo, prossegue:

— Acha que o problema brasileiro é um problema tecnológico. Será um problema moral, será um problema de fé, mas é, também, um problema tecnológico. Temos que encontrar soluções técnicas. Sei bem que isso não basta e que há uma outra crise que é uma crise de estrutura intelectual. O Brasil está vivendo uma grande crise dos problemas de pensamento contemporâneo. Eu próprio me culpo muito de ter dado uma atenção excessiva aos problemas de desenvolvimento e não ter procurado enfrentar a essa espécie de estrutura dos problemas fundamentais do destino do homem. Na verdade, o desenvolvimento é uma operação de espírito. E é que falta exatamente ao Brasil são operações de espírito. Se não há essas consequências do pensamento que temos, quando a compreensão é devidamente. O que se nota, de vez em quando, em estado de lamentação pública, um tanto difícil. E que vivemos uma grande incompreensão do Brasil, eu de dizer uma «crise intelectual» — mas lembro que ainda há milhares por aí que possuem, em países suaves que por estarem ali, vivem sua vida em pedras, colinas e não sabem de crises e lesões interiores e morais. Sei bem, que um Brasil desmoralizado no pensamento é um Brasil em crise, quer dizer, um Brasil transição.

EXPULSÃO A GERAÇÃO DE DEBILITADOS

As ideias endurecidas, Schmidt volta e procura observar o estado de suas palavras. Tem algumas hesitações e acrescenta:

— Não sou muito pessimista, embora veja coisas muito sérias. Espero em Deus que exista uma nação que tenha estilhaçado esta geração de debilitados, jacobinos e ignorantes que procuram apagar o Brasil. De existência desta possibilidade, tenho uma esperança que não tenho. Andando pelas lúres, a que se chama de vezes, quando está de muitas maneiras diferentes e não sabemos exatamente de que modo influenciar e corrigir o Brasil.

Tenho observado também, com muito de minhas lúres, muitas coisas, no entanto, algumas maneiras interessantes. Sei bem, de fato, que tenho suas palavras minhas. Sei que se trata de uma coisa, por que essa minha um momento me parece, também, um momento.

Dessa gente espero que logre estabelecer no país uma atmosfera menos complicada, menos rudimentar, menos estreita, do que a presente.

CONSÓLIO EM SER BRASILEIRO E NÃO NORTE-AMERICANO

Recosta-se na poltrona e bate no peito:

— Tenho de curar-me de um grande defeito do meu espírito: a impaciência. É preciso que o país amadureça, e nisso somos diferentes dos Estados Unidos, infelizmente. Os norte-americanos só agora começam a amadurecer. Não estão ainda maduros. Nós temos elementos para conseguir isso, embora tenhamos um certo consólio em sermos brasileiros e não norte-americanos. Não sei se eu trocaria a triste mentalidade retrógrada do Brasil, no que concerne às soluções de seus problemas práticos, pelos espetáculos que acabo de ver numa fotografia de um tumulto ocorrido numa depredação levada a efeito por estudantes contra os alunos de cor de uma universidade norte-americana.

«O ideal» — acrescenta — «é de que o Brasil passasse a compreender como deve elaborar a sua Constituição e o seu enriquecimento, mas conservando as qualidades fundamentais de sua alma de povo, as virtudes existentes, entre as quais a impermeabilidade ao vírus racista. Sou a favor de uma crescente união com os Estados Unidos, mas para que o Brasil dele seja diferente, guardando as suas características próprias».

PRESENÇA DOS BRASILEIROS NOS PROBLEMAS NUCLEARES

O momento crucial da entrevista estava por acontecer. Até então, Schmidt mantinha-se calmo, palestrando em tom baixo. Eram confidências e queixas que ele mesmo fazia sem que fosse necessário desencorajá-las. Ao mencionarmos o assunto minerais, volta a inquietação do poeta. Levanta-se e põe-se novamente a passear pela biblioteca.

— Sou diretor de uma empresa que fundou no Brasil uma indústria extremamente adiantada. Uma indústria de alta técnica; uma indústria que trouxe um começo de presença do Brasil nos problemas nucleares. O mundo está cheio de matérias primas. Há em quase todos os continentes, produção de minerais estratégicos: Célula, África do Norte, Congo Belga, Índia e agora até nos Estados Unidos acaba de surgir a monazita. O que é raríssimo no mundo é a Técnica.

Pára em frente a nós, e espeta o dedo no ar:

— Aqui no Brasil, a pretexto de uma suposta defesa do que existe em abundância em muitas partes do mundo, dá-se estranho privilégio à matéria prima, e condena-se a técnica ao exílio. Este é o erro fundamental. Países adiantados, como a Bélgica ou o Canadá, têm na exploração de minerais estratégicos uma fonte bastante ponderável de divisos em dólares.

NO BRASIL, A MAIS PERFEITA INDÚSTRIA ATÔMICA DO MUNDO

O que nos vai dizer a seguir, parece de muita importância. Schmidt concentra-se e pergunta que ideia fazemos do trabalho do Orquima, a organização que dirige e que ultimamente alcançou renome universal por haver provocado, inclusive, uma revisão da política atômica do atual governo.

Não fazíamos ideia alguma, e Schmidt espanta-se com isso.

— O prof. Gaudin (do Massachusetts Institute of Technology), de renome mundial no seu ramo, afirmou, recentemente, que a minha empresa é a mais perfeita indústria de tratamento de minerais existente em todo o mundo.

Olha-nos incrédulo, estorçando-se por se mostrar paciente. E aduz:

— É a primeira indústria a obter uma produção, em escala industrial, de um dos 16 elementos das terras raras — o európio. Se mesmo a mais adiantada técnica tornaria possível o isolamento e aproveitamento desse precioso elemento.

Vai procurar a poltrona e se deixa cair pesadamente, desolado ante nossa ignorância.

— Como industrial, espero ainda o apelo que o atual governo prometeu à indústria. Como brasileiro, lamento o erro nacionalista, que nos impede de comparecer à política mundial de Energia Atômica como contribuintes, e não como pedintes; quando atualmente estamos em condições, não apenas de receber, mas sobretudo de fornecer contribuições valiosíssimas. Se nos isolamos, se desarmamos nossos, perdemos a face para reclamar, no amanhã incerto, seja lá o que for nesse domínio...

NÃO FAZEM OS E.E.U.U. QUESTÃO DE NOSSOS MINERAIS

Relembrando Vargas, que em certo discurso pronunciado na sede de sua organização recomendava sensatamente que «era dever de todos os povos contribuir com matérias primas para o bem comum», rememorando palavras de Jurek Távora, no governo Café Filho, que igualmente seguiu a mesma política esclarecida, diz Schmidt não poder compreender o recuo atual na política dos minerais atômicos.

— Não fazem os Estados Unidos questão de nossos minerais. Todas as informações que tenho — e tenho razões para obtê-las em boas fontes — levam-me à convicção de que os Estados Unidos têm muitas outras fontes de suprimentos, e não fazem questão de que sejam nossos os minerais de que necessitam.

Calha-se por longos minutos. Retira os óculos e limpa-os cuidadosamente. — Espero que essa confusão, ocasionada por uma espécie de complexo da ignorância com a intenção ideológica de prejudicar o nosso desenvolvimento, seja dissipada. E que esse episódio de incompreensão seja momentâneo.

A GRANDE ASPIRAÇÃO

— Quando começo uma grande aspiração, retiro-me do tempo político e deixo em paz o Brasil e os seus problemas, para tratar de assuntos mais elevados e mais importantes.

Espero em Deus porém que o impulso vital ainda venha a sacudir o país no futuro próximo. Contra aqueles idiossincrasias a que me referi há pouco, é necessário sobreviver e sobreviver, de fato, com saúde.

— Os dias de uma luta que se chama de luta. São dias para a noite e ventos, dias, com os ventos de São Paulo, São Paulo e São Paulo.



O Superintendente Geral de Engenharia, dr. Horta Júnior, agraciando Amadeu Pini com a medalha comemorativa.

A Central do Brasil e os seus Servidores

◆ No antigo Salão Nobre da Ferrovia, hoje Salão Cristiano Ottoni, o dr. Jair de Oliveira, Diretor da Central do Brasil, presente a Deputada Ivete Vargas, continuando a orientação iniciada na Festa de Saudade em que foi recordada a figura do saudoso Eng. Valdemar da Cunha Brito e a que compareceram o Vice-Presidente da República, sr. João Goulart, e o representante do Ministro da Viação, sr. Solon Lucena, além de inúmeras pessoas gradas, pronunciou as seguintes palavras, ao agraciar com medalhas de ouro e prata dezenove dentre os mais dedicados servidores da Central, com 40 e 35 anos de serviço: «Este momento não comporta discursos. Aqui estamos, simbolicamente, para homenagear apenas devotadíssimos companheiros. A carreira do ferroviário é um verdadeiro sacerdócio em que se reconhece todo o seu sacrifício pelo bem da coletividade. Todos nós sabemos que não são apenas os servidores convocados que apresentam mais merecimento, mas eu os considero os expoentes da classe e, como tal, lhes apresento as minhas homenagens e, aos seus restantes colegas, peço considerem essa mesma homenagem como se a eles fôsse prestada».

Em nome de seus colegas, falou agradecendo o sr. Amadeu Pini que dirigiu um pedido, ao término de suas palavras, ao Diretor Jair de Oliveira para que, nos passes de percurso geral concedidos a esses servidores, fôsse incluída a concessão de cabine. O dr. Jair de Oliveira, ca-

lorosamente aplaudido pela assistência, concedeu imediatamente a medida pleiteada.

São os seguintes os funcionários homenageados: José Ferreira de Abreu, Alfredo de Paula Camargo, Eurico Gurgel do Amaral Valente, Lindolfo Quintanilha, Phylocrato Soares Brasil,

Francisco de Souza Valente, Franklin Martins de Araújo, Adalgiro de Azevedo, Fernando Pontes, Gastão Batista Pereira, Américo Marcelo, Amadeu Pini, Luiz da Costa Freitas, Eurico da Rocha Machado, David Pinto do Lago, Aristeu Reis, Moacyr Lopes Coelho, Joaquim José da Silva e Eduardo Teles Ferreira.



Aspecto da solenidade, quando falava o dr. Jair de Oliveira, Diretor da Central do Brasil.

A SEMANA EM NACIONAIS

O DEPUTADO Molinaro, major do Exército e representante de Santa Catarina na Câmara, pronunciou a frase mais acalorada da semana, em aparte a um seu colega: «Os civis estão podres». O deputado esqueceu-se de que foi a custa do voto dos podres de seu Estado que pode passear, atualmente, a sua túnica ilibada pela Câmara. E, mas podre também tem sua vez...

NO SETOR policial, o acontecimento da semana continua sendo o misterioso crime da Tijuca, em que foram trucidadas a paulada uma octogênica e sua filha. Uma doméstica, que se dizia testemunha ocular do homicídio, acusou o advogado Francisco Waldmann de sua autoria. Logo depois, porém, voltou atrás, passando a acusar seu ex-companheiro, vulgo «Paraíba» — que por sua vez demonstrou sua completa inocência. Elza — esse é o nome da espreitada —, após incriminar outro conhecido seu, passou a admitir sua própria culpa no evento. E tudo está nesse pé, sem que a Polícia até ao momento, tenha desvendado a trama desse assassinato, um dos mais complicados dos últimos anos.

MAS TAMBÉM houve o homicídio do desembargador Toledo Piza, em Niterói — fulminado a tiros de revólver por um advogado que se dizia humilhado por ele.

DOIS ARTISTAS chineses da Ópera de Pequim, que atualmente se exhibe entre nós, She-Shion-Kue e Kuo Yang Sun, sofreram acidente de pouca importância, no interior do bondinho do Pão de Açúcar, quando um banco tombou, imprensando-lhes as mãos. Já ficaram bons, e já se exibiram, com êxito, novamente, no palco do Municipal.

A CONSTITUIÇÃO completou dez anos, e foi comemorada a data com ponto facultativo e tudo. Coitada da menina, tão jovem, e já tão avacalhada.

LEVY KLEIMANN, diretor do «Esporte Ilustrado», aqui da casa, recebeu violenta missiva, em que o leitor (ou ex-leitor?) Januário de Oliveira, residente à rua Barão do Rio Branco, 1202, em Fortaleza, no Ceará, vascaíno doente, lhe fez graves admoestações, por não estar estampando, nos últimos números, na capa da revista, nenhuma foto de jogador vascaíno. Repare-se só no fim da carta: «Quero lhe adiantar que sobre o assunto já me dirigi aos senhores General Teixeira Lott, Ministro Nereu Ramos, General Magessi Pereira e Major Hermes da Fonseca Neto tratando da apreensão da próxima e subsequentes edições que não trouxeram em suas capas fotos de atletas vascaínos...» Éta, vida ingrata!

O SALÃO nacional de Belas Artes foi inaugurado, com as velharias de costume. Quatrocentos e seis telas estão expostas. Repolhos, pepinos, galinhas baldes, tigelas, painéis reluzentes, flores, nus de toda espécie e feitio, maçãs, peras, tomates capim, capim, capim.

JEFF THOMAS, cronista social desta «Revisita», desmentiu a notícia de que estaria escrevendo uma peça de teatro. «Ainda é muito cedo para essa espécie de atividades», esclareceu.

O BARITONO Silvio Vieira cantava a «Tosca» em Porto Alegre, quando no segundo ato, saltou formidável berro acima da pauta e do trivial. Explica-se: o soprano, que na terrível ópera tucumana teria de liquidá-lo com uma facada, quase que o fez de fato ferindo-o com certa gravidade, à altura do coração.



♦ COM A presença do Presidente da República e da senhora Sarah Kubitschek, do bispo Helder Câmara e de altas personalidades, foi inaugurada a nova sede das Pioneiras Sociais, à rua Pereira da Silva, 96, que dispõe inclusive de moderno ambulatório de pediatria, apto a atender aos que dele precisarem com perfeição e rapidez. Eis o instante em que dom Helder proferia seu discurso alusivo ao fato.

♦ NOSSO COMPANHEIRO Alberto Lima é o autor do ex-libris com que a Emissora Continental resolveu homenagear os vinte anos de lutas e de vitória de Rádio Nacional, fundada a 12 de setembro de 1936. A história da Rádio Nacional e a do rádio, no Brasil, confundem-se em largo espaço de tempo. É-nos, portanto, sumamente grato registrar aqui a passagem do seu vigésimo aniversário, que vem surpreendê-lo num momento de prosperidade excepcional, saudando, nas pessoas de seus atuais diretores, Carubi de Araújo e Moacir Areias, os companheiros que a ela emprestaram o melhor de seu talento e de seus esforços.



♦ O MINISTRO Teixeira Lott, segundo informação estampada em um vespertino, teria solicitado demissão. A notícia tomou conta da cidade, porém logo foi desmentida pelo próprio ministro, em termos que não deixam dúvidas.

♦ EM COPACABANA do Bairro Peixoto acaba de ser inaugurado um novo Templo Israelita dotado de linhas arquitetônicas modernas e sóbrias. Sua inauguração faz parte dos festejos comemorativos do 5/17º ano do calendário mosaico, principiada há pouco. O autor do projeto foi o conhecido arquiteto Henrique Mindlin. Eis um aspecto do interior do novo sinagoga.



EM REVISTA INTERNACIONAIS

POUCA GENTE saberá que a estusante Martine Carol, assim que chegou a Paris, de volta de sua excursão ao redor do mundo, feita em oitenta dias, tal como a de Phileas Fogg, teve de internar-se numa clínica de repouso, ali passando algumas semanas.

FRANÇOISE SAGAN, autora de «Bonjour Tristesse», atualmente em filmagem, possui um Jaguar negro, um Buick vermelho e uma Gordini azul.

WALT DISNEY está sendo acionado por Kirk Douglas, por tê-lo apresentado, em um filme exibido na televisão, em uma cena de sua vida privada: dentro de um trenzinho, brincando... Kirk deseja 415 mil dólares de indenização. É o caso de se pedir a Walt: «Me filma, pelo amor de Deus...»

LESLIE CARON casou-se com o diretor inglês Peter Hall. Caron, que tem 25 anos, está filmando atualmente em Marylebone, sob as ordens do espôso.

ONASSIS ESTARIA disposto a financiar, com seus milhões, a construção de um oleoduto unindo o Mediterrâneo ao mar Vermelho. «É o meio mais eficaz de rebater o golpe de Nasser».

EXISTE UMA LENDA segundo a qual, enquanto houver macacos no rochedo, Gibraltar permanecerá britânica. Em 1941, o número de macacos era de apenas 6; atualmente, ascende a cem. A posição dos macacos e dos ingleses em Gibraltar parece, pois, ser boa.

ORSON WELLES narra a piada do indivíduo velhíssimo que, ao lhe ser perguntado a que coisa atribuía a sua longevidade, retrucou, sabiamente: «Ainda não sei ao certo, pois as negociações com meus agentes de publicidade não chegaram a seu término. Voltem para a semana, e então lhes direi se foi por causa da cerveja, ou do leite, que bebi toda a vida».

YUL BRINNER, atlético e calvo, é o novo ídolo das mulheres, fã de cinema, nos Estados Unidos. Após Marlon Brando e James Dean, ele conseguiu fazer o que, no passado, apenas Valentino e Novarro haviam conseguido: levar ao desespero as multidões de espectadores de seus filmes.

OS RESTOS mortais do alpinista George Winkler, morto em 1888, aos vinte anos, quando escalava o Weisshorn, acaba de ser encontrado, por uma expedição, após sessenta e seis anos decorridos desde a data de seu desaparecimento.

COM A MORTE de Joaquim Manso, diretor do «Diário de Lisboa», há pouco ocorrida em Lisboa, perdem o Brasil e os brasileiros um sincero amigo. Jornalista de mérito, foi também Joaquim Manso escritor de renome. Deixou obra extensa e de qualidades: «O Fulgor das Cidades», «Alma Inquieta», «O Efêmero e o Eterno», etc. Seu último livro, «Malícia sem Maldade», é animado de sadio humor, e banhado em ironia. Dedicou-o à memória de Augusto Gil e de Antônio Patrício.

PIADA ESQUIMÓ, com auroras mais ou menos boreais, é a do sujeito que chegou na iglu alto, alto, e foi interpelado pela espôsa em termos ásperos: «Muito bonito! Passou na lara toda a noite de 3 de novembro a 4 de abril»...

♦ O CÚMULO do plágio é o daquele escritor francês, a quem Jean Paul Sartre satirizou, dizendo: «Atualmente, encontra-se em Londres, escrevendo... «Hamlet».

♦ RHONDA FLEMING separar-se-á de seu espôso. Foi ele quem pediu o divórcio, alegando uma porção de coisas. Como é que um tipo pode pedir divórcio de uma coisinha fôla daquelas, é que não compreendemos.



♦ INGRID BERGMAN faz o papel central de «Anastasia», a grande duquesa russa cujo destino ainda é, hoje, uma incógnita. O filme foi girado em Londres e Paris. Parece que, depois de concluído, a sueca partirá para Hollywood, após inúmeros anos de ausência, perdoada pelos produtores norte-americanos de seu escandaloso caso com Roberto Rossellini.



♦ GRAVEMENTE ENFÉRMO o velho ator cinematográfico Oliver Hardy — o popular «Gordo», que durante tantos anos trabalhou ao lado de Stan Laurel, o «Magro». Um ataque do coração imobilizou-o, e os médicos temem que o conhecido astro, que tem atualmente 64 anos, não resista por muito tempo.

♦ PARECE QUE a feiticeira Greet Hofmann continua tendo grande ascendência sobre a Rainha Juliana, da Holanda. Como o Príncipe Bernhard está fora, realizando um cruzeiro pelo Mediterrâneo, em companhia dos reis da Grécia, ela aproveitou a chance para aboletar-se de novo no castelo. Mas Bernhard está para voltar, e a coisa vai já estourar de novo.





COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias de Rio e São Paulo.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

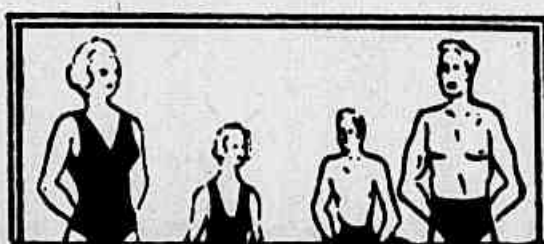
Preço para todo o Brasil: Cr\$ 90,00

NARIZ PERFEITO

FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.



C R E S C E R

Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FORÇA e SAÚDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE** (Haute-Savoie), FRANÇA

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

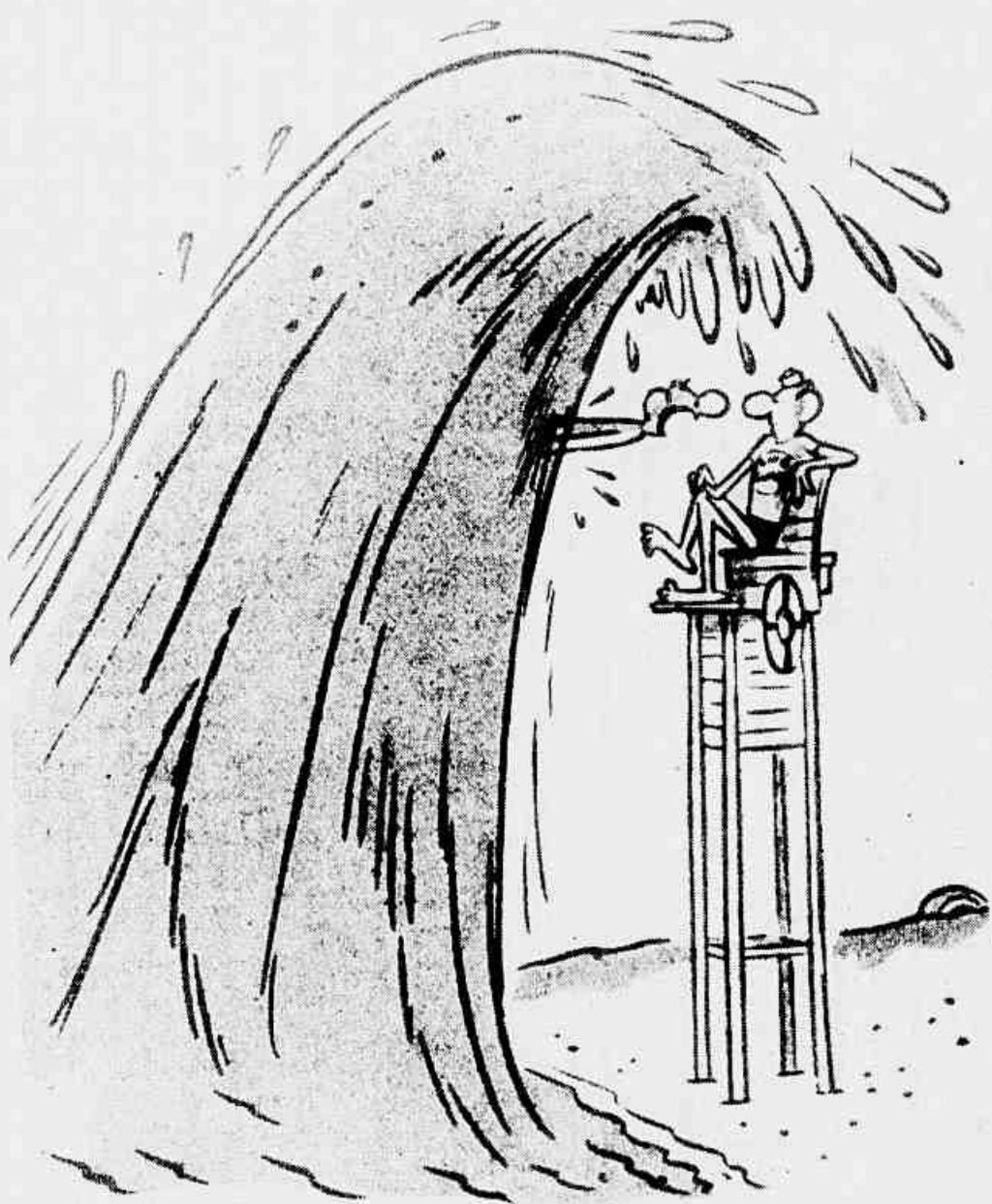
- 1—O cisne é um:
 - Hirondídeo?
 - Lamelirrosto?
 - Platelmino?
- 2—«Morte e Transfiguração» é um poema sinfônico de:
 - Richard Strauss?
 - Richard Wagner?
 - Richard Tauber?
- 3—Faleceu em 1933:
 - John Galsworthy?
 - Rudyard Kipling?
 - James Masfield?
- 4—Escreveu «Jenseits von Gut und Böse»:
 - Schopenhauer?
 - Nietzsche?
 - Heidegger?
- 5—Chama-se Gorki, atualmente, a antiga cidade russa de:
 - San Petersburgo?
 - Nijni-Novgorod?
 - Karkhov?
- 6—O físico italiano descobridor do «Teorema Universal» sobre a lei da gravidade foi:
 - Spalanzani?
 - Torricelli?
 - Arquimedes?
- 7—«Se tivesse de dirigir a palavra a meu cavalo, lá-lo-ia em holandês»:
 - frase de:
 - Felipe II?
 - Carlos V?
 - Swift?
- 8—Idealizou os Jardins de Infância:
 - Froebel?
 - Frontinus?
 - Fries?
- 9—«Je suis sale; les poux me rongent» — assim começa um poema em prosa de:
 - Bertrand?
 - Lautréamont?
 - Germain Nouveau?
- 10—A capital de Iowa é:
 - Baltimore?
 - Des Moines?
 - Chicago?
- 11—Quem é conhecido como «O Estagirita»:
 - Sócrates?
 - Platão?
 - Aristóteles?
- 12—Foi o primeiro rei romano:
 - Numa Pompílio?
 - Túlio Hostílio?
 - Jugurta?
- 13—Morreu no dia do natal de 1759:
 - Haendel?
 - Bach?
 - Haydn?
- 14—Que é paramécio:
 - o mesmo que paradência?
 - animal microscópico?
 - vestes sacerdotais?
- 15—Se eu disser «cos» em lugar de «com os», estou fazendo uma:
 - atêrese?
 - eclipse?
 - sinalefa?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

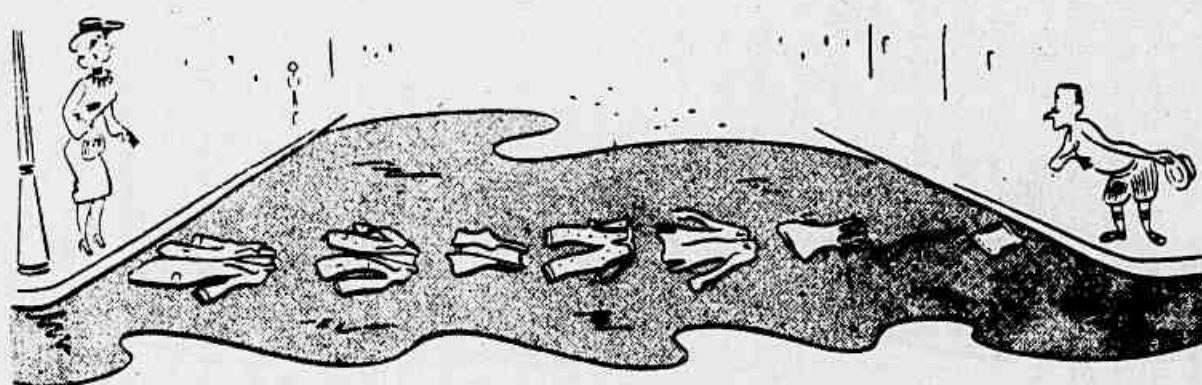
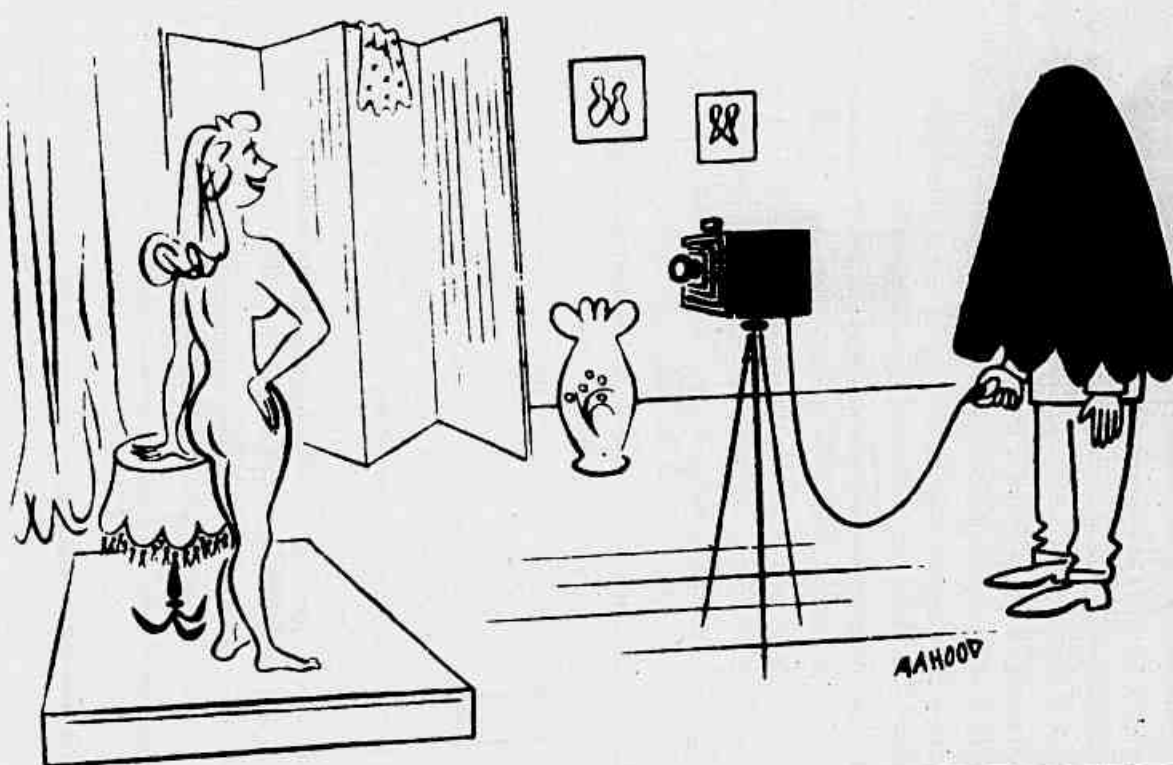
REVISTA DA SEMANA

CR\$ 7.00 EM TODO O BRASIL

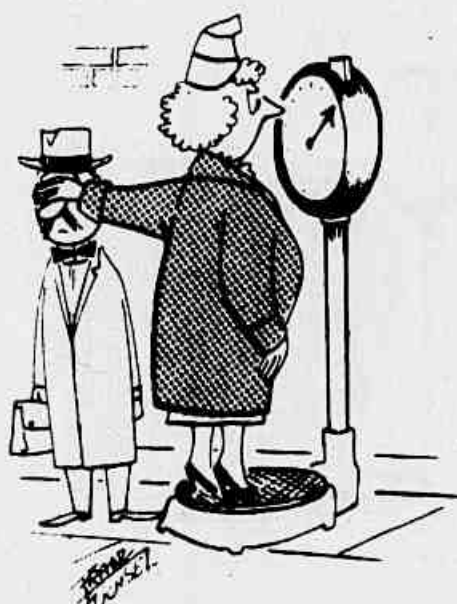
RESPOSTAS: 1 — Lamelirrosto; 2 — Richard Strauss; 3 — John Galsworthy; 4 — Nietzsche; 5 — Nijni-Novgorod; 6 — Torricelli; 7 — Carlos V; 8 — Froebel; 9 — Lautréamont; 10 — Des Moines; 11 — Aristóteles; 12 — Túlio Hostílio; 13 — Haendel; 14 — animal microscópico; 15 — eclipse.



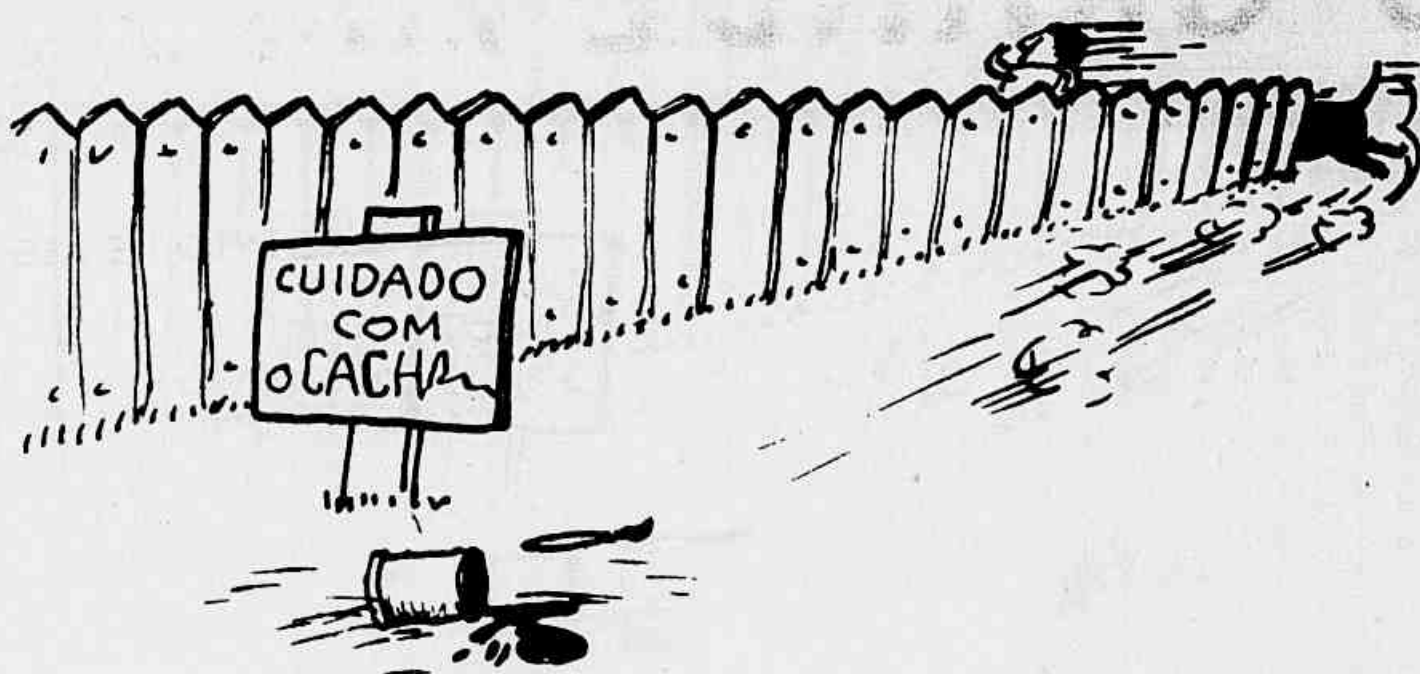
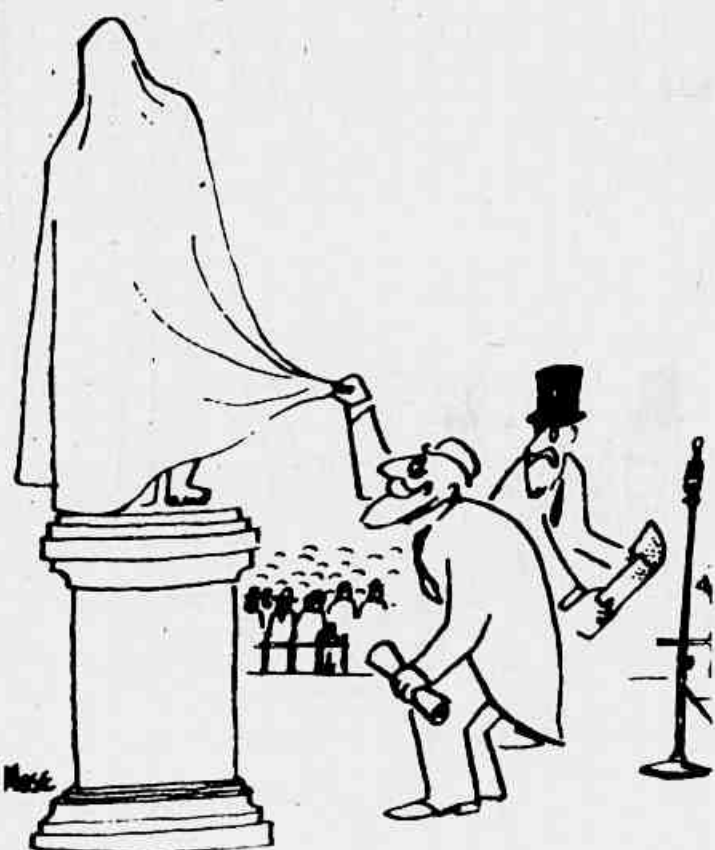
SOCORRO !!!!

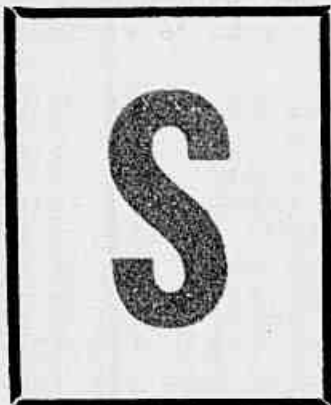


— Não te avisei Matilde, que estavas pesada demais...



— Bem que eu falei que não ia dar certo...





SETEMBRO de 1869. A campanha do Paraguai já se desenhava no fim, enchendo de glórias e heroísmo as forças armadas do Brasil. A passagem de Humaitá, teste de bravura de um marujo brasileiro, no comando do «Barroso», o audaz Artur Silveira da Mota, futuro Almirante Jaceguai, cobrira de louros e elevava às culminâncias

da fama esse indômito argonauta de vinte e cinco anos de idade.

Jovem, culto, entusiasta e patriota, Silveira da Mota tinha um coração aberto aos encantos líricos do amor. Todos os seus mais íntimos amigos de farda percebiam-lhe uma sombra de melancolia no olhar, qualquer manifestação de saudade indefinida e martirizante.

Depois de tantas ações de coragem e audácia nas águas barrentas do Paraguai, Artur Silveira da Mota, cumpria ordens em Buenos Aires, como que se refazendo das vigílias da guerra e do fragor dos canhões às barrancas de Curupaiti e Humaitá. Mas algo de anormal se passava no íntimo daquele bravo. Já não refletia em seus modos a alegre irradiação própria dos jovens de sua idade. Seus colegas de armas estavam preocupados.

— Que se passa com o nosso herói? — Pergunta um tenente.

— Não sei... Mas, pelo que parece, — responde outro — Artur está com uma seta cravada no coração.

— Amor?

— Creio. Lê versos de Lamartine, poemas de Chateaubriand e de Álvares de Azevedo. Já o surpreendi com lágrimas nos olhos.

— É um emotivo.

— Está amando. Quem será a eleita dêsse Tritão invencível?

Havia suposições. O marujo não revelava a ninguém o seu segredo.

Uma tarde, porém, Silveira da Mota recebe uma carta. Sua leitura o trai perante colegas. Todos querem saber porque ele tanto se emocionou ao lê-la. Sorriu e explicou aos dois amigos presentes em seu camarote de comandante do «Amazonas» nas águas do estuário do Prata:

— O Rosendo Muniz está enganado. Meu coração não está sob a ditadura de Adelaide Ristori, como erradamente julga. Nem podia estar. Posso adorar essa veneziana pelo seu talento dramático, por sua voz belíssima; entretanto... — Deteve-se, como se, de momento, temesse prosseguir.

— Entretanto...? — Estimulou um dos colegas.

— ... pertence à Companhia da Ristori a deusa que me tortura aqui em Buenos Aires.

— Sério, Artur?

O oficial fez um gesto de cabeça, afirmativamente.

— Pode-se saber quem é a venturosa eleita?

— Creusa, a noiva de Jasão... — disse ele num suspiro.

— Numa coisa se enganam vocês dois. Eu não estou vendo ao longe a minha deusa ~~estelar~~. Já lhe beijei as mãos num preito de referência aos seus talentos e à sua beleza fascinante, estonteadora!

— Não diga?... Já está assim, comandante?

— Exato, confirmou Artur, e não quero que fique apenas numa adoração artística, num amor platônico. Decidi desposá-la.

Falava sério, resolutamente, como se estivesse diante dos seus comandados do «Barroso»: «Agora, avance meus bravos! Confiai em vosso Comandante, como ele confia em vós.»

Venceria a batalha do Amor, como venceu a passagem de Humaitá, ao fragor infernal de trezentas bocas de fogo nas trevas da noite daquele terrível 19 de fevereiro de 1868? Ou sucumbiria aquele coração tão jovem, dominado pelas intransponíveis barreiras das conveniências sociais cujos preconceitos iriam mergulhá-lo nas angústias de uma paixão ardente?

— E a outra, amigo?

— Foi coisa passageira. Uma paixão aos vinte e dois anos. Parece que encontrarei aqui na Argentina o meu Waterloo.

— O Elisiário...

— O meu companheiro de armas, Elisiário Barbosa, heróico no comando da «Mearim» na passagem de Riachuelo, foi meu confidente; mas aquele amor que nos fez trocar missivas tão cheias de devaneios, já passou como um fogo de barragem. Agora é outra a situação, meus amigos. Eu quero casar-me com Luísa Glech.

— Mas... Artur, não acha que...

— Já sei. Você acha que não devo aventurar-me a casar com uma atriz, porque essa gente de teatro...

— Não é bem isso, meu caro.

— É, sim. Há entre todos nós esses preconceitos. Mas fique sabendo que uma jovem não é menos digna de casar-se com um oficial da Marinha Brasileira pelo simples fato de trabalhar numa empresa teatral. Luísa é moça digna, honesta, descendente de gente limpa; é culta, delicada, e... me ama também.

Naquela mesma noite Artur Silveira da Mota foi ao Teatro Argentina. Contava os minutos antes do espetáculo. Não ia assistir às representações de **Medéia**, nem **Elizabeth**, **Rainha da Inglaterra**, nem **Maria Antonieta**, nem **Soror Teresa**; ia ver e embevecer-se até às lágrimas diante da sua adorada Luísa Glech, que para a maioria dos críticos mais severos, se elevava acima da própria Adelaide Ristori.

O teatro estava repleto do que de mais elegante e fino havia na alta sociedade portenha. O oficial brasileiro lá estava em seu camarote em companhia de outros colegas de farda, curiosos por verem a eleita de Artur. Representava-se pela primeira vez **Fedra**, de Racine, na qual Luísa interpretava o difícil e emocionante papel da princesa Arícia. O enamorado estava inquieto.

— Que sentes, homem!

— É a primeira vez que a vejo nesse papel. Não sei se...

— Acalma-te, companheiro. Somos bastante leigos nesse ramo de arte. Mesmo que haja falhas, desde já te confessamos que nada perceberemos.

remos. D. Pedro II mandou esta carta autógrafa para ser entregue pela Legação à grande artista, a quem ele muito admira e aplaude. Quiseram os deuses que eu fôsse o encarregado de entregar. E vou, mais uma vez, beijar as mãos de Luísa. Até já.

No dia seguinte os colegas lhe perguntaram como é que ele vai arranjar-se quando a companhia da Ristori voltar à Europa, depois da temporada na Argentina.

— Não sei, amigos, não sei, — suspira o marujo. Mas, podem crer, serei capaz de mudar o timão do meu barco e seguir outros horizontes, contanto que não perca Luísa, o meu único objetivo nesta vida.

— Artur!

— Podem crer. Sei que muitos até já me censuram e procuram demover-me do rumo que estou seguindo. O Jarbas Barreto, meu confidente e amigo estava interpretando mal os meus sentimentos para com ela. Ouçam como me falou, há poucos dias: «Vejo que o teu camote por essa atriz italiana pode dar em casamento». Eu lhe respondi que sim, que desejava mesmo casar-me. Ele, então procurou consentir a suspeição e me foi franco e leal: «Bem, se achas que deves casar com uma artista, nada te poderei dizer; mas, se tens outros fins, melhor será que te abstenhas de ir ao teatro, onde a vês quase todas as noites».

— E que lhe respondeste?

— Ora essa! Disse e afirmei com veemência: Quero desposar Luísa Glech, meu caro Jarbas!

Artur não podia mais resistir aos impulsos do seu grande amor, e a atriz também não tinha forças para deter a marcha de sua imensa afeição ao oficial da Marinha Brasileira, mesmo sacrificando sua carreira artística.

E a Ristori? Estaria de acordo com o fatal desfalque em seu elenco? E o pai de Luísa, Giacomo Glech, e sua irmã Graciosa Glech, todos integrando o elenco da companhia lírica?

Artur não podia estar alguns momentos com a sua amada senão nos ligeiros instantes do camarim da mimosa italiana, quando ia cumprimentar os artistas. Da primeira vez que foi, porém, ficou deslumbrado com Luísa. Verdadeiro fenômeno de «amor à primeira vista». Artur, ao vê-la pronunciar com uma voz divina o **Dea vereconda in virginal cintura** na invocação à deusa Diana, sentiu no coração a flechada de Cupido. Para ele a própria Ristori estava ofuscada, completamente destruída pela maravilhosa **Creusa** que tanto lirismo soubera dar aos versos de Giacometti. Quando foi à caixa do teatro cumprimentar os artistas e a viu frente a frente, sentiu na alma o choque de uma paixão violenta, incoercível. E leu no brilho do olhar da artista a reciprocidade dessa simpatia que é o vestibulo do Amor. Daí por diante nunca mais deixou de ir ao Teatro Argentina.

Mas a temporada teatral da Ristori chegava ao fim em Buenos Aires. Silveira da Mota sente cada vez mais a crueldade dessa separação. Já não oculta de ninguém o seu amor, e todos na Companhia Lírica também sabem e se inquietam. Que poderia fazer Adelaide Ristori se Luísa a abandonasse, ainda com tantos contratos a cumprir? E chega a hora das despedidas. Artur, porém, teve a imensa felicidade de

O GRANDE AMOR DO ALMIRANTE J

RENATO DE ALENCAR

Os outros se entreolharam perplexos.

O futuro Barão de Jaceguai riu e, pilheriando, zombou deles:

— Vocês provam que não cultivam a cena lírica. Se fôsseis, como eu, ao Teatro Argentina e vissem um anjo de ternura a interpretar **Creusa**, na **Medéia**, de Legouvê, não ficariam aí com cara de beócios.

— Ahn! — Fêz um deles, dando pela coisa.

— Bom... disse o outro, enquanto o nosso comandante vai ver, de longe, as primas-donas da Arte Dramática em tragédias gregas, nós aqui fazemos a coisa muito mais praticamente, e vamos ceiar e passear com as lindas muchachas portenhitas.

Todos riram. Artur, porém, logo se fez sério.

Silveira da Mota não conteve o riso. Mas tudo decorreu muito bem. Luísa Glech se cobriu de louros e os aplausos foram crepitantes. Ao terminar o espetáculo, Artur pediu aos colegas licença por uns minutos.

— Tenho que ir à caixa do teatro, para entregar uma carta de Sua Majestade.

— O Imperador?

— Sim.

— Sim.

— Para Luísa?

— Não! A carta é para a Ristori. Mas eu aproveito o ensejo...

— Espertinho, hem?

— É que as coisas se sucedem sem que as prepa-

receber ordens do Chefe da Divisão Naval estacionada em Buenos Aires, para seguir para Montevideo comandando o «Amazonas» e ali permanecer até segunda ordem. Silveira da Mota exulta. Teria oportunidade de continuar a ver sua amada por mais uns dias na Capital do Uruguai. Sabe que Luísa Glech, seu pai e a irmã, vão hospedar-se no «Hotel das Quatro Nações». Há despedidas rápidas, e o enamorado da artista veleja para o Uruguai onde chega antes da Companhia teatral.

Quando Luísa o vê em Montevideo não contém os arroubos de sua alegria. Artur a estreita em seus braços e as mais ternas juras de amor saem de seus lábios. A situação melhora para ele. Já não precisa ir apenas ao teatro para ver a eleita de seu coração.

— Não chore, querida, farei tudo para que tais separações não sejam definitivas. Tenha fé e confiança em mim.

• Luísa procurou disfarçar as lágrimas que lhe enchiam os lindos olhos românticos, e suspirou.

Artur a conduziu gentilmente até ao balcão do terraço do hotel, onde poderiam conversar mais à vontade sem serem ouvidos pelo pai da artista.

— Sempre acreditei, Artur, que você agisse para que ficássemos aqui em Montevideu, até à partida do vapor. Eu não quero continuar na Companhia. Desejo ficar ao seu lado.

— Meu amor, — objeta ele com meiguice, estou num país estrangeiro, cujos hábitos e leis não conheço bem. O mais acertado é você, se estiver disposta a ficar no Rio de Janeiro...

— Juro, Artur! — Atalhou ela arrebatadamente.

(Cont. na página 58)

TE JACEGUAI

Visita-a, desde o primeiro dia de sua chegada ao «Hotel das Quatro Nações», e ali conversam como dois velhos amigos sob os olhares do papá Glech e da irmã Graciosa. Era impossível deter esse amor violento e decidido. Mas o destino de ambos continuava a movê-los para separá-los. A demora em Montevideu era pequena. Menor do que a de Buenos Aires. Por sua vez Silveira da Mota acaba de ser nomeado comandante do «Vital de Oliveira», com ordem de partir para o Rio.

— Meu amor, disse ele naquela tarde quente, deverei seguir para o Rio amanhã.

— E nós embarcaremos para o Brasil depois de amanhã, no navio inglês que está no pôrto, disse ela perturbada.

estacio-
ntevideu
até se-
oportu-
mais uns
Glech,
otel das
o ena-
e chega

ntém os
em seus
de seus
precisa
coração.



Por M

K

lago.
partid
— M
tarde
— C
gum
A e
no ap
Nes
— M
—
me q
procu
Um
nores
todos
como
onde
o qu

KAPI

Qu
estav
Só
o no
tênci
idéia
os d
O
de r
rente
infor
—
mod
para
Fi
dênc
pale
se v
nha
pitz
é b
sóri
A
entr
entr
que
deit
T
men
veto
Jam
faz
ma
pist
este
seu
T
ant
—
—
—
cá
de

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Desenho de RAMON

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay
(Continuação do número anterior)

KAPITZA, que dorme desde Batoum, não se levanta para descer em Tiflis. Deve dormir a sua quota diária. Quando no laboratório, pode trabalhar semanas inteiras sem um minuto de repouso; mas, fora desses períodos excepcionais, nada deve modificar o seu rigoroso estilo de vida.

Apenas loco o solo de Tiflis, entra na sala de controle e recebe as minhas instruções: devo aterrissar em Sevang, sobre um pequeno planalto próximo de um vale, onde há um lago. O inspetor do distrito aconselha-me, vivamente, a prorrogar a partida para o dia seguinte. Crê que anda fazendo um voo de estudos.

— Mesmo os pilotos que conhecem a região não ousam aterrissar tão tarde — disse ele. — Quanto mais o senhor que é um estranho.

— Quer dizer que eu devo alterar o meu horário? Não. De modo algum irei despertar Kapitza a fim de avisá-lo. Partiremos.

A escala era mais longa do que eu pensava. Retomo o meu assento no aparelho.

Nesse instante, um riso bem conhecido me surpreende. Abram loife!

— De onde vens saindo? — Perguntei, com asparto.

— Aborreço-te a minha presença, não é? És pior que o sentinela que me quis reter. Iermak mostrou ter mais espírito do que tu: ele, me veio procurar.

Uma mão invisível parece haver preparado a nossa rota em seus menores detalhes. Durante as descidas sobre os vários campos de aviação, todos julgavam-me um piloto em treinamento. Nos postos de controle e de comando, todos dão a impressão de não saberem coisa alguma. Mas, onde quer que eu chegue, tudo se acha meticulosamente arranjado. É o que observo desde o primeiro dia.

KAPITZA DORME

Quando aterrissar no planalto de Koutchoung, quase às escuras, lá estavam dois automóveis prontos para conduzir meus passageiros.

Só mais tarde é que vim a saber que dois aviões de caça escoltaram o nosso. O papel desses aparelhos de combate seria nos prestar assistência em caso de aterrissagem forçada. Tudo isto, reforça em nós a ideia de que realmente somos livres de todos os movimentos. Entretanto, os detalhes... os menores detalhes são previstos...

O Hotel de Koutchoung está vazio. Trata-se de uma estação climática de renome, onde os banhos de Sevang são muito freqüentados. O gerente do hotel é ávaro de palavras. Com solicitude e brevidade, ele me informa:

— Os trabalhadores só começarão a chegar daqui a uns 15 dias. De modo que no momento não há um só hóspede. Mas, tudo está pronto para os senhores.

Ficamos no terceiro pavimento, do qual ocupamos todas as dependências, certos de que assim nenhuma orelha indiscreta ouviria nossas palestras. Mas logo o terceiro andar tornou-se «tabou». Era lógico que se visse, como é normal, os sentinelas da N.K.V.D. postados nas vizinhanças. Mas não há ninguém que dê atenção aos recém-vindos. Kapitza proibiu toda manifestação policial. A explicação para o fato é bem simples: o hotel se acha em reparos e um emadeiramento provisório vem confirmar esta versão.

Após um ligeiro almoço e um banho reparador, todos os passageiros entraram em seus quartos. Eu faço ainda uma ronda, e noto perto da entrada principal a presença de dois estranhos. Tal fato dá a entender que os desejos de Kapitza não foram absolutamente, atendidos. Vou deitar-me.

Tudo é calma e silêncio. E este silêncio mortal arranca-me bruscamente o sono. Não ouço mais a tosse seca e persistente do fumante inveterado que é Kapitza. Salto do leito: o quarto vizinho está deserto! Jamais tive a intenção de velar por ele como uma mãe afetuada o faz com o filho, mas eu sei que ele não está armado. Sem dúvida Iermak está em sua companhia, mas tenho certeza de que não leva uma pistola no bolso. Apronto-me e saio depressa. Claro que ele não devia estar longe. Com efeito, o encontro dentro do lago, acompanhado de seu cão.

Tranquilizado, penso em me afastar antes de ser visto por ele. Mas antes que o lago, ele sai da água e se aproxima de mim.

— Quanto te pagam para me espionar?

— Para lhe proteger seria mais exato — respondo eu.

— Minha governanta, então? — Exclama Kapitza com ironia.

— Se lhe agrada. O sr. está desarmado.

— Meus cumprimentos! Vejo que tens espírito — insistiu Kapitza, sarcástico. Entretanto, não deves ficar inquieto; Iermak está comigo.

— Iermak não estudou num manual de patrulheiros — disse eu. — E depois, ele não serve de couraça contra balas.

— Está bem! Vem comigo, se queres. Mas proibo-te de me seguir... de me SEGUIR!

AS TRÊS MULHERES DE KAPITZA

Um cabrito cruza o nosso caminho sem que Iermak lhe dê a menor atenção. O cão marcha, seguido de perto pelo seu dono.

— Possuir algum cão? — Pergunta-me Kapitza, bruscamente.

— Possui, sim — diz molemente.

— Minha mulher me enganou uma vez. Conta-lhe a história em algumas palavras. Ele me escuta com ar muito distraído. Seus pensamentos estão longe.

— A nossa sorte é idêntica — disse ele. — Vais requerer o divórcio? A maneira desdenhosa com que falou, deixa-me colérico.

— Só tenho uma mulher — replico. — É a mãe do meu filho. O seu exemplo não me diz respeito.

— Que tenho eu a ver com isto?

— O senhor é divorciado, não é?

— Sim, é verdade... O juiz não me deixou escolher.

Sua resposta me surpreende. Tivesse ele comparecido ante o juiz soviético, tudo estaria resolvido em menos de vinte minutos.

— Mas o senhor é casado com Nadejda Tchernosvitova, não é verdade?

— Não é bem a Tchernosvitova que morava no hotel comigo, mas Natasha, a irmã gêmea da minha esposa.

— E... sua mulher?

— Não já te disse que o juiz não me consultou? O juiz supremo...

— Ela, então... está morta? — Exclamei, confuso.

— Sim. Por causa dos sofrimentos de que fomos vítimas durante a nossa fuga da Rússia.

— E seus filhos? Aquêles que o senhor mandou buscar na Inglaterra depois do seu acôrdo com Stalin?

— Não. Esses são os que Ana me deu.

— Ana Alexeievna? — Perguntei incrédulo.

— Deves conhecer o pai dela.

Não compreendo mais nada. Como é que a filha de Krylov, o grande matemático russo que eu via em Moscou freqüentemente antes de Kapitza voltar à Rússia, pôde ser a mulher de Kapitza na Inglaterra?

— Quer dizer que o senhor é casado há muito tempo? Casou-se na Inglaterra?

Minha surpresa não conhece limites.

— Isto não é impossível — disse Kapitza com secura. — Na Inglaterra o casamento não é proibido.

— E ninguém sabe?

— Quase ninguém. Do contrário, teríamos de mandar publicar no PRAVDA um anúncio do nosso casamento. Deves duvidar do que se teria passado!

Eu nem sempre compreendo.

A filha de Krylov fazia parte desse grupo de sábios que, por volta de 1920, dispunha de um visto permanente para sair do território russo. Ela havia passado várias temporadas na Inglaterra. E Kapitza casou-se com ela após a morte da sua esposa, em 1926. Esta união era secreta a fim de não pôr em perigo a vida de Ana Alexeievna, que entrava freqüentemente na Rússia para ver o pai. E' preciso não esquecer, que a esta altura, Piotr Kapitza figurava na lista dos emigrados.

(Continua no próximo número)

◆ Kapitza, juntamente com um imenso grupo de sábios soviéticos, realiza, silenciosamente, as experiências científicas que dariam à Rússia a supremacia das armas atômicas. Alya Ehremburgo, o famoso romancista contemporâneo, move uma campanha de descrédito contra esses cientistas com o intuito de desviar a atenção dos observadores ocidentais das pesquisas atômicas que se vêm realizando em território russo. Idanov é quem lidera a campanha. Enquanto isto, Kapitza e seus auxiliares partem para a Mongolia onde devem fundar as famosas cidades atômicas. Nestas seriam levado a efeito as experiências secretas. Mas entre alguns dos que tomam parte desta comitiva reina um certo nervosismo, uma certa apreensão, especialmente entre aqueles que tomam conhecimento de certos fatos da vida passada de Kapitza, quando êle residia em Londres.

LEONIDE MASSINE

O MAIOR COREÓGRAFO DO MUNDO

FALA SOBRE O MUNDO DA DANÇA

O ÚNICO SUCESSOR DE DIAGHILEV★ NINGUÉM JAMAIS DANÇOU COMO ANA PAVLOVA ★ É PARTIDÁRIO DO «BALLET» SEM MÚSICA, MAS NÃO CONHECE NADA TÃO PERFEITO QUANTO A COREOGRAFIA SOVIÉTICA (QUE VIVE EM FUNÇÃO DA MÚSICA...)

Reportagem de FERDINANDO PEIXOTO

Fotos de A. FERREIRA

DETRÁS DOS BASTIDORES

FOMOS encontrá-lo profundamente empenhado nos ensaios do corpo de baile do nosso Teatro Municipal, o qual será por ele orientado durante mais de dois meses. Leonide Massine, em mangas de camisa, ordenava e contra-ordenava, empregando uma terminologia técnica apenas compreendida pelos seus dirigidos, que rodopiavam e faziam exercícios sobre o palco ritmados pelo comando: um, dois, três, quatro... um, dois, três, quatro...

Massine recebeu-nos com velada amabilidade. E enquanto o assistente, seu substituto eventual, comandava os «brotinhos» que giravam em torno da barra ou saltavam de um para o outro lado do vasto palco, o famoso ex-bailarino e hoje o maior coreógrafo do mundo, palestrava conosco, manejando um espanhol bem disciplinado.

O RIVAL DE TERPSICORE

Ao lhe perguntarmos se realmente considerava-se o maior coreógrafo vivo, Massine sorriu modestamente.

— Meu amigo, confesso-lhe que tenho muito medo dos meus futuros biógrafos. Não vá interpretar mal essas minhas palavras. Mas sempre que me fazem tal pergunta, dou um sorriso como resposta...

Claro que não nos demos por satisfeitos. Queríamos algo de mais positivo, uma palavra que desse uma indicação da sua verdadeira posição dentro da coreografia contemporânea. Insistimos, mas já agora num outro tom:

— Dizem que o senhor é o único discípulo do grande Diaghilev. É verdade isto?

Massine sorriu novamente, balançando a cabeça:

— Muita gente tem dito isto pela imprensa e nas críticas que têm feito às minhas criações

artísticas. Na realidade, considero-me apenas um discípulo desse homem de cultura colossal. Vejo-o como a maior figura do «ballet» de todos os tempos, e procuro acercar-me dos seus ensinamentos, porque sinto que somente assim conseguirei espetáculos da mais alta poesia, melhores quadros musicais e mais genialidade na concepção coreográfica. O grande sonho da minha vida de artista é atingir a perfeição literal do fabuloso mestre russo. A meu ver, não desmerecendo a legenda grega, Diaghilev é o rival de Terpsicore, a musa que preside a dança.

ANA PAVLOVA — O APOGEU DA POESIA DO MOVIMENTO

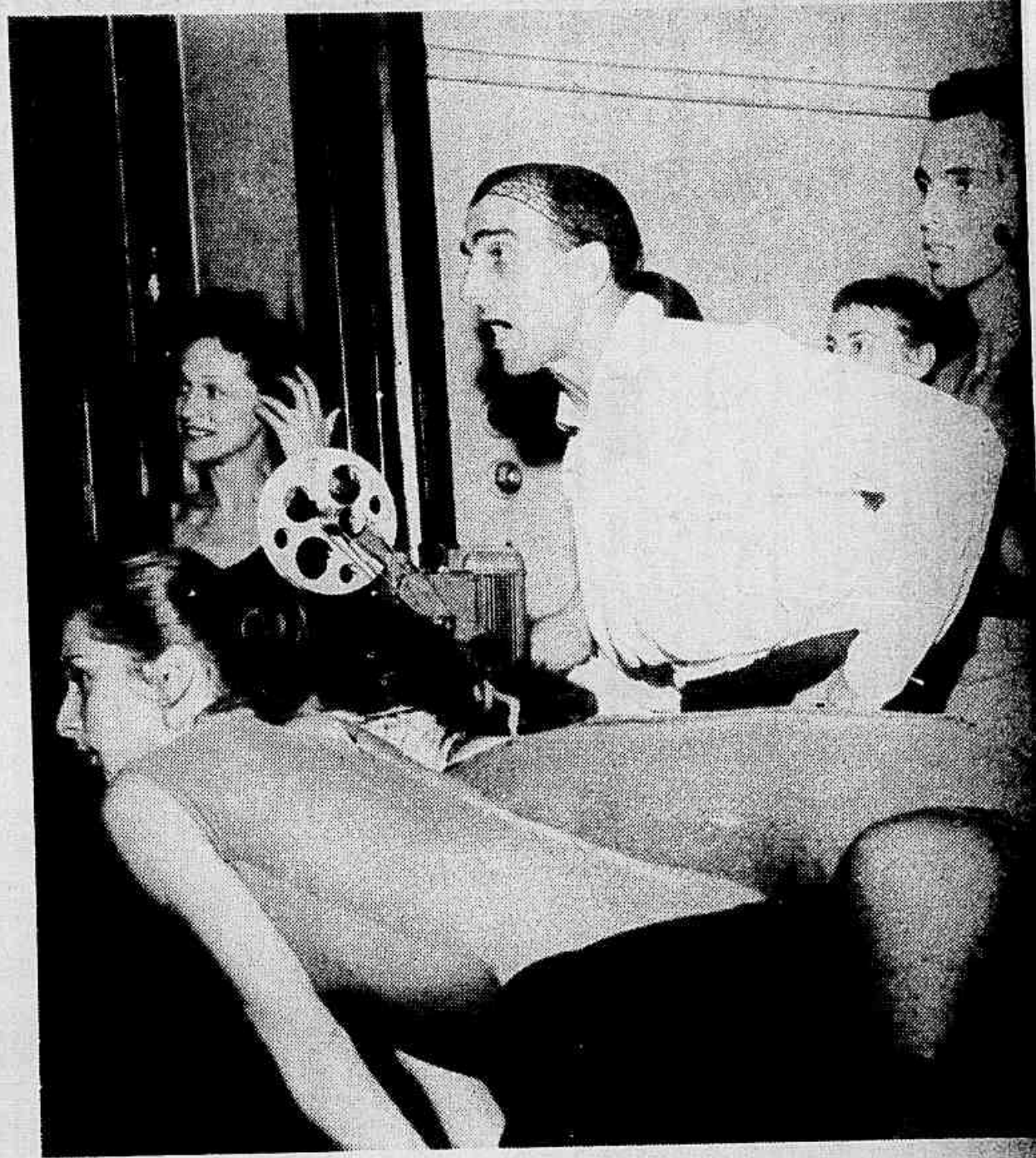
O olhar sempre fixo nas figurinhas femininas que voluteavam sobre o tablado e não perdendo um só de seus lances, Massine parecia querer continuar falando do seu grande ídolo — Diaghilev. Não permitimos, entretanto, que assim acontecesse, pois era nossa intenção perguntar sobre várias outras coisas. Quando indagamos qual a maior bailarina da atualidade, o mestre russo olhou-nos intrigado, como se dissesse: «Puxa! Pelo que estou vendo você tem mesmo a mania de querer saber qual o maior nisto e o maior naquilo!» Porém, não hesitou:

— É coisa difícil de saber-se. Maria Tallchief, Galina Ulanova, Alicia Markova, Tamará Toumanova, Irina Baronova: todas são bailarinas dotadas de apreciáveis qualidades. Uma sobressaem pela expressividade e realismo dramático, outras pelo rigor da técnica. Nenhuma delas, no entanto, consegue reunir todas as virtudes da inesquecível Ana Pavlova, que, segundo penso, representa o apogeu da poesia do movimento em si.

NA RÚSSIA HÁ MAIS PUREZA

Tínhamos a intenção de perguntar qual o maior «ballet» do mundo, do ponto de vista na-





A FRENTE do Corpo de Baile do Municipal do Rio de Janeiro. Leonide Massine — o maior coreógrafo contemporâneo, na opinião dos entendidos — já começou seu trabalho, que certamente há de render juro e frutificar. É um homem afável, a quem a celebridade não tirou a simpatia. A cada membro do Corpo de Baile, dedica o máximo de sua atenção e de seus conhecimentos.



Leonide Massine



DISCÍPULO DE DIAGILEV — O HOMEM QUE REVELOU AO OCIDENTE A ARTE INEXCEDÍVEL DOS BAILARINOS RUSSOS — MASSINE CONHECE A

dança! Mas onde a coreografia para enfrentar um outro olhar de tão completamente diferente como o que nos trouxe a longa história da dança? Respostas: muitas as esperanças.

— Que nos dá o sentido das novas tendências da «dança» soviética? E resta que se peça pela modernização «soviética»?

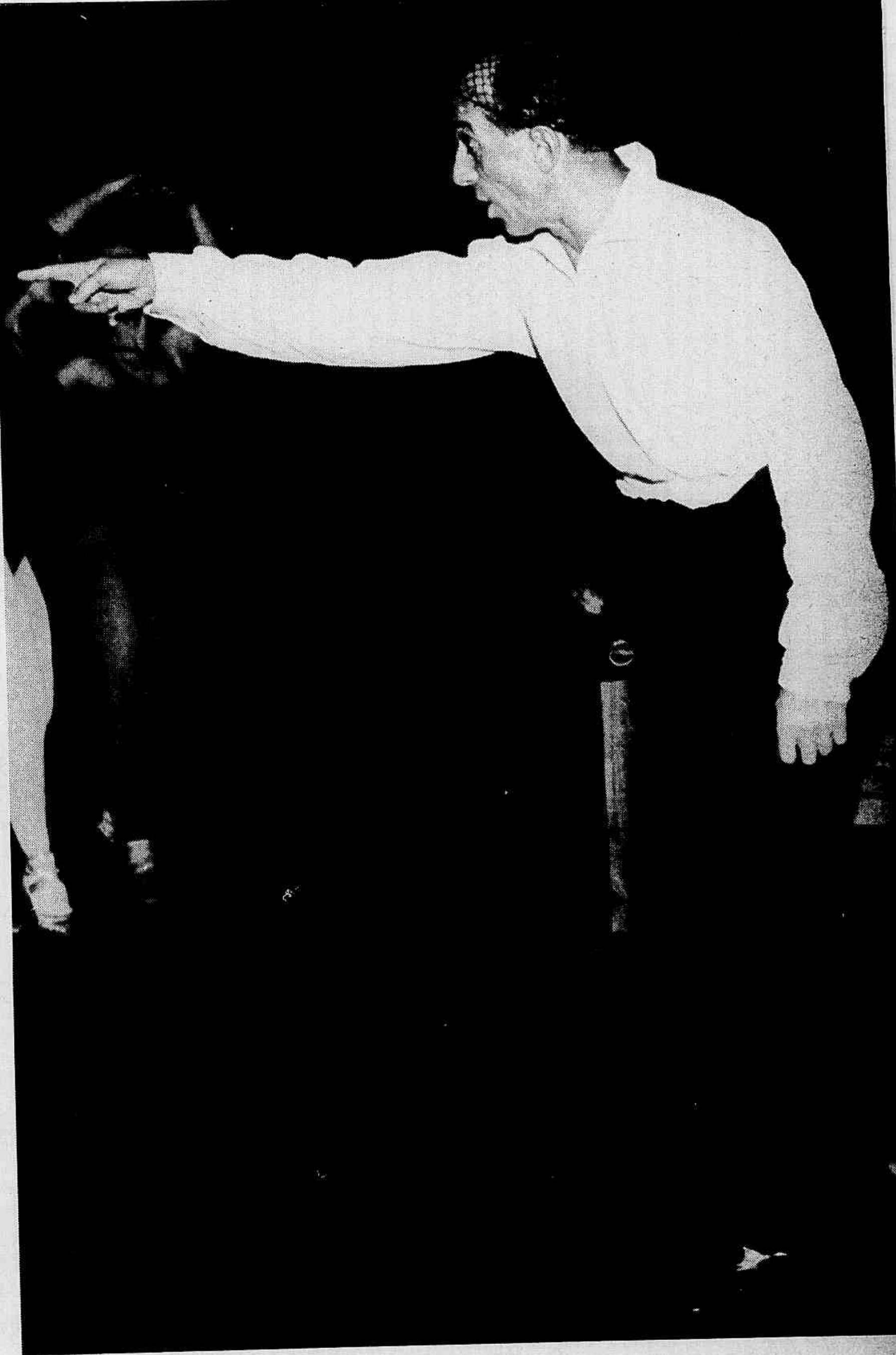
— De momento alguma. Assisti na «dança» soviética há um ano, pela primeira vez em Paris. Nunca vi nada igual ao que vi lá. — Mas, de momento, não se aplica ainda a sua expressão? — Para dizer-lhe a verdade, sinto-me literalmente desorientado. O mundo da dança de Moscova é maravilhoso, fascinante, grandioso, para a dança, mas não é a dança que se vê, é a dança que se vê.

monumental coreografia existente na Europa e aqui na América. As grandiosas que o integram são, para grandes bailarinos, dotados de profunda expressão humana. Lembro-me que tive a oportunidade de ver 31 bailarinos, formando um conjunto incrivelmente homogêneo.

ISADORA DUNCAN E A DANÇA PURA

Falta descrever e falar com o assistente. Desejo qualquer coisa, propondo para uma jovem bailarina que ensaiava um trecho do «Capriccio» de Liszt. Depois, vários outros, um movimento de mãos. Ao voltar para onde estava, descobri-me novamente, e prossegui.

— Você quer mesmo saber se acho viável a «dança» sem música, não é? Pois bem, os meus primeiros trabalhos foram sem música. Dentre eles posso citar «Anunciação», «Nascimento de Cristo», e «Jardim das Oliveiras». A dança dos povos africanos não contém elemento musical. Mas não vá pensar que tal concepção seja primitivista. Todos sabem que a precursora da dança pura foi a genial bailarina norte-americana Isadora Duncan, considerada por muitos como a maior tendente coreográfica de todos os tempos. Modernamente, entretanto, não obstante as tentativas que se têm feito na França e nos Estados Unidos, nunca são as formas que não contém elemento musical.



DANÇA EM SEUS MÍNIMOS DETALHES. MAIS DO QUE UM MESTRE, É UM COMPANHEIRO MAIS VELHO DOS JOVENS FUTUROS BAILARINOS.

TCHAIKOWSKY E RAVEL — OS MAIORES

Ao indagarmos se considerava a dramaticidade elemento imprescindível no desenvolvimento coreográfico ou se era partidário absoluto do movimento espacial em si, o discípulo de Diaghilev, antes de responder, queixou-se, dizendo que a pergunta encerrava um problema muito complexo, difícil de ser sintetizado em poucas palavras. Optou, entretanto, pela afirmativa, concluindo que não é possível dança sem dramaticidade. Para ele, o aspecto dramático é básico em qualquer desenvolvimento coreográfico.

— E, senhor Massine, para o seu apuradissi-

mo gosto qual a obra musical mais compatível com o espírito da dança?

— Não é fácil escolher uma entre muitas obras de vários autores. Mas podem ser citadas, no passado, as de Tchaikowsky, como o «Lago do Cisne» e «A Bela Adormecida no Bosque». Modernamente, as composições de Maurice Ravel e Paul Hindemith são as mais adaptáveis à coreografia.

O BRASIL PRECISA MOSTRAR-SE AO MUNDO

A esta altura, resolvemos arriscar uma perguntinha sobre o corpo de baile do Municipal. Massine manifestou a sua satisfação pela boa

vontade e espírito de colaboração demonstrados por todos. De início, considera-se vitorioso pelos progressos verificados em apenas alguns dias de ensaio. E sem dar tempo para que prosseguíssemos em nossa inquirição, acrescentou num tom cheio de exaltação:

— Esta terra de vocês é um encanto. Possui uma incalculável riqueza folclórica, o que deve ser estudado para mostrar ao mundo que no Brasil não existe somente o samba e o café-concêrto. Por isso, estive, no início, dos meus estudos, em Recife e na Bahia, com o fim exclusivo de conhecer melhor o «candomblé» e muitas danças típicas do nordeste. Fiquei en-

Leonide Massine



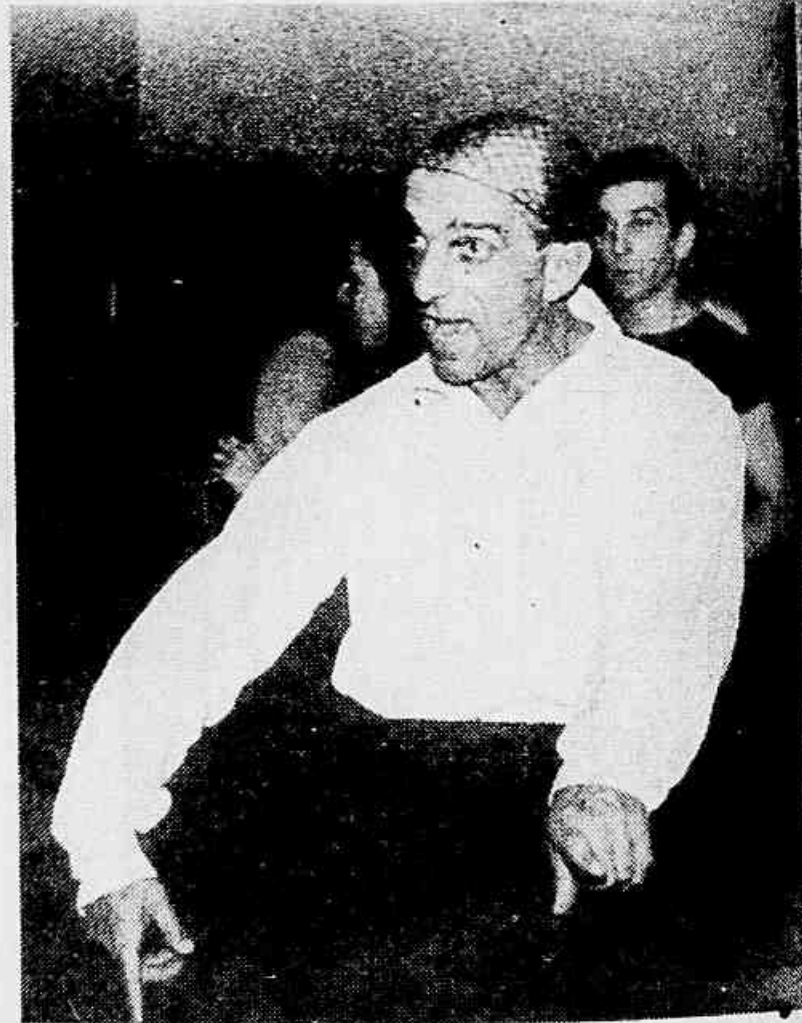
NESSE INSTANTÂNEO, ENTRECRUZAM-SE DUAS GERAÇÕES, ANIMADAS AMBAS POR

uma paixão pela música, ao mesmo tempo que surpreendida com o valor artístico da pessoa. É, portanto, o primeiro passo de uma investigação que aqui, durante esta pequena reunião, na peça «Cavalleria», com música de seu grande companheiro Heitor Villa-Lobos,

libreto de Tiago de Melo e guarda-roupa de Di Cavalcanti, que apresentarei em primeira mão, em dezembro, no Teatro Scala, de Milão.

Infelizmente, o avanço da hora (eram quase 8 da tarde) e a necessidade que ele tinha de voltar ao ensaio, não permitiram que conti-

núdssemos palestrando com essa figura simpática e gentil que é Leonide Massine. Era nosso propósito saber algo sobre a sua vida de homem e de artista. Mais uma vez furtou-se, aliás com o tato e a finura que o caracterizam, a satisfazer a nossa curiosidade.





UM ÚNICO E INCOMENSURÁVEL AMOR AO MUNDO MARAVILHOSO DA DANÇA.

MINHA VIDA ESTÁ NO LIVRO

— A minha vida é a dança. Nada mais faço e nada mais quero. Quanto ao resto, se é que você está mesmo interessado em saber, deixe comigo o seu nome e endereço para que eu possa enviar-lhe o meu «Tratado Técnico de

Coreografia», livro que farei publicar dentro em breve e em cujas páginas, além de ventilar os máximos problemas da coreografia, conto muita coisa de minha vida no mundo da dança e no mundo dos homens. Está bem assim?

— Ótimo, senhor Leonide. Estou plenamente

satisfeito. Encantado com a sua delicadeza de russo transplantado para o mundo ocidental. A propósito, é verdade que os compatriotas de Dostoiwsky só parecem amáveis quando vivem fora de sua terra?...

Um sorriso franco de sua parte foi a resposta.



CUTADOS PELOS SEUS DISCÍPULOS. É UM MESTRE SEVERO, QUE TEM PACIÊNCIA PORÉM TAMBÉM SABE QUANDO ADMOESTAR.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

NOTAS E INFORMAÇÕES

RECEBEMOS O último número da revista «Américas», editada pela União Pan-Americana. Traz variadas colaborações entre as quais avulta uma síntese da Literatura Argentina.

X X X

A Livraria São José, de Carlos Ribeiro, comemorará com um coquetel o lançamento do centésimo caderno de Cultura, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Simeão Leal espera completar o primeiro cento de suas procuradíssimas edições dentro de mais alguns dias.

X X X

JUAREZ TAVORA, que compareceu não faz muito tempo à livraria São José a fim de autografar seus livros «Petróleo para o Brasil» e «Produção para o Brasil», brevemente lançará, sempre pela José Olympio, «Organização para o Brasil».

X X X

PELAS EDIÇÕES o Cruzeiro, João Condé editará seus apreciados «Arquivos Implacáveis».



Juarez



Bandeira

LUÍS MARTINS, poeta e ensaísta carioca de há muito radicado em São Paulo, completará cinquenta anos em 1957. O editor Martins pensa em editar, para comemorar o evento, um volume de suas crônicas, sob o título «Foot-ball de Madrugada». Martins, que esteve no Rio há pouco, tenciona igualmente reeditar seu romance «Lapa», de há muito esgotado.

X X X

A FAMÍLIA de Artur Ramos vendeu por um milhão de cruzeiros a Biblioteca daquele saudoso homem de letras brasileiro. Tomara é que não aconteça com ela o que já sucedeu com Abraão de Carvalho.

X X X

MANUEL BANDEIRA vem de ser aposentado — em caráter extraordinário — por lei especial, como prova de reconhecimento pelos relevantes serviços por ele prestados à cultura nacional. Bandeira, que atingiu os 70 anos sem ter tido jamais, por motivos alheios à sua vontade, oportunidade para submeter-se ao exame para a cátedra da disciplina que regiu como livre docente na Faculdade Nacional de Filosofia — Literatura Hispano-Americana —, poderá agora dedicar-se unicamente aos seus afazeres literários, sem preocupações de ordem material. O projeto de lei, agora aprovado pelo Congresso e já assinado por Juscelino Kubitschek, foi de autoria de Carlos Lacerda.

ARTE

FAIGA OSTROWER, GRAVURAS



Faiga

• No mesmo recinto em que Van Heel apresenta-se aos cariocas, Faiga Ostrower expõe suas últimas gravuras, lado a lado com tecidos de sua idealização. Um figurativo, e para contrabalançar, um abstrato. Há, nessa exposição de Faiga — e para só tratarmos das gravuras — uma exibição virtuosíssima de procedimentos técnicos dificilmente igualável, na atualidade, pelos artistas de sua geração. Faiga, trabalhadora séria, sabe lidar com os vários métodos que compõem a difícil arte do gravador. A xilografia, a zilografia a cores, a

aguatinta, tudo mereceu de Faiga Ostrower atenção. Os resultados de sua aplicação já estão sendo visíveis, nessa mostra, a mais importante por ela realizada, a nosso ver, nesses últimos anos.

Entre as gravuras expostas, achamos sobremaneira interessante a que tem por demonimação «Triptico», e mais duas ou três que compõem o Album de Dez Gravuras, vendido, em tiragem limitada, pela artista, aos amadores de arte. E' no preto e branco — portanto, nas cores por excelência da gravura — que a arte de Faiga Ostrower não nos convence integralmente. Sempre que há cor, Faiga sabe tirar partido dos contrastes de tonalidade, atirando os vários matizes — em geral três ou quatro, não mais — sobre a superfície com felicidade e mestria. Já no preto e branco, não podemos dizer o mesmo. As gravuras de Ostrower, então, nos parecem de certo modo estereotipadas, concebidas em série, e — o que é pior — tecnicamente deficientes, com empastamento do material gráfico. Gravura pouco limpa, em suma. Isso não significa, porém, que repudiemos a arte abstrata de Faiga Ostrower. Absolutamente. Apenas pensamos que essa arte, que do ponto de vista estético pode suscitar entusiasmo ou incompreensão, do pon-

to de vista técnico ainda pode depurar-se, para que afinal Ostrower, moça ainda, e já possuidora de considerável cabedal de conheci-

mentos, possa dispor a seu prazer de seus instrumentos, e com eles, dedicar-se por completo à tradução de sua mensagem de arte.

JAN VAN HEEL, PINTOR HOLANDÊS

Apresentou-se no salão de exposição do Ministério da Educação e Cultura o artista holandês Jan Van Heel, nascido em 1898, e que já ocupou — e ocupa ainda — importantes cargos junto à direção dos mais famosos museus neerlandeses. Sua mostra, apresentada por pouco menos de duas semanas, entre 4 e 15 de setembro, foi patrocinada pelo Serviço Holandês de Informações e pela K.L.M., e talvez tenha ficado algo prejudicada devido à coincidência de se estarem apresentando, no Museu de Arte Moderna, inúmeros gravadores holandeses contemporâneos, numa enorme e interessantíssima mostra coletiva. Jan Van Heel apresentou ao público carioca uma extensa série de guaches, alguns excelentes — como por exemplo o de número 27, um Retrato soberbo, apoiado por composição inteligente e agradável aos olhos. Aliás, esse artista, figurativo, tem especial predileção pelo rosto humano, de que existem, em sua mostra atual, várias reproduções. Porém cultivava também outros temas. Muitos animais,

por exemplo, se bem que nenhum mais misterioso do que o soberbo «Gato» visto sobre o telhado, ao lado de um gato menos inçado de poesia: galinhas, um elefante, corvos...

Também interiores em número significativo aparecem na exposição. Alguns recordam, de longe embora, os interiores de Van Gogh. A mesma dramaticidade do genial brabantino está por vezes presente em alguns trabalhos de Van Heel. E' pena que não tenhamos visto sua pintura a óleo, que a equivaler aos guaches, deve ser pintura limpa e convincentemente dramática. Van Heel tem especial predileção pelos tons claros e pelos temas quotidianos. Não é um artista nó-dico, no sentido em que nórdico é um Munch, por exemplo. Sente-se, nele, o homem que já viajou muito, que conheceu o sol de várias e distantes terras, e que soube colocar sua pintura acima de influências geográficas, para torná-la uma súmula da claridade de todos os países que já visitou.

GILBERTO AMADO MEMORIALISTA

♦ O TERCEIRO volume das Memórias de Gilberto Amado recentemente aparecido, no mesmo dia em que o Embaixador punha de novo os pés no Rio, de volta de uma de suas constantes peregrinações pelo mundo, é um modelo para tudo quanto, no gênero, vier a ser tentado de futuro, entre nós (1). Dos livros de memórias recentemente aparecidos, nenhum nos pareceu, como esse, dotado de tantas qualidades positivas, de estilo e de conteúdo. É livro que atrai de imediato a atenção do leitor, e que abrange apenas cinco anos de vida — extraordinariamente rica de seiva, aliás — do autor, de 1910 a 1914. Esses anos serviram para projetar Gilberto Amado do ponto de vista jornalístico, político e literário: trouxeram-lhe, aos vinte e poucos anos, uma cátedra de Direito Penal em Recife, e terminaram por levá-lo à Europa, numa primeira viagem sempre inesquecível. Foi em 1911 que Amado aproximou-se de Pinheiro Machado; e em 1913 apareceria «A Chave de Salomão», até hoje considerado por muitos como o melhor volume do sergipano.

O que de saída impressiona ao leitor já cansado da limitação vocabular de tantos escritores brasileiros da atualidade, é o vocabulário extenso, dúctil e que nada tem, todavia, de pedantesco, de Gilberto Amado. Porque ele sabe, muito bem, até que ponto pode um escritor penetrar na intimidade dos dicionários, sem tornar-se precioso como por exemplo aquele Coelho Neto, a quem critica a respeito da «adaga» insólita com que Macambira liquidou o filho do seu Senhor, em «Rei Negro» — adaga, aliás, já bastante criticada por Lúcia Miguel Pereira. Sem arroubos de erudição (não diz ele acaso que a erudição é um dos males que afligem o estudioso brasileiro?) ministra Gilberto Amado verdadeira aula sobre as origens e o espraçamento da recurvada arma, de origem européia, e não asiática, como pensávamos.

Outra qualidade do livro é a fluência. Principiado no Rio, prosseguido em Genebra e no Rio e afinal concluído em Nova York, entre março e outubro do ano passado, certamente escrito nos intervalos que lhe permitem a afanosa e brilhante carreira diplomática, o livro não apresenta qualquer desnível, sendo ao contrário uma peça inteira, que se lê sem qualquer quebra de interesse.

Mas o livro apresenta mais. Por exemplo: uma valiosa coleção de retratos, alguns de corpo inteiro, outros, esboços apenas. Entre os primeiros está um, excelente, de João do Rio, daquele Paulo Barreto que, possuindo embora talento, esvaiu-se em um mar de futilidades pela necessidade indomável que tinha de aplausos. Há outro retrato importante, de Pinheiro Machado. Retrato de amigo, de admirador, mas a que não faltam as cores fortes da sinceridade.

Dentre os esboços, são particularmente interessantes os de Graça Aranha, que Amado foi encontrar na Holanda, como embaixador do Brasil em Haia; o do jogador Zografos, o grande apostador de Monte Carlo que, durante a guerra, com os cassinos fechados, passava dias inteiros a jogar paciências; o de «Baco», aquele incrível chefe de Polícia analfabeto de Aracaju, que fôra juiz municipal e de paz, para afinal ser nomeado por Siqueira de Menezes para a chefatura; o de Valadão, afinal, homem seco, incapaz de um derramamento afetivo, que fôra na mocidade poeta, até razoável poeta.

Outra qualidade que notamos no livro em questão é que o autor, apesar de ter organizado cronologicamente suas reminiscências, não se ateve rigidamente a tal esquema, e por vezes dá saltos para o futuro ou para o passado, segundo o interesse e a importância do que tem a dizer. Também é interessante salientar a acuidade crítica de Gilberto Amado, que se pronuncia sobre homens e livros com autoridade e sem receio de ferir velhos medalhões. Assim, analisa em dois ou três rápidos traços as «Memórias Póstumas de Braz Cubas», em Machado de Assis surpreendendo mesmo certo pedantismo facilmente compreensível, se levarmos em conta o temperamento esquisito e complexo do escritor maior. Viu sua preocupação, por exemplo, em escrever «Muhammed», e não Maomé, e em não citar La Rochefoucauld, a despeito de serem, quase todas as frases do capítulo CXIX, «disfarces mal encobertos de preceitos do moralista francês». Dá uma sarrafada em Anatole («superado, superadíssimo»), reconhece em Rilke o «fino artista e maior esnobe», etc.

Quando Gilberto Amado não entende de algum assunto, confessa-o sem reboços, sem falsa modéstia. É o caso da Pintura. Conheceu mesmo Modigliani de raspão, em Paris, viu «La Goulue», o célebre modelo tido por Toulouse-Lautrec para algumas de suas mais conhecidas telas sobre o Moulin-Rouge. Mas diz, singelamente, que não consegue entender de Pintura, em sua essência, em seus fundamentos.

Outra faceta que surge, aqui e ali, através das inúmeras cenas interessantes que aparecem no livro, é a de Gilberto Amado poeta. Sobre suas idéias a respeito de Poesia e de poetas, diz melhor esse pequeno trecho: «Poesia é concretude. Um poeta o é porque vê, sente, ouve, cheira, palpa mais concretamente do que os outros indivíduos, isto é, as coisas, os sons, os perfumes, as formas se lhe manifestam com maior intensidade do que ao comum dos mortais. Poeta e abstração são antinômias. Só os ignorantes é que pensam que os poetas sonham. O maior poeta é, na sua arte, o mais prático dos indivíduos. Seu negócio é com a realidade. Dela se assenhoreia, como o proprietário da terra, e lavra-a, como o trabalhador o campo. Todo assunto é poético para o poeta».

Mais ou menos o mesmo disse Carlos Drummond de Andrade, em seu poema «Mãos Dadas». Não é porém das idéias de Gilberto Amado sobre Poesia, porém de um Gilberto Amado poeta, que desejamos falar ainda algumas palavras. E o poeta nele está presente, por exemplo, quando diz, na nota que aparece à página 243: «nenutar, com acento no «a» — só assim é a flor em que penso»; ou quando faz uma pitoresca comparação entre os rouxinóis e os poetas brasileiros: «Pequeno de tamanho entre os pássaros, como Onestaldo de Pennafort entre os poetas brasileiros, seco de corpo como Manuel Bandeira ou Dante Milano, e só ôsso como Carlos Drummond de Andrade...» Deliciosas, admiráveis frases sobre o rouxinol.

Resta fazer uma referência aos cinco sentidos de Gilberto Amado. E, a tal respeito, não podemos furtar-nos a mais uma citação — que será a última: «Agradeço aos poderes divinos me terem dado boca para sentir sabor, pele para gostar de água e sabão, nariz para fungar o bom perfume e fugir do mau, mão para pegar em dorso de livro e em rosto de criança, pernas para caminhar muito, noite a dentro, em conversa muda, ou mesmo bradada, com as árvores, com as casas, com as coisas... enfim, o dom de viver com simplicidade, de encontrar em torno de mim mesmo no maior deserto moral, na solidão do espírito, o bastante para me fartar».

É interessante observar que Gilberto não faz nenhuma referência aos ouvidos, neste trecho, e ao prazer musical, que através deles provém. Será que nosso embaixador não aprecia a música? Só uma vez se emocionou, por ter ouvido uma melodia que lhe pareceu ser o Hino de Sergipe, tocado na Europa. Mas a emoção, aí, não era estética, era cívica...

Para concluir: «Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa», de Gilberto Amado, passa a ser a nossos olhos o mais bem realizado dos livros de memória ultimamente estampados (e em que número!) entre nós. Sem literatices, sem pedaços de pura virtuosidade, é simplesmente aquilo que se busca encontrar em um livro de memórias: os fatos mais interessantes da vida ultra-interessante de um homem que desde o início da vida conheceu o relêvo, graças a seus grandes e inegáveis méritos. Não lemos os dois primeiros volumes, «História de Minha Infância», e «Minha Formação no Recife». Sabemos, porém, já agora, que é necessário lê-los o quanto antes.

(1) — Gilberto Amado: «Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa». Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1956, 451 páginas. Capa de Luís Jardim.

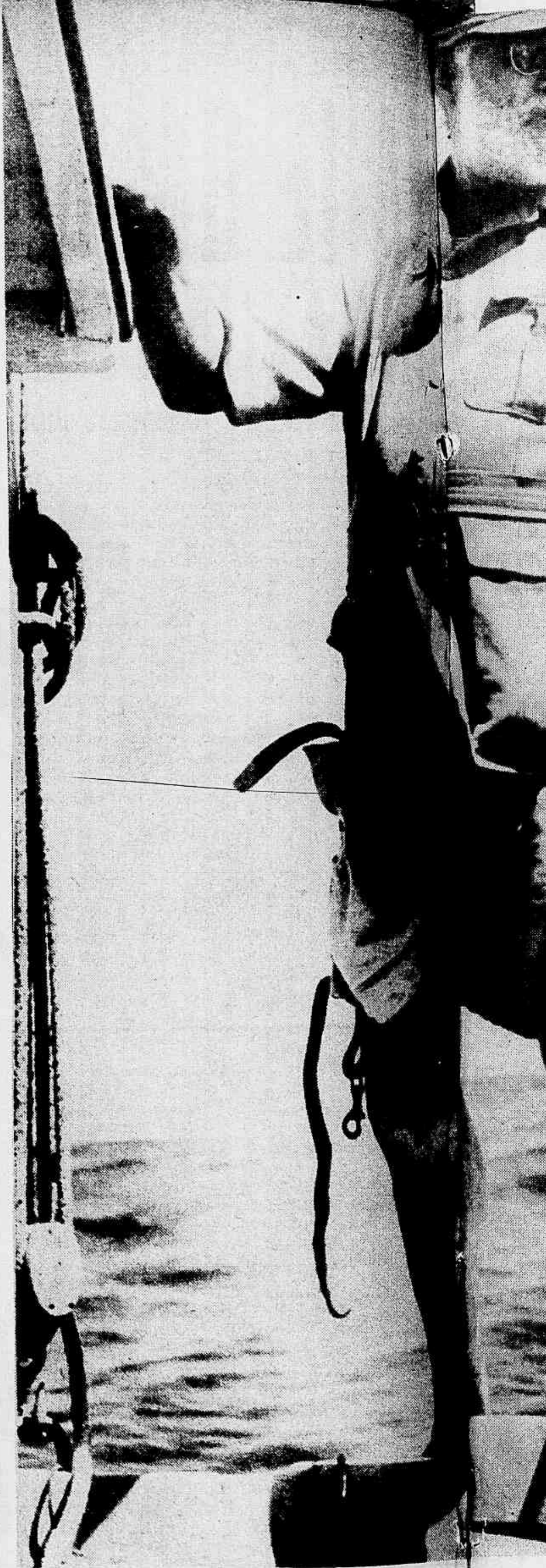
SONATA
PATÉTICA

Sombra das noites
terror dos mares
luz das auroras
musa dos bares
por ti me rompo
por ti me abajo
por ti me jogo
nos lupanares
por ti vagueio
sob os luars
por ti me mato
por ti me firo
por ti dou tiro
por ti me atiro
de altos andares.

Eu te procuro
nas noites mortas.
Alucinado
sombra patética,
quero o reflexo
o só reflexo
dos teus olhares.
Onde te encontras
onda poética?
nos verdes campos?
nos negros mares?
Nem nos cinemas
nem nas igrejas
nem nos altares
nas sinagogas
nas pensões chics
nem nas estrêlas
nem nos bazares
nunca te encontro
nunca te vejo
nunca te beijo
musa dos bares!

LUIZ MARTINS





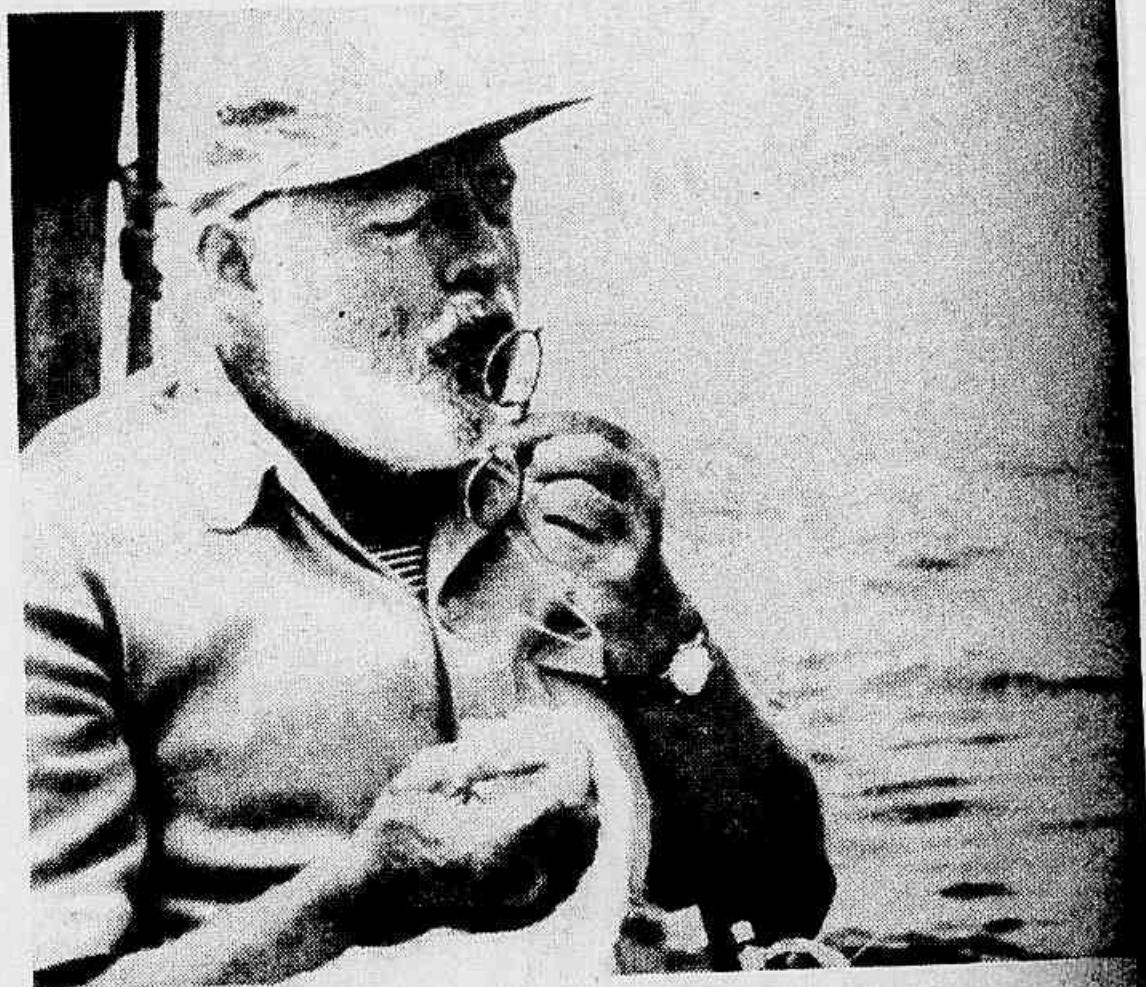
ERNEST HEMINGWAY, Prêmio Nobel de Literatura, é um escritor que nas horas vagas se dedica à pesca, ou um pescador que sempre que pode escreve? Seu mais recente sucesso, «O Velho e o Mar», é um romance pescado nas águas turvas de Cojimar, vez por outra sulcada pela barbatana hirsuta de um tubarão estaimado. Hemingway fala com mais prazer e brilho de suas façanhas venatórias e de bom pescador, do que de seu êxito literário. Nisso se parece com aquele velho Esquilo um

dos mais antigos autores dramáticos da Grécia, que trocava, ao que parece de bom grado, tôdas as suas tragédias para ficar apenas com suas reminiscências guerreiras, com as recordações sangrentas da luta com os «Medos de cabelos compridos...». Podemos menosprezá-lo por isso? — Pelo contrário. Porque de tal modo é espontânea e sincera a obra literária de Hemingway, como a alegria e o entusiasmo que lhe desperta um arriscado lance em alto mar, em busca de um espadarte arredio, o dorso re-

fulgente aqui e ali vincando o azul das águas. Talvez o sucesso de Hemingway seja devido justamente a esse enorme entusiasmo com que se entrega a uma atividade, material ou intelectual. Hemingway, ao traçar uma frase, ou ao içar para bordo de seu iate particular um peixe, dá-se por inteiro em cada gesto, buscando tirar da vida — que passa com a mesma indiferença pelos homens com que as águas barrentas de Cojimar pelos casebres que se debruçam a espia-las — o máximo de intensi-

da
lo
pe
m
gl
pl
su
d
m
tu
to

HEMINGWAY



O PEIXE E O MAR



água. devido m que inte-se, ou ar um bus-nesma água se de-ntensi-

dade e de emoção. Domar o monstro; submetê-lo vencido e fora de seu elemento ao «flash» perpetuador do fotógrafo; posar, como um dominador, lado a lado vencido e vencedor; eis glórias que talvez tenham melhor calado no espírito de Hemingway do que aquele prêmio sueco, que ele nem foi buscar. Ele é da raça dos grandes criadores. Rijo, bárbaro, intemorato, másculo, seu compromisso é com a vida e com tudo quanto de bom ou ruim ela possa ofertar-nos.

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a
RÁDIO RECORD
de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 29 DE SETEMBRO E 5 DE OUTUBRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Com exceção do dia 2 de outubro, a semana vinda será bem favorável ao leitor, havendo, mesmo, a possibilidade de realização de velhos projetos, de aspirações de há muito sustentadas. Bom ambiente.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — O dia 30 de setembro, 2, 3 e 4 de outubro propiciarão às pessoas influenciadas por Vênus, as melhores oportunidades na vida social e paz na vida doméstica. Os casos sentimentais, do mesmo modo, estarão muito bem amparados.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Suas intuições serão muito boas no curso da semana. Despreze os conselhos e as sugestões que lhe foram apresentadas. Escute a voz interior e não terá decepções. Nossa consciência nunca nos engana.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — As viagens e as mudanças não serão aconselháveis nos dias 29 de setembro, 3 e 4 de outubro próximo. Não obstante, o novo período favorecerá o trabalho profissional e os negócios não habituais.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Não faça experimentação psíquica nesta semana e não frequente as chamadas reuniões espíritas. Crédulo como andar, o leitor, além de mistificado, poderá receber uma sugestão malévola.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Prepare-se para sofrer, ou uma ingratidão ou uma traição, ou, ainda, as duas coisas ao mesmo tempo. Sua vida sentimental estará fortemente ameaçada nos dias 2, 3 e 5 de outubro vindouro. Acautele-se, portanto.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Haverá favorabilidades gerais durante a semana. Sua chance maior será positivada no meio social, no círculo das suas relações de amizade. Os melhores dias, no caso, serão 1, 4 e 5 do próximo mês.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Prefira, no curso da semana, os negócios de pequeno porte. Eles terão rápido andamento e solução a mais adequada e que consulte, plenamente, seus interesses. Não se deixe tentar por aventuras.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O novo período será muito favorável à constituição de sociedades comerciais, à assinatura de documentos criando obrigações e à propositura de ações em juízo. Com exceção do dia 4 de outubro, todos os outros favorecerão qualquer providência na espécie.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Ative sua correspondência e aumente, se necessário, sua publicidade, pois o momento favorecerá extraordinariamente a projeção do seu nome e a divulgação do seu negócio.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Não se intimide ante as ameaças que lhe vão ser feitas. Elas não se positivarão em nenhum terreno. Não haverá, igualmente, possibilidade de prejuízo nos negócios em que tomar parte. Pelo contrário, haverá lucro certo.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Não se manifeste sobre questões políticas nem faça comentários a respeito da situação, sem as devidas cautelas. A ambiência planetária não favorecerá sua posição em face das autoridades. Sua liberdade está sob ameaça.

OS NOMBES DA SEMANA

Setembro, 29	—	Noel	—	Eloísa.
" 30	—	Adolfo	—	Irma.
Outubro, 1	—	Solidônio	—	Tereza.
" 2	—	Albino	—	Dionísia.
" 3	—	Altério	—	Eva.
" 4	—	Rômulo	—	Elvira.
" 5	—	Jório	—	Lair.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Setembro, 29	6h 18' 37"	(Signo de Libra)
" 30	7h 17' 37"	" " "
Outubro, 1	8h 16' 39"	" " "
" 2	9h 15' 43"	" " "
" 3	10h 14' 49"	" " "
" 4	11h 13' 58"	" " "
" 5	12h 13' 8"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

SETE DE SETEMBRO

SPECTATOR

◆ Uma vez mais as emissoras cariocas de TV proporcionaram ao público ótimas transmissões, quando por ocasião do desfile militar realizado a sete de setembro. Os espectadores, comodamente, sem saírem de casa ou afastarem-se das suas poltronas preferidas, puderam acompanhar a grandiosa festa, observando com detalhes certas particularidades do desfile que, mesmo se tivessem comparecido às ruas do centro da cidade, talvez não tivessem ocasião de notar. Deve ser ressaltada não só a perfeição técnica das transmissões, como também os comentários sóbrios e precisos feitos durante o desfile pelos locutores de ambas as emissoras. Oduvaldo Cozzi, descreveu para a TV-Tupi e o fez de maneira bastante discreta, sem demasiado pedantismo, conseguindo o que não foi possível realizar no ano passado quando, encarregado de desimcumbir-se dessa mesma tarefa, descreveu para os espectadores os acontecimentos de maneira demasiadamente rebuscada. Está de parabéns, pois, o pessoal encarregado da parte técnica dessas transmissões em ambas as emissoras, bem como os locutores, pois trabalhando em conjunto e sem medir esforços, levaram ao público um espetáculo brilhante e que alcançou pleno êxito.

TV E RÁDIO

● Deve-se reconhecer que a estrutura das atividades em TV é idêntica à do rádio, principalmente quanto à parte comercial. Técnicos americanos sobre o assunto dizem que a TV vende o tempo aos anunciantes, que por sua vez lançam mão desse tempo para vender as suas mercadorias. Portanto, como acontece com o rádio, a TV vive também da venda do tempo.

A primeira vista, portanto, os fins a que se destinam ambas as formas de entretenimento, parecem os mesmos. Mas, quando se passa a analisar as produções, isto é, os programas destinados a um e a outro setor, encontram-se grandes diferenças. Deve-se notar que a TV é um entretenimento que vive à base da imagem e não um programa sonoro ao qual foi acrescentada a imagem. Os únicos programas que foram transportados quase que sem modificações do rádio para o vídeo foram os jornais falados, exibidos na TV através da leitura de telegramas, feita por um comentarista. Ainda assim essas apresentações na TV devem ser feitas de maneira breve e, sempre que possível, com a introdução de filmagens ou exibição de fotografias, para que se tornem menos cansativas.

Os produtores de TV devem ter sempre em mente a necessidade de tornarem suas atrações capazes de prender ao máximo a atenção do espectador, a fim de que ele não se sinta tentado a exercer nenhuma outra atividade enquanto assiste ao programa. As atrações que alcançam maior sucesso em TV são justamente aquelas que, como vem acontecendo entre nós com "O céu é o limite", mantêm todos os de casa e até mesmo os televisinhos junto aos receptores, presos da maior atenção. Até mesmo a parte comercial deve ser trabalhada a fim de que prenda a atenção do público. Devido à não observância dessas diferenças flagrantes entre as produções para rádio ou TV, muitos dos nossos produtores vêm a fracassar, transportando os programas que estavam acostumados a produzir para o rádio aos telespectadores, sem maiores cuidados de montagem ou movimentação, achando ser bastante apenas juntar-lhes a imagem. Daí advém a grande quantidade de atrações sem maior destaque a que presenciamos diariamente.

NOTICIÁRIO

◆ JÁ FOI DIVULGADA A SAÍDA de Urbano Loes da TV-Rio, estando ele agora entre os elementos de valor que se exibem através do Canal 6. Urbano ainda não iniciou suas atividades na TV-Tupi mas pretende fazê-lo muito breve, aguardando para isso apenas o completo restabelecimento de Lídia Matos que, como se sabe, acha-se afastada do vídeo, gozando de algum tempo de repouso por estar com a saúde abalada.

Felizmente em breve Lídia poderá voltar às suas atividades normais e então o fará ainda com maior ânimo, na companhia do marido, pois Urbano pretende, juntamente com ela, levar aos telespectadores novas e interessantes atrações, além dos seus já vitoriosos programas, antes exibidos através do Canal 13.

◆ O PRODUTOR SANGIRARDI Jr. afastou-se por algum tempo das suas atividades na TV-Tupi, pois necessita de todas as horas disponíveis para escrever um livro que pretende publicar dentro em breve. Naturalmente Sangirardi deposita grandes esperanças nessa obra, para afastar-se do seu compromisso na TV, onde sabe-se que os seus honorários não eram desprezáveis, uma vez que apenas a produção do "Tele-Teste" rendia-lhe semanalmente dois mil e quinhentos cruzeiros.

Felicidades em suas novas iniciativas, Sangirardi!



Maria Luisa Garoppa, a candidata que com seus predicados físicos e intelectuais tem alcançado sucesso na TV italiana.

Sensação na Itália

◆ Não é somente no Brasil que os programas que distribuem altos prêmios e que são organizados sob a forma de pergunta sobre os mais variados assuntos alcançam grande sucesso junto ao público.

Na Itália acontece o mesmo, e em um desses programas tem se apresentado há já algumas semanas uma candidata especialista em tragédia grega e que, mais do que pelos profundos conhecimentos que vem demonstrando sobre a matéria, provocou os mais variados comentários quando da sua primeira apresentação ao público, pois exibiu-se com um modelo bastante colante e decotado, surgindo como uma das mais fortes concorrentes à Lollobrigida ou Marilyn Monroe.

Após haver ganho 640.000 libras, perto de 1.024 dólares, quando respondeu às primeiras perguntas sobre o assunto da sua especialidade, Maria Luisa Garoppa, a «robusta» candidata de 23 anos causou tanto furor que os diretores da emissora de TV pensaram em mandar confeccionar um traje apropriado, com o qual a candidata deveria apresentar-se em sua próxima exibição, ocasião em que iria continuar a disputa pelo prêmio máximo. A moça relutou um pouco, mas finalmente concordou e, na segunda apresentação, usava um discreto vestido preto, e desta vez arrebatou o público apenas com a sua sabedoria, pois conseguiu um prêmio ainda mais elevado. Como se vê, a TV pode oferecer aos espectadores espetáculos ou sensações que muitas vezes nem mesmo estavam programados pelos produtores...

A MAIS BELA MULHER DO MUNDO

ROMA. Entre 1895 e 1900. Em um acanhado teatrinho de variedades do popular quarteirão do Trastevere, canta uma pobre cançonetista não muito jovem e já minada por insidiosa doença. Certa noite, a cançonetista é assaltada por uma crise que a impede de cantar. Desespera-se à idéia de ser despedida por medo de ficar na miséria juntamente com sua filha Lina, belíssima jovem de 16 anos. Porém, Lina não desespéra. Tem um plano para salvar a situação. Veste um dos vestidos da mãe, apresenta-se em cena, e começa a cantar. Possui uma voz

ainda rebelde, mas doce e bem entoada. O público, a princípio acolhe-a muito bem, porquanto vê nela uma bonita jovem; mas depois, a inexperiência que demonstra e, sobretudo, a sua recusa em fazer gestos indecorosos e picantes provoca a hostilidade daquela vulgaríssima platéia e, particularmente, de um cafajeste de Trastevere, chamado Romoletto, cuja prepotência dita leis no local, e de Inez, sua digna amiga. Lina, com os olhos cheios de lágrimas, resiste corajosamente e prossegue cantando a sua canção. Enquanto isto, havia entrado no lugar um grupo de senhores elegantes,

(LA DONNA PIÙ BELLA DEL MONDO)

ELENCO:

GINA LOLLOBRIGIDA Lina Cavallieri
VITTORIO GASSMAN Príncipe Sérgio
ROBERT ALDA Doria
ANNE VERNON Carmela
TAMARA LEES Manolita
ENZO BILLIOTTI Perret
GINO SINIMBERGHI Silvani
Com a participação de MARIO DEL MONACO

★

Direção de ROBERT Z. LEONARD

Argumento de Maleno Malenotti

Produção de Maleno Malenotti

Rodado em Eastman Color e Copiado em
Tecnicolor — Apresentação da ART FILMS



LINA VÊ NO PRÍNCIPE RUSSO O HOMEM COM QUEM SONHARA NA ADOLESCÊNCIA MAS...

entre eles o príncipe Sérgio Bariatine, oficial dos Cossacos, parente do Czar, belo, rico, verdadeiro ídolo da alta sociedade cosmopolita.

Ao lado de seus amigos, e já bem alegre, decide ele dar um giro no quarteirão popular da cidade, em busca de mais aventuras. O grosseiro comportamento do cafajeste Romoletto é uma provocação aos circunstantes. Por outro lado, Sérgio começa a aplaudir a pequena e corajosa cantora, pedindo, por várias vezes, que se faça silêncio na sala. Surge, então, um pequeno conflito, no qual, a prodigiosa agilidade do príncipe consegue vencer o turbulento Romoletto. A partir deste instante, ninguém mais ousa perturbar o sossego do teatrinho, permitindo que Lina conclua o seu programa. Quando Lina volta à casa, se inteira de que sua mãe fôra transportada para o hospital. Desespera-se à idéia de não chegar a tempo ao nosocômio, que é distante. O príncipe Sérgio que a havia seguido a fim de protegê-la contra eventual emboscada de parte dos amigos de Romoletto, se oferece para acompanhá-la até ao hospital. Leva-a em sua carruagem. Durante o trajeto, Sérgio interroga Lina e vem a saber da triste situação que obrigara a jovem a cantar no lugar da mãe. Comovido, o nobre oferece-lhe grande soma em dinheiro e lhe dá como presente um precioso anel, dizendo: «Aqui está o suficiente para curar a sua mãe». Despede-se em seguida. Os dois se separam, com a certeza de que não se verão mais, uma vez que Sérgio estará em Roma somente até o final do concurso hípico, regressando depois a Paris. Nesta mesma noite, a mãe de Lina morre.

Na pobre vida de Lina, Sérgio surgiu como um herói fabuloso, como um príncipe lendário: belo, forte, generoso, audaz! E desde o primeiro instante, Lina sentiu que o amava. Na esperança de um dia voltar a vê-lo, a jovem resolve ir ao concurso hípico; mas Sérgio, cercado de muitas admiradoras que festejam a sua vitória, parece-lhe cada vez mais inabordável, como se fôsse um personagem de um mundo



FOI NO TEATRINHO DO TRASTEVERE QUE LINA ENCONTROU, EM MEIO A APULPOS, O RUMO QUE A LEVARIA A CELEBRIDADE E A GLÓRIA.

que não era o seu. Antes que ele parta de Roma, Lina deseja restituir-lhe o dinheiro recebido para curar sua mãe, uma vez que tão generosa doação chegara demasiado tarde. Assim, vai procurá-lo no hotel; mas Sérgio se nega a receber o que já havia dado, aconselhando: «Fique com este dinheiro para estudar, para tomar lições de canto e, quem sabe... um dia você poderá vir a ser uma grande artista, e eu irei aplaudi-la, em Paris!»

Numa casa de música, Lina conhece o maestro Dória, famoso regente de orquestra. Impressionado com a beleza da jovem, o musicista se oferece para dar-lhe lições de canto. Lina estuda com afinco. Às vezes, quando a fadiga e a dúvida estão prestes a vencê-la, é bastante olhar o anel que Sérgio lhe dera para receber um novo alento.

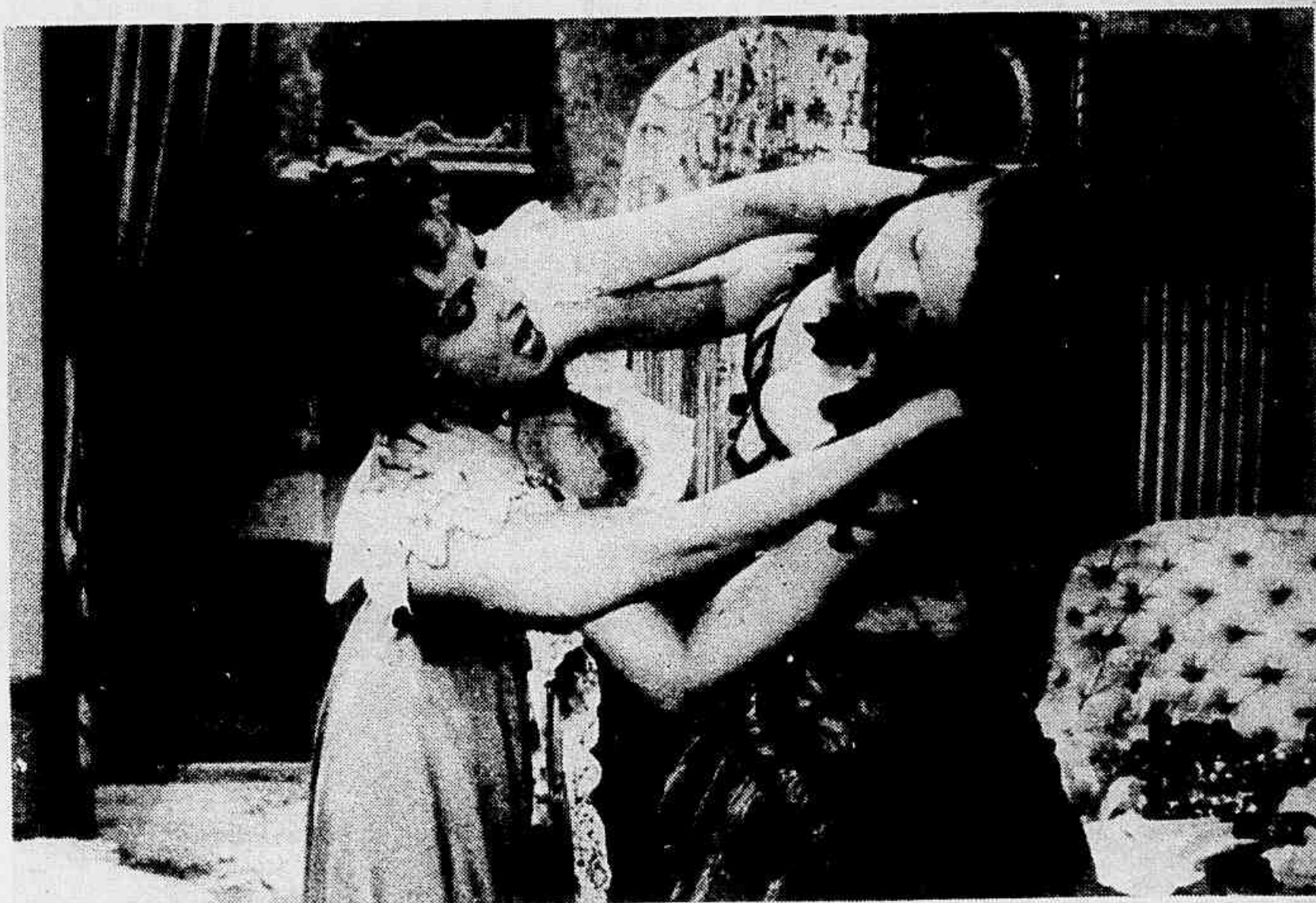
No dia em que Dória deve partir para Paris, onde vai dirigir uma temporada lírica, propõe a Lina que o acompanhe. A jovem aceitou o convite toda feliz, e parte com o maestro, alimentando o seu sonho cotidiano de um dia representar para Sérgio. Quando inesperadamente, Dória revela as suas intenções. Deixa sentir claramente que para debutar em Paris, Lina deverá tornar-se sua amante. A jovem não aceita tamanho sacrifício. Desiludida, e novamente sozinha no mundo, afronta corajosamente a grande cidade com seus perigos e ilusões. Conhece as exigências das agências teatrais, as humilhações de toda ordem e ouve as propostas pouco honestas. Mas, afinal, conhece uma moça simpática, a napolitana Carmela, que a encoraja e abriga, conseguindo-lhe, em seguida, um emprego no teatro Eldorado. Certa noite, as duas jovens são chamadas a participar, como bailarinas, de uma festa no palácio de Barattini. Lina revê Sérgio e tenta fazer-se notar por ele, mas o jovem príncipe não se recorda mais dela.

No Eldorado, o seu número, uma alegre interpretação de canções napolitanas em ritmo de can-can, provoca um crescente entusiasmo público. Manolita, a vedeta do local, enciumada

com a beleza de Lina, trama um sério atentado contra a jovem, introduzindo no bastão de cera da maquilagem, uma ponta de alfinete, para que a mesma ferisse o rosto. Se Lina não contasse com a vigilância de Carmela ter-se-ia realmente ferido. A esse ato segue-se uma cena violenta entre Lina e Manolita, da qual o empresário e dois jornalistas trataram de tirar vantagens publicitárias. Assim, induzem Manolita a desafiar para um duelo à bela Lina, que

aceita. A notícia do original desafio corre por toda a Paris, penetrando em todos os locais onde se desenvolve a intensa vida noturna da Cidade Luz. Um duelo entre duas artistas era e seria a maior atração dos tempos. Naquele mundo fantasioso e sempre ávido de novidades, anseia-se por um acontecimento espirituoso, divertido e, sobretudo, bem do gosto parisiense.

(Cont. no próximo número)



ESTA CENA ENTRE AS DUAS CANTORAS DETERMINOU O DUELO E A FAMA DE LINA.

QUE É UM QUAKER?

Por RICHMOND P. MILLER

Secretário do Congresso Anual de Pennsylvania da Sociedade Religiosa dos Amigos.

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

EM que acredita um Quaker? Um Quaker é um membro da Sociedade Religiosa dos Amigos, um companheirismo internacional daqueles que crêem que Deus está em cada homem. Os Quakers acham que a adoração de Deus é o propósito primário da vida religiosa. Para um «não-Amigo» esta se resume na recepção dos sacramentos, realização de rituais, audição de sermões, leitura dos Evangelhos e entoação de cantos sacros. Para os «Amigos» o fundamental é o companheirismo espiritual, baseado na comunhão silenciosa sem qualquer programação, visando exclusivamente a pregação e a exortação.

Os Quakers acreditam que Deus fala a todos os homens e mulheres através do silêncio, esta poderosa voz interior. Isso constituiu uma verdade não apenas no passado. Deus fala também no presente; sua revelação é contínua. Esta é a contribuição quaker para a experiência religiosa.

Qual é o significado da palavra «Quaker»?

«Quaker» foi o apelido dado aos seguidores de George Fox, no Século XVII, na Inglaterra, quando durante o julgamento de um magistrado, eles tremeram ante a palavra de Deus. Os primitivos Quakers eram chamados de «Filhos da Luz» e de «Amigos da Verdade». Poderiam ter sido apelidados de «Buscadores», uma vez que seu objetivo era a busca da verdade religiosa. Os Quakers constituíram-se em grupo organizado um século depois de Lutero e levaram a Reforma Protestante à sua conclusão lógica.

Eles se consideram Protestantes?

Os Quakers consideram-se numa «terceira posição», separados dos Católicos Romanos e dos Protestantes. Os Católicos Romanos respeitam a autoridade da Igreja, possuem uma hierarquia e crêem de maneira absoluta. Os Protestantes interpretam a Bíblia de maneira as mais diversas. Enquanto a Sociedade dos Amigos baseia tudo no companheirismo do Espírito, um movimento que cresce, se desenvolve e se transforma porque está na essência do poder de expansão interior. Para os Amigos, todos aqueles que cumprem a vontade do Pai são irmãos de Jesus no Espírito.

Quais são os princípios básicos da Fé Quaker?

A fé de um Quaker é simples: repousa na sinceridade absoluta. Acreditam que Deus pode ser sentido pela experiência individual, sem que os padres e os pregadores sirvam como intermediários. Deus é sentido através da «Luz Interior», que é o próprio Espírito de Cristo. Deste contato, a vontade de Deus é determinada, e uma direção é dada a todos os atos humanos. Isto representa a graça universal.

«De todas as religiões cristãs, a Quaker é a que permaneceu mais próxima dos ensinamentos e do exemplo de Cristo» — escreveu o prelado anglicano Deão William Ralph Inge. Muitos Quakers sentem-se embaraçados diante de tais alusões. Depois disso, eles são os seguidores do «Exemplo de Cristo», e sabem que são falíveis e fracos na realização dessa tarefa. Mas os Amigos têm consciência da espécie de cristãos que devem ser.

Os Quakers possuem um credo?

Não. Não possuem um credo escrito, formal. Eles possuem crenças profundas. A Sociedade nunca exige dos seus membros a aceitação de qualquer fórmula dogmática. Baseiam sua religiosidade exclusivamente na experiência pessoal. O essencial para o Quaker é o amor de Deus e o amor do homem, concebido e praticado do espírito de Jesus Cristo. George Macaulay Trevelyan disse o seguinte: «O ensinamento essencial de George Fox resume-se no princípio segundo o qual, as qualidades cristãs valem mais que os dogmas cristãos. Nenhuma igreja ou seita atreveu-se a ensinar isto antes. Manter as qualidades cristãs no mundo dos negócios e na vida doméstica, e mantê-las sem hipocrisia, foi grande prova dada por aqueles homens extraordinários».

O que vem a ser «Luz Interior»?

A «Luz Interior» não é a consciência. É o que os Quakers chamam «o que vem de Deus para cada homem». Ela instrui e transforma a consciência como um verdadeiro guia da vida. É inerente a todos os seres humanos. Compreende a doutrina do Espírito Santo. Mas o homem conhece-a diretamente, sem qualquer mediação de padres ou profetas. Finalmente, é a fonte de toda a realidade religiosa, e conduz imediatamente à experiência divina.

Os Quakers possuem um clero ordenado hierarquicamente?

Não. Por princípios, julgam que cada qual é um ministro em potencial. Não existe qualquer divisão entre o clero e os seguidores. Todos os Quakers podem se tornar ministros, desde que o queiram. (Inclusive as mulheres). Os Decanos e os Supervisores são chamados para presidir todas as reuniões. Os Decanos velam pela adoração durante as reuniões, realizam os casamentos e as cerimônias dos mortos. Em todas as reu-

niões há um registrador que controla rigorosamente as presenças. Os Supervisores cuidam dos membros, no que toca ao aspecto pastoral.

De que maneira adoram os Quakers?

A «Reunião para Adoração» é uma cerimônia religiosa sem ritual. É realizada numa casa simples, sem decoração, paramentos, altares ou órgãos. Os Amigos se reúnem num tempo marcado e guardam o mais profundo silêncio. Depois desse silêncio vêm as mensagens espirituais, as pregações e leituras da Bíblia, o que pode ser feito por qualquer um. Depois de uma hora de adoração, todos apertam as mãos dos vizinhos, daqueles que se acham sentados ao lado.

Que é uma «Reunião para Negócios»?

Os problemas relacionados com a organização, geralmente são discutidos na «Reunião para Negócio» em outra ocasião que não no domingo pela manhã. As decisões são tomadas democraticamente e são inscritas em livros pelo secretário da reunião. Não há votação. O secretário aprende o «sentido da reunião» após o término das discussões. Há as Reuniões Mensais, as Reuniões Trimestrais e as Reuniões Anuais. Nos Estados Unidos e Canadá realizam-se 28 Reuniões Anuais, compreendendo mais de 900 Reuniões Mensais.

Que se entende por «testemunho» Quaker?

Um ponto essencial na tradição Quaker é que todos os membros trazem o testemunho individual e grupal que prova a autenticidade dos seus princípios por meio da simplicidade, integridade, honestidade e retidão em suas relações com as outras pessoas.

A expressão exterior das crenças Quakers pode ser encontrada na luta que eles empreendem contra a guerra e contra a pena capital; são partidários da reforma penal, se opõem à escravidão e a todas as formas de discriminação e segregação racial; não poupam esforços no sentido de melhorar as relações inter-culturais, de tornar mais cristã a ordem econômica e social. Propugnam por um tratamento inteligente dos doentes mentais, pela parificação da mulher com um homem; por outro lado, combatem o uso do fumo e do álcool.

Os Quakers procuram converter outras pessoas para a sua fé?

Os Quakers não fazem conversões. Procuram aqueles que pensam como eles e nutrem suas concepções até que este se transforme em membro efetivo da Igreja.

Como surgiu o movimento Quaker?

Certa vez, um garoto de escola escreveu: «Os Quakers são um povo peculiar inventado por Cronwell. Em geral são pessoas quietas, nunca lutam e nem gostam de fazer pergunta. Meu pai é um Quaker. Minha mãe, não!» Isto é divertido, mas não verdadeiro.

O Quakerismo surgiu em Lake District, na Inglaterra, durante o Século XVII, expandiu-se depois de 1652. Havia diversas seitas que protestaram contra a hierarquia religiosa, a dominação da Igreja pelo Estado, o excessivo formalismo doutrinário e a abundância de rituais e cerimônias. Os Quakers sofreram prisões, violências de toda espécie, perda de propriedade e severas perseguições. (Em Massachussets, eles foram banidos e condenados à morte). Foi uma etapa heróica, semelhante a que atravessaram os primitivos cristãos. O grande filósofo americano William James escreveu: «A religião Quaker que George Fox fundou é algo impossível de se desprezar. Em um período de falsas aparências, ela foi a religião da verdade enraizada nas profundezas espirituais e representou um retorno à original verdade evangélica, que os homens da Inglaterra desconheciam. Enquanto a maioria das seitas cristãs estão evoluindo, eles estão simplesmente voltando em essência à posição que Fox e os primeiros Quakers assumiram». Entre os Quakers que conseguiram evidência na vida americana podem ser citados William Penn, o ex-Presidente Herbert Hoover, John Woolman, Lucretia Mott, John Greenleaf Whittier, o senador Paul H. Douglas e o atual vice-Presidente Richard Nixon.

O que querem dizer com linguagem «plena»?

A característica dos primeiros Quakers e que persistiu através de mais de três séculos é a chamada linguagem «plena», que rejeita o uso da forma plural «você», quando dirigindo-se a uma pessoa. Os Quakers então são essencialmente bíblicos. Por isso, usam a forma bíblica «Thou» (Tu). Os Quakers substituíram os nomes dos meses e dias da semana porquanto são de origem pagã. Ainda hoje eles usam «Primeiro-Dia» para o Domingo ou «Quarto-Dia» para a Quarta-feira, «Primeiro-Mês» para designar Janeiro ou «Terceiro-Mês» para Março.

O uso da linguagem plena acha-se agora restrito às palestras entre os membros da Sociedade e às conversas íntimas da vida familiar.

Que é vestimenta «plena»?

Os Quakers não tiram seus chapéus em sinal de respeito, exceto durante as pregações. Por esse motivo, foram muito ridicularizados e perseguidos.

(Continua no próximo número)



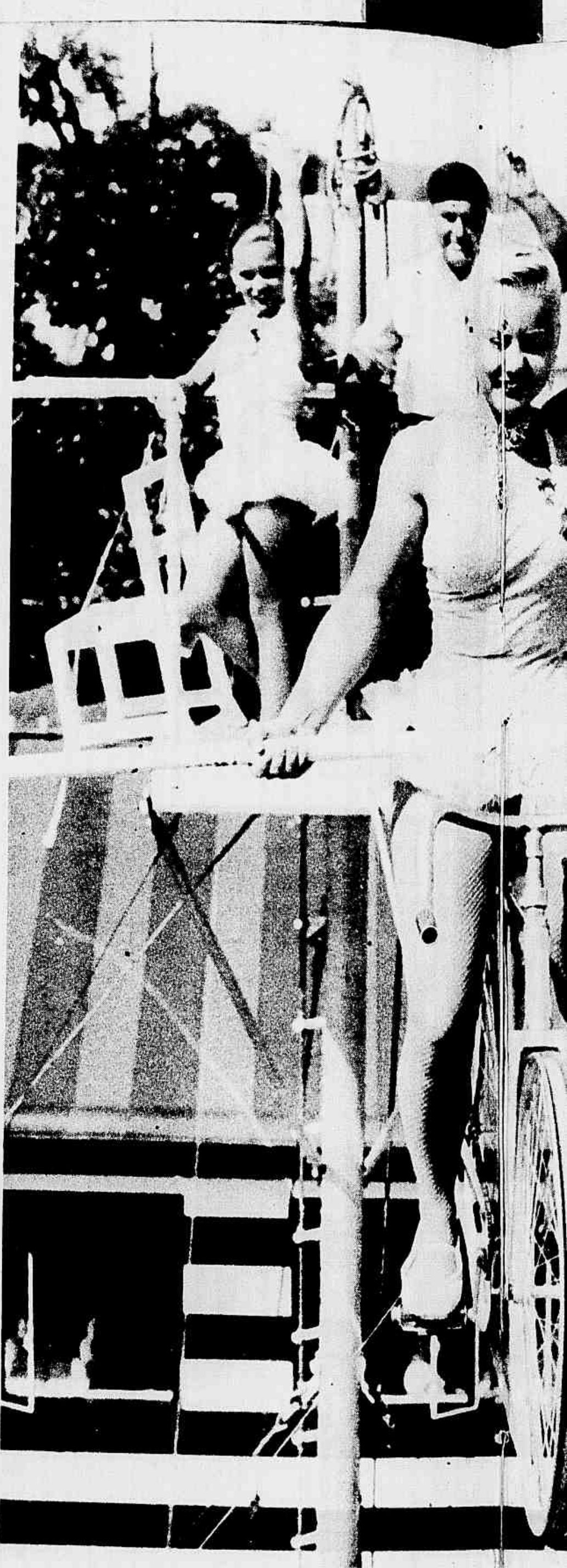
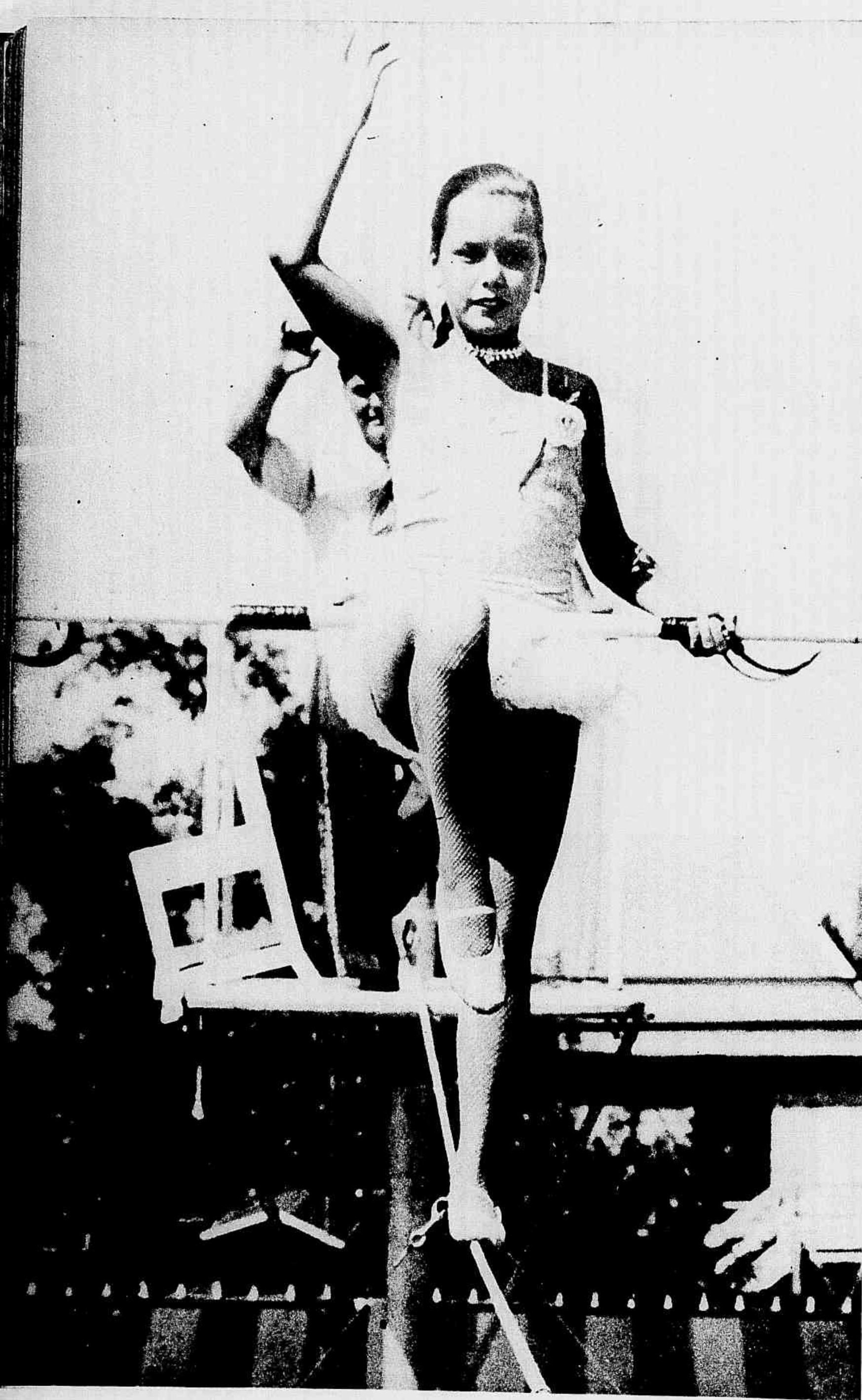
TÔDA A FAMÍLIA É DE CIRCO, E POR ISSO, ENQUANTO GLORIA PRÁTICA, SOB AS VISTAS DE SHIRLEY, DAVID, O CAÇULA, OBSERVA ATENTO.

UMA FAMÍLIA NA CORDA BAMBA

QUEM SÃO OS GRETONA, O QUE FAZEM E POR ONDE ANDAM. DAVID JÁ PRESTA ATENÇÃO ÀS LIÇÕES

● AS MENINAS acabaram de cruzar os ares, como se fossem insetos vaporosos. Gloria Gretona, uma menina de olhos azuis, tão vivaz como qualquer outra criança de dez anos de idade, é talvez a mais jovem de todas as acróbatas ianques. E está

treinando, com a irmã, em um parque de diversões em Palisade, Nova Jersey — aliás, um dos últimos lugares dos Estados Unidos onde ainda se podem ver as grandes noitadas circenses, após o melancólico fechamento do fabuloso Circo



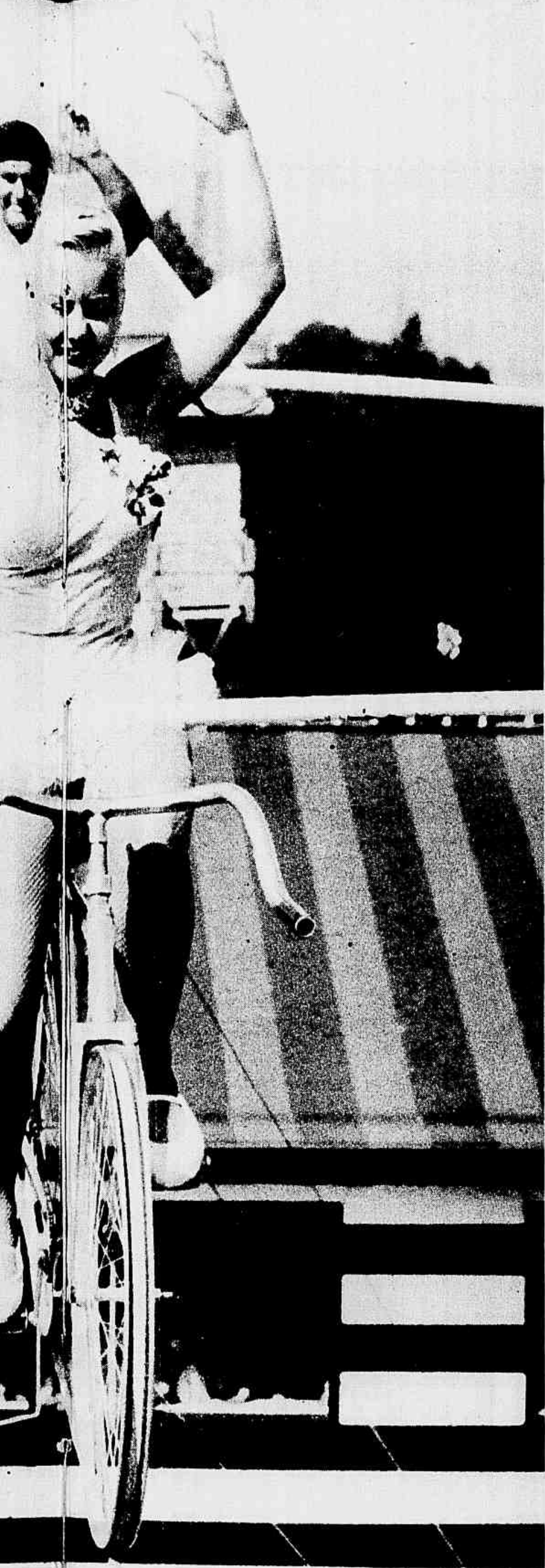
GLORIA, DE DEZ ANOS, CAMINHA NA CORDA BAMBA, A UMA ALTURA DE TRÊS METROS DO SOLO. PORÉM AINDA NÃO TEM A HABILIDADE

OTTO GRITON, CONHECIDO ARTISTA
CIRCENSE NORTEAMERICANO E SUAS
FILHAS SHIRLEY E GLORIA, COMPÕEM
UM CONHECIDO TRIO DOS FICADEIROS.

Barnum & Bailey, não faz muito tempo. Gloria é capaz de atravessar, de uma a outra extremidade, a distância que separa os dois maiores edifícios de Palisade, unidos ambos por uma corda metálica da largura de um dedo. E o que é mais surpreendente, é que Gloria já faz há quatro anos consecutivos essas perigosas travessias pelo espaço. Prefere-as a qualquer outra brincadeira própria de seu sexo e idade. Nada de bonecas, com essa boneca de olhos azuis capaz de olhar sem receio para um abismo de muitos metros, com o mesmo sorriso com que outras brincam de comadre nos jardins.

DA

“
autor
sito
caí,
paga
come
pens
ela
demo
em n



DA IRMA SHIRLEY, CAPAZ DE DIRIGIR BICICLETAS NO FIO ESTENDIDO SOBRE O ABISMO. EXIBEM-SE EM UM CIRCO, NOS ESTADOS UNIDOS.

"— É mais seguro aqui em cima do que lá, no meio dos automóveis". — costuma dizer ela, mesmo sem conhecer o trânsito do Rio de Janeiro. "Pelo menos, daqui de cima eu nunca caí, e lá embaixo... Mais de uma vez minhas canelas já pagaram pelo que não fizeram..." Aos que lhe perguntam como se sente, a uma altura de mais de vinte metros, suspensa sobre o espaço por um fio de aço de pouca espessura, ela explica que não sente reação alguma. Talvez seja jovem demais para temer qualquer coisa. "Concentro minha atenção em meus pés, e deixo o barco correr."

O pai de Gloria chama-se Otto, também acróbata, porque a acrobacia parece ser o caminho natural de todos os Gretona. Shirley Gretona, por exemplo, tem dezesseis anos e é a filha mais velha. É também a "vedete" da família, pois enquanto os demais apenas caminham sobre a corda bamba, ela tranquilamente passeia pelo ar, montada em sua bicicleta. Otto Gretona vivia em Rochester, Indiana, quando Gloria nasceu. Agora, porém, a família mora em Sarasota. De abril a novembro eles viajam pelos Estados Unidos, retornando a Sarasota para as férias. Quando perguntam às meninas se desejariam trocar de



ASSIM TAMBÉM é demais, menina! Orgulhosa de suas próprias façanhas, Gloria tenta iniciar seu cachorrinho na incrível especialidade que vem caracterizando a família Gretona.

UMA FAMÍLIA NA CORDA BAMBA

vida, entregando-se, como as outras garôtas de sua idade, às ocupações habituais de seu sexo, a resposta de ambas vem em uníssono:

"— Deus nos livre! Gosto de andar pelo espaço. E o aplauso das multidões nos faz muito bem."

Donde se conclui que as meninas estão no céu, com a profissão que lhes escolheram. (Fotos I.N.S.)



EIS TÔDA A FAMÍLIA reúne, tomando uma refeição: o senhor e sra. Gretona, um irmão, Ricci, Shirley e Gloria. O cachorrinho é o único que não anda na corda bamba. Por ora, pelo menos.



DR. OSCAR DE LUNA FREIRE

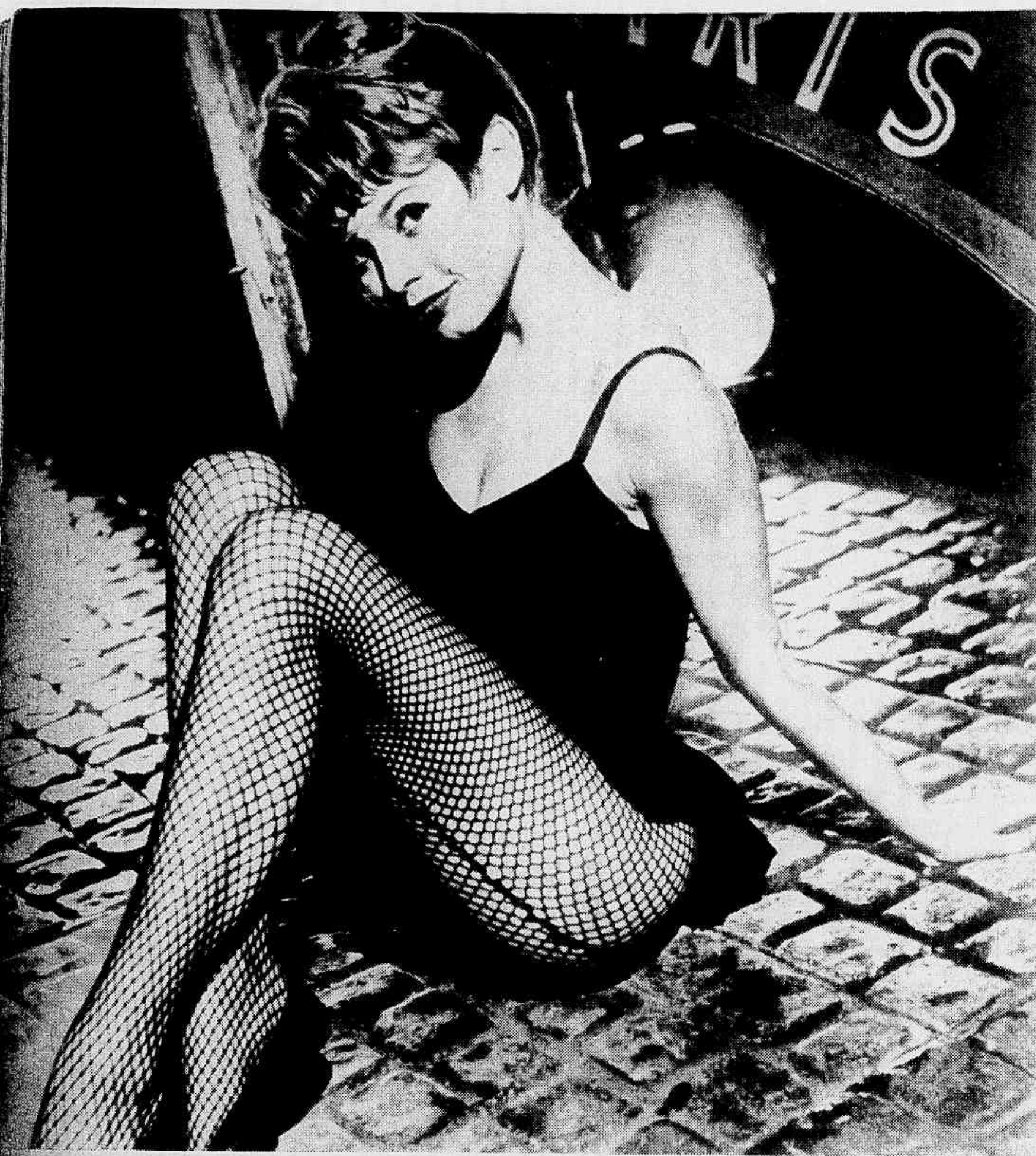
**NOVO DIRETOR DA CARTEIRA DE CRÉDITO GERAL
DO BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL**

● Recentemente convocado, foi empossado, no dia 5 do corrente, na Carteira de Crédito Geral do Banco da Prefeitura do Distrito Federal, o dr. Oscar de Luna Freire, deputado federal pelo Estado da Bahia. Considerado um dos maiores técnicos de contabilidade do País, o dr. Oscar de Luna Freire ocupou postos de direção de importantes entidades patronais tendo sido o estruturador de toda a contabilidade da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro e da Confederação Nacional das Indústrias. Exerceu também o cargo de Diretor do Serviço Social da Indústria, onde imprimiu moderna orientação no setor geral de administração e contabilidade.

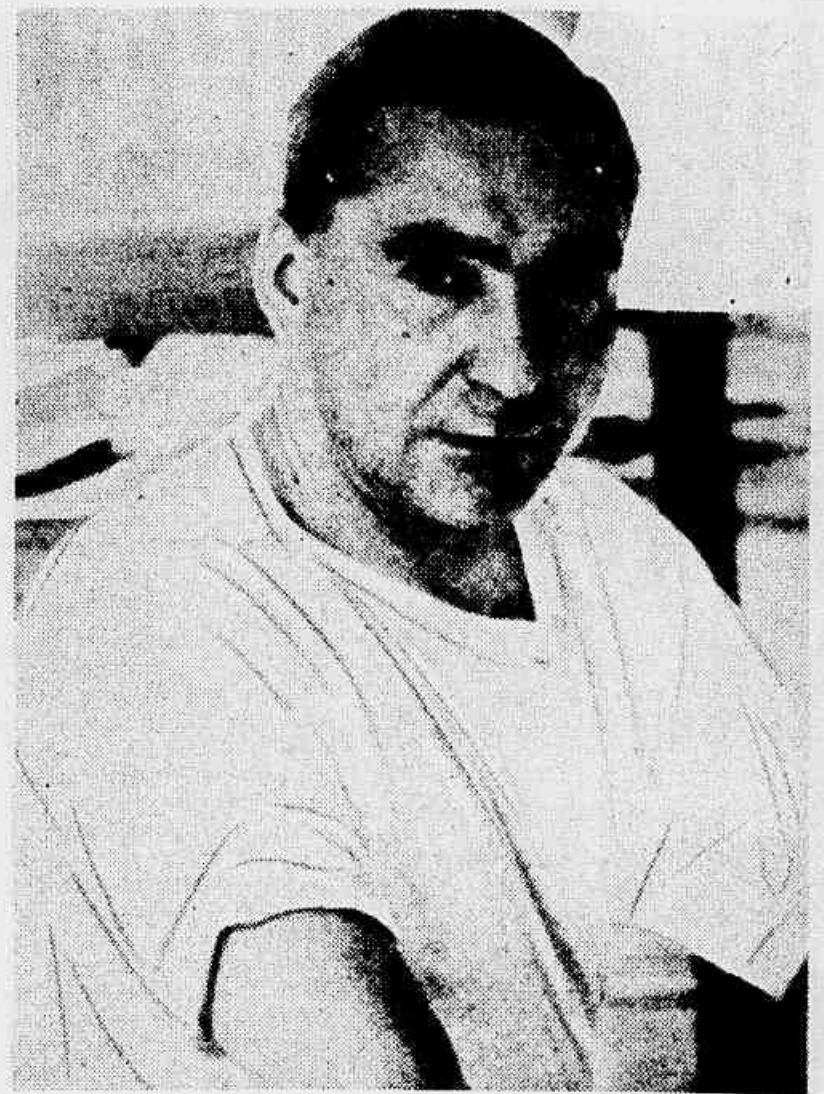
Homem de imprensa e devotado às artes foi criador e incentivador do Jornal de Cinema.

Amigo e entusiasta do Cinema Nacional tem sido o dr. Luna Freire o seu colaborador incondicional. A ele deve-se a criação do Club Cidade do Cinema entidade que tem como fundadores as mais expressivas figuras do comércio e da indústria, com a adesão quase unânime dos elementos componentes da Federação das Indústrias desta Capital.

Solidarizando-se com as inúmeras homenagens que vem recebendo dos seus amigos e admiradores por motivo de sua convocação para dirigir tão importante setor da Administração Municipal, a REVISTA DA SEMANA almeja ao seu confrade uma próspera e fecunda administração.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



CURZIO MALAPARTE, o autor de «Kaputt» e do filme «O Cristo Proibido», em uma de suas mais recentes fotografias. Ele atualmente dirige novo filme, «Compagno di Viaggio».

★

BRIGITTE BARDOT, essa cozinha fôta que os leitores estão vendo, pode ser considerada hoje em dia como a mais graciosa de tôdas as artistas de cinema francesas.



E' COMUM, na Europa, êsse tipo de carona internacional, o qual se locomove de um para outro país em «auto-stop». Êsse brôto alemão quer ir a Munich, no «beijo». E irá, ora se...



RHONDA FLEMING aqui aparece tal como se exhibirá em seu próximo filme, «A História de Buster Keaton», encarnando uma «vamp» dos tempos do cinema silencioso. A foto é de Mae Murray, seu modelo.



O SOPRANO Meneghini Callas, uma das maiores vozes da atualidade, diverte-se tomando banho de mar em Ischia. Callas, que é grega de nascimento, já esteve algumas vezes no Brasil.

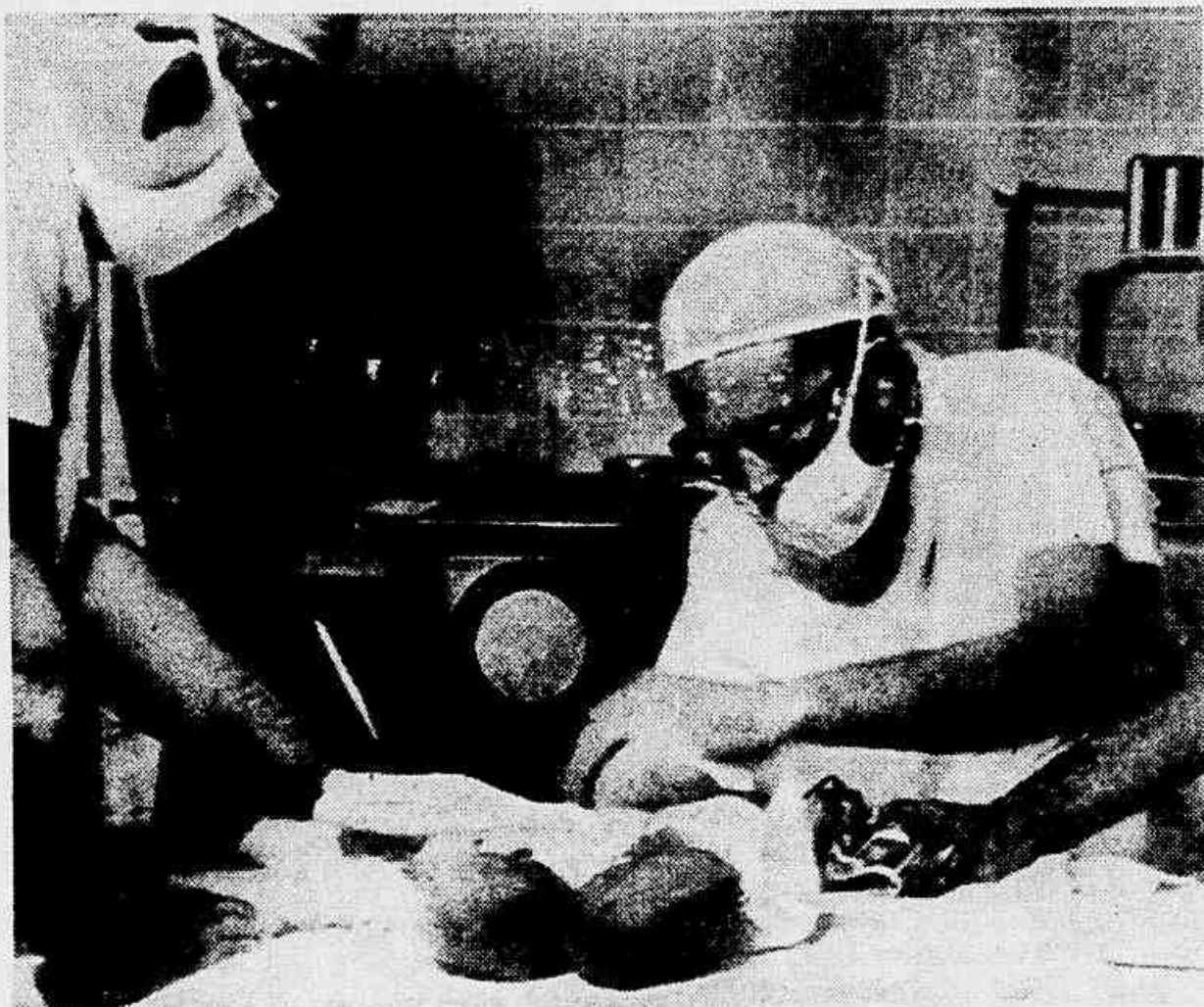
*



ELVIS PRESLEY é a nova coqueluche da juventude norte-americana. É um cantor amalucado, que recebe três mil cartas por semana, e que ao cantar, exhibe-se em poses iguais a essa...

*

UMA DAS últimas fotos de Derek Curtis Bennett, o maior criminalista da Inglaterra, recentemente falecido, vítima do alcoolismo. Depois do divórcio, Derek entregou-se à bebida até morrer.



EM SAN DIEGO, Califórnia, dois irmãos siameses foram há pouco separados, após delicadíssima intervenção, que durou quarenta e sete minutos. Ambos sobreviveram.



GIUSEPPE PASCUCCI, esse menino de apenas três anos, repreendido pelos pais, trancafiou-os por um dia inteiro no quarto. Foi preciso a intervenção dos bombeiros. Isso é que é precocidade.

AS AVENTURAS DO "PADRE MÁGICO"

EDUARDO TOURINHO

NAS INFORMAÇÕES, depara-se em Anchieta com esta referência ao ao falar das guerras movidas por Duarte Coelho (o segundo) contra os aborígenes de Pernambuco: — ... «Em favor de um clérigo que se tinha por nigromântico que destruiu toda sua Capitania e assim desde o rio de S. Francisco até lá, que são 50 léguas, não há povoação de índios». Esse erro permitiu aos Potiguares da Paraíba — ajudados por franceses que escambavam o pau-brasil — molestar continuamente por terra e mar os habitantes da região.

Ao falar DO PRÍNCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL, em 1584, alude Fernão Cardim ao «clérigo Português Mágico, que com seus enganos os acarretou (aos da tribo **Viatã**) todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e ficando os portugueses sem vizinhos que os defendessem dos Potiguares». ... E por isso roças, fazendas e engenhos eram destruídos.

Outro informe se contém na HISTORIA DE LA FUNDACIÓN DEL COLLEGIO DE LA BAYA DE TODOS LOS SANTOS, Y DE SUS RESIDENCIAS (Vol. XIX dos ANAIS da Biblioteca Nacional) quando trata da viagem do bispo D. Pedro Leitão a Pernambuco, em 1571. Acompanhava-o o santo inaciano Luís da Grã. Verificadas as artimanhas do «Padre Mágico» António de Gruca, fê-lo o bispo prender e enviou-o à Inquisição de Lisboa.

x x x

E' frei Vicente do Salvador que em 1627, na HISTÓRIA, mais claramente fala sobre o «Padre do Ouro». Inculcava-se «grande mineiro e por estas artes era muito estimado de Duarte Coelho de Albuquerque, que o mandou ao sertão com trinta homens brancos e duzentos índios, que não quis ele mais nem lhe eram necessários, porque em chegando a qualquer aldeia do gentio por grande que fosse, forte e bem provida, depenava um frangão ou desfolhava um ramo e quantas penas ou fôlhas lançava para o ar, tantos demônios negros vinham do inferno lançando labaredas pela boca, com cuja vista somente se ficavam os pobres gentios machos e fêmeas tremendo de pés e mãos e se acolhiam aos brancos que o padre levava consigo, os quais não faziam mais do que amarrá-los, e levá-los aos barcos, e aqueles idos e outros vindos sem Duarte Coelho de Albuquerque, por mais repreendido que fosse de seu tio e irmão Jorge» atalhar «tão grande tirania».

Acrescenta o excelente franciscano não saber se assim procedia o donatário «pelo que interessava nas peças que se vendiam, se porque o Padre Mágico o tinha enfeitado». E admitia ter sido isso causa de ter el-rei D. Sebastião mandado chamar Duarte Coelho ao Reino, «d'onde passou e morreu com ele em África».

Noticia, por fim, ter sido o padre prêso e mandado para Lisboa «num navio que arribou às Ilhas, d'onde desapareceu uma noite sem mais saber-se dele».

x x x

Coube a Pedro A. Azevedo, através dos arquivos da Torre do Tombo, esclarecer a tenebrosa existência do clérigo alquimista. Encontrou e publicou — em erudito estudo — os dois processos que o PADRE MÁGICO respondeu perante a Inquisição. Dêles fez hábil súmula Alfredo de Carvalho na «Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano» em junho de 1908.

Em verdade, chamava-se o «Padre do Ouro» António de Gouvêa. Nasceu na então vila da Praia da Ilha Terceira no ano de 1528. Dos Açores passou a Lisboa em 1548 onde, em setembro ou dezembro do ano seguinte, recebeu na Sé ordens de Epístola e Evangelho. Na igreja de Sant'Ana, celebrou a primeira missa em 1550. Teria estudado latim na Universidade de Coimbra; retórica, em Sienna; física, em Roma — onde chegara em 53. Um naufrágio retivera-o, antes, na Catalunha. E, finalmente, na Itália fizera-se soldado de Alessandro Farnese, duque de Parma.

A Portugal volta em 1556 e entra na Companhia de Jesus. Abandona-a, porém, antes de findar-se o ano. A 9 de maio de 57 — acusado da prática de alquimia e de invocações diabólicas — é levado, prêso, à Inquisição. Ao Santo Offício disseram as testemunhas conhecê-lo como curandeiro e adivinho, mas «por ele mesmo disse se jatar». Disseram, ainda, ser o clérigo **sujeito a accidentes** — o que ele prontamente confirmou. Mas que **accidentes**? Meros embustes? Histeria ou eplipsia, um enigma para a época?

Ouvido pelo Tribunal do Santo Offício a 11 de maio de 1557, afirmou não conhecer «nigromancia, ou alguma ciência de invocar demônios, ou quiromancia». Declarou-se, no entanto, sabedor de «astrologia judiciária» e de fabricar o «ouro potável» com que sarava doenças. Uma semana depois disse que, **pela imaginação**, curava e que previa acontecimentos. Nunca, porém, por visões ou **voz formada**. Mas na audiência de 23 de maio revela ter o Demo lhe falado «com voz clara e distinta». Que lhe ensinara a forma de «entrar pelo mar a dentro a pé enxuto, para dali trazer tesouros». Que as ondas se apartavam ante suas **encantações**. Que poderia ter o dom de tornar-se invisível se quisesse ceder a alma a Satã, como lhe fôra proposto. Mas na sessão de 3 de junho, mostra-se completamente esquecido de tais declarações, tal como na do dia 22 — última a que compareceu.

x x x

Nas masmorras da Inquisição permanece até 14 de julho de 1561 quando, em «pena e penitência de seus delitos», foi ao Auto da Fé de «cabeça descoberta e uma vela acesa na mão» — para que abjurasse publicamente ser «veemente suspeito na fé». Condenado a «cárcere apertado» e suspenso de ordens, fica impedido de celebrar e, para sempre, de curar.

Recolhido ao Colégio de São João da Praça, fuge a 2 de maio de 1564. Prêso, teve a pena agravada com trabalho de galé. Mas a 13 de novembro dêsse ano o cardeal D. Henrique transforma o castigo em desterro. Por dois anos erra António de Gouvêa pela França, Itália e Alemanha. Mas reaparece em Lisboa e consegue licença para voltar à terra natal. Em vez disso — o regresso à Ilha Terceira — vai para as minas de Aljutel, no Alentejo, de onde é trazido — a 17 de outubro de 1557 — aos cárceres da Inquisição.

Na mesma data é, por dois anos, degredado para o Brasil e embarcado na nau «São Mateus». Chega a Bahia, insinua-se no ânimo do bispo D. Pedro Leitão — que o reinveste das honras sacerdotais — e passa-se a Pernambuco. Ao donatário Duarte Coelho de Albuquerque alardeia poderes mágicos e acena com a descoberta de minas de ouro e prata no sertão. E' quando se lança à preda do silvícola e conquista a alcunha de PADRE DO OURO. No sertão guerreia e celebra, toma índias «para dormir com elas», lança desafios para duelo, afirma ter comércio com o Diabo e adivinhar o que quisesse.

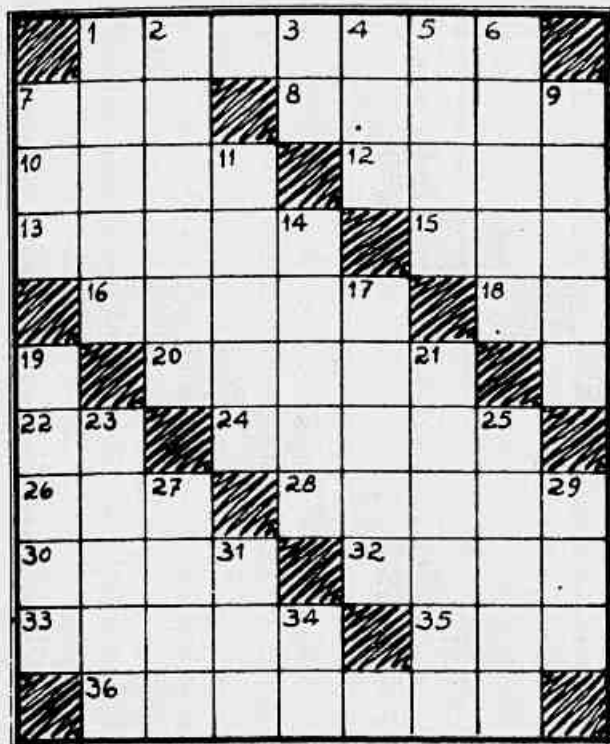
Quando em Olinda, vivia como profano. Isso permite ao padre Silvestre Lourenço — vigário das Capitanias de Pernambuco e de Iatamaracá — processá-lo por «cousas tocante à santa fé católica, dando de si mostras de mau cristão». A 23 de abril de 1571, o dr. Manuel Fernandes Cortiçado — ouvidor eclesiástico — prende, em Olinda, o padre António Gouvêa. A 4 de maio e sob ferros, é pôsto a bordo da nau «São João». A 10 de setembro está, de novo, nas enxovias da Inquisição em Lisboa. A 26 de abril de 1575, sobe o processo ao Conselho Geral do Santo Offício...

Dêsse dia em diante mergulha o PADRE MÁGICO no Desconhecido. E volta-se a frei Vicente do Salvador: — «Desapareceu uma noite sem mais saber-se dele»...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 138

PARA VETERANOS



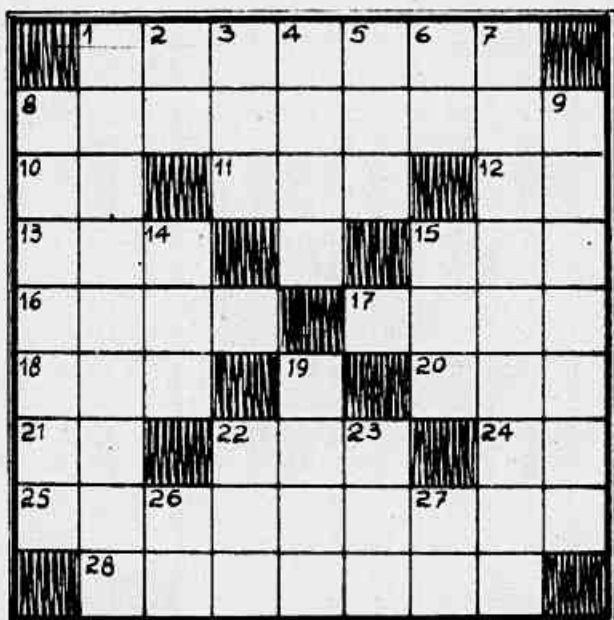
Warner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Língua ou dialeto do México — 7. Harmonia — 8. Grainha — 10. Assinatura do avalista — 12. Além (ant.) — 13. Excêntricas — 15. Ministro da religião maometana — 16. Taipas — 18. Idem — 20. Constituição física — 22. Preposição — 24. Barquinho de pesca, usado na costa sul de Portugal — 26. Uma das ilhas Lucias — 28. Engos — 30. Contratai — 32. Chefe de um quilombo — 33. Galeria transversal que une pontos secundários de uma mina — 35. Partias — 36. Espécie de balança (pl.).

VERTICAIS: — 1. Planícies grandes, rodeadas de montes — 2. Embirras — 3. Em partes iguais — 4. Prefixo designativo de além de — 5. Mau olhado — 6. Resina extraída de uma planta burserácea —

— 7. Marido e mulher — 9. Ermida — 11. Manha — 14. Sucessão de coisas — 17. Peixe grande do Brasil — 19. Importunar — 21. Esclarece — 23. Decifrar — 15. Poesia provençal (pl.) — 27. Planta purgativa e diurética — 29. Feminino plural de ão — 31. Andavam — 34. Nota musical.

PARA NOVATOS



Warner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. O mesmo que peralto — 8. Em que há delito — 10. Prefixo que denota movimento para dentro — 11. Pedra do altar — 12. Símbolo do tálho — 13. Liga — 15. Transpira — 16. Metade — 17. O mesmo que liça — 18. Amassada (pl.) — 20. Cento e dois romanos — 21. Prefixo que traz a idéia de proximidade — 22. Dá miados — 24. Prefixo designativo de autor — 25. Soberba — 28. Tornado ralo.

VERTICAIS: — 1. Que penteia — 2. Outra coisa — 3. Esteiro de rio — 4. Tenebroso, negro — 5.

Satélite da Terra — 6. Porco — 7. Que tem astúcia — 8. O mesmo que rímba (pl.) — 9. Olaia — 14. Gemidos — 15. Textualmente — 19. Tratamento que se dava aos reis de França — 22. Substância produzida pelas abelhas — 23. Rebordo de chapéu — 26. Símbolo de bário — 27. Luz que emana da ponta dos dedos.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 137

PARA VETERANOS

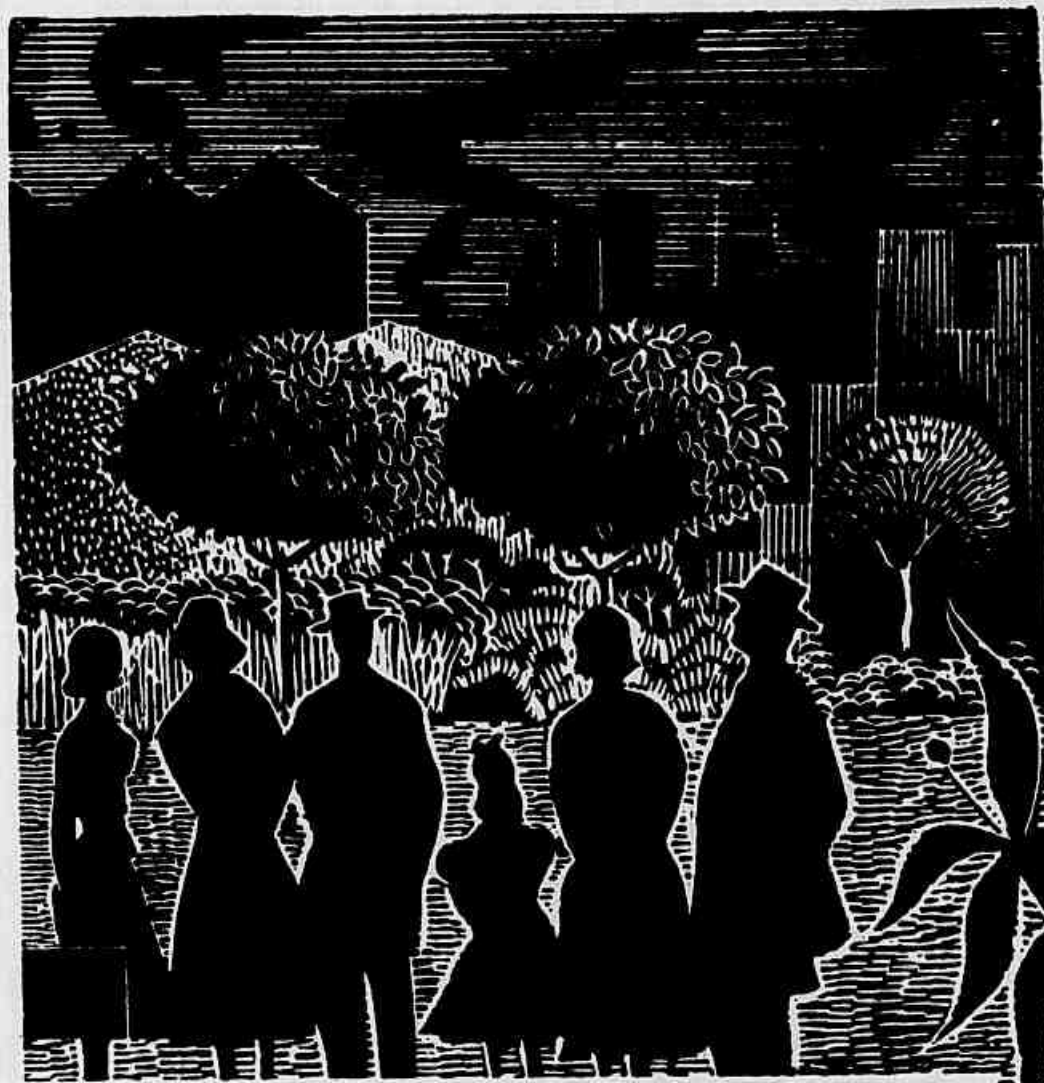
HORIZONTAIS: ano — par — pojadouro — ocasionar — asnil — A.M. — aicá — oa — me — arpa — oc — ibaró — ariperana — cadastros — aro — usa.

VERTICAIS: apo — nocha — oja — puniceo — arala — ror — asa — disa — oonim — mórbido — apapá — airar — ares — canos — ort — acá — aru — asa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: dás — pai — atam — cara — rotularam — rala — ar — na — Ni — mi — cabo — machadada — atoa — anel — S.O.S. — ora.

VERTICAIS: dar — ator — satânicos — paraibano — arar — iam — mula — cá — lá — nada — mato — Ca — Oder — mas — há — ala.



SOROCABA e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221-235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lda.

AZASO - EB-8

GASPARINO DAMATA — JORGE DE CASTRO



A PROFESSORINHA

♦ Acho que Raquel de Queiroz, das escritoras brasileiras que conheci — de todas foi ela a única cuja pessoa física correspondeu perfeitamente à criada pela minha imaginação. E' que até então eu só a conhecia através das leituras... Assim, quando por volta de 1937 ela apareceu, certa tarde, no «atelier» do «Candinho», era como se já fôssemos velhos conhecidos. A impressão que dela tive, logo à primeira vista, foi porém, a de uma humilde professorinha de província! Impressão de leitura? talvez...

A autora de «O 15», seu romance de estréia, se não me falha a memória, vinha involuntariamente imigrada do seu Ceará saudoso e longínquo: pelo menos, foi o que sobre ela me disseram mais tarde, na casa do mesmo Portinari.

A Raquel daquela época, era uma criaturinha meiga, de olhar doce, porém um tanto cansado; falava ainda muito arrastado. E era de uma modéstia impressionante. Mas atrás daquela doçura, daquela meiguice, daquela atitude de quase resignação, cansaço, estava porém escondida — isso eu leri imediatamente! — a mulherzinha destimida, batalhadora e de coragem, que logo mais se revelaria... Aquêlê rostinho redondo, a blusa de sêda-palha, o laço de bolinhas, que lhe emprestava um ar de colegial enganava a qualquer um... Assim, o carioca foi quem mais lucrou com essa forçada imigração, pois ganhou com ela uma grande e sincera admiradora. E a população do Rio, principalmente os moradores da Ilha do Governador, onde mais tarde ela foi residir, passou a ter nela uma defensora destemida e fervorosa.

A autora de «As três Marias», e outros romances de sucesso, conquistou inteiramente o

coração dos cariocas. Os seus artigos dominicais, num suplemento de certo e conceituado matutino, artigos muito lúcidos, preocuparam, durante certo tempo, muita gente que tinha culpa no cartório... E, como era um tipo sem arti-

fícios, muito simples, mandei-a sentar-se numa cadeira... simplesmente! E fiz-lhe uma dúzia de fotografias! Acho que gostou das fotos, porque depois me telefonou pedindo umas cópias. E nisso já lá vão quase uns vinte anos!...

A MUSA

♦ Adalgiza Neri, que conheci em casa do pintor Ismael Neri, seu primeiro espôso, sempre me chamou a atenção, por vários motivos. Em primeiro lugar, era uma mulher de espírito forte, lúcido, dotada de uma grande inteligência incomum e de uma personalidade de veras marcante. E em segundo lugar, por ser uma mulher belíssima, de uma beleza estranha, sem os clássicos artifícios femininos. Ao contemplar aquêlê seu perfil magnífico, que um dia sonhava fotografar, não podia deixar de recitar para mim mesmo êsses belos versos que sobre ela e dedicados a ela escreveu o falecido Jorge de Lima. «Não te chamo Eva, nem te dou nenhum nome de mulher nascida». O tempo, porém, foi passando, eu viajei para a Europa; de lá soube da morte de Ismael Neri... E só vim a concretizar o meu grande sonho, de volta, quando ela já era Adalgiza Neri Fontes.

A história dessa fotografia aliás, é muito en-

graçada. Eu sempre pensava em fazer com ela coisas fabulosas. Adalgiza se prestava para retratos que consagrariam qualquer artista! E marquei com ela, então, uma hora, mas cheguei atrasado. Ao entrar no seu apartamento, no Leme, ao contrário do que imaginava, encontrei-a calmamente lendo, vestida às dez da manhã num belíssimo vestido de baile, negro! Eu levei um verdadeiro susto. A poetisa sorriu... e não tive outro jeito, senão engolir a pílula calado. Eu que sempre imaginara fazer com ela fotografias bem a meu gosto, encontrar o meu sonhado modelo já toda aparatada, como que a caráter... Mas não discuti... Pois vi logo que era assim mesma que ela se via.

E aprendi uma coisa: a nunca mais sair de casa, para fotografar uma personalidade, fazendo cálculos, idéias preconcebidas de uma pose, de um ângulo... Adalgiza dera uma bela lição!





A MOCINHA

♦ A mocinha desta fotografia (e a menina do quadro) é Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do grande poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. A «Juju», como é chamada em família, eu conheci menina, quando o «Candinho» trabalhava no retrato dela, no seu atelier das Laranjeiras. E só muito mais tarde é que vim a saber que ela, como o pai, também excelente prosador, tinha uma novela publicada. O mais curioso de tudo é que, quando menina, era a cara do pai. Isso se pode ver perfeitamente no quadro pendurado na parede do apartamento por eles ocupado, na Princesa Elizabeth, em Copacabana. O retrato que fiz dela, quando já mocinha (dezoito anos incompletos), mostra-a porém muito diferente, parecidíssima agora com a senhora sua mãe! Aliás, eu já havia observado a Portinari futura transformação fisionômica que em breve se operaria na pequena, quando ele ainda trabalhava no quadro. A «Juju» era uma menina viva, curiosa, gostava imensamente de praia e de dança; era chefe das Bandeirantes e tinha planos de viajar... O tempo todo em que estivemos juntos, nunca se cansou de me fazer perguntas sobre países estrangeiros, viagens... Agora acabo de

saber que casou, já tem filhos e vive, com o espôso, diplomata, na Argentina. A «Juju» começa a realizar os seus sonhos de menina e moça...

OS GRANDES CONHECIDOS DESCONHECIDOS

♦ A ensaísta Lúcia Miguel Pereira, espôsa do historiador Otávio Tarquínio de Souza, pertence à galeria das figuras das nossas letras que só são conhecidas através dos trabalhos publicados. E nunca pessoalmente. Vocês a imaginariam... como? Alta, magra, morena, loura, recatada, tímida, expansiva? A autora de um dos mais discutidos ensaios sobre Machado de Assis e dois romances — «Amanhecer» e recentemente «Cabra-Cega», ao lado do marido, entre livros, muito radiante e simples, deu-me a idéia de um ser voltado inteiramente para a sua arte. A personalidade do espôso, sua maneira um tanto bombástica de falar, como que a abafava, ofuscava-a. Ao ficar a sós com ela, máquina em punho, a pedir-lhe ora que sorrisse, ora que escrevesse, escolhendo os melhores ângulos, ela foi-se-me revelando... A ensaísta, aparentemente tímida, era apenas educada, fina, discreta. E sem dúvida muito mais inteligente e lúcida, a meu ver, que seu célebre espôso... As fotografias que dela fiz, naquela época, são



A DEBUTANTE

♦ Ai por volta de 1942, meu conceito como fotógrafo de bom-gosto havia se firmado. E passei então a fazer uma série de trabalhos avulsos, bem remunerados, para uma revista de sociedade. A experiência, para mim, foi das mais interessantes, curiosa. Infelizmente, as melhores fotografias que tirei, de pessoas de sociedade, as mais fiéis, as mais felizes... nunca foram publicadas! As senhoras grã-finhas não compreendiam uma foto sua publicada que não fôsse glamurosa, onde ela aparecesse bem... O meu arquivo, porém, encheu-se de instantâneos gozadíssimos! O meu primeiro trabalho para esta dita revista, foi fotografar as primeiras debutantes, antes do tradicional baile por ela patrocinado. E entre as mocinhas havia uma, muito interessante, moreninha, com um narizinho meio arrebitado — um amoreco! Chamava-se Maluh de Ouro Preto. O tempo passou e certo dia, num café em Paris, fui-lhe apresentado; claro que não se lembrava mais de mim! A mocinha debutante daquele ano agora escrevia, revelara-se uma excelente cronista. E que melhor caminho a seguir, num grupo de meninas casadoiras, de cabecinhas cheias de vento, para um patinho feio?

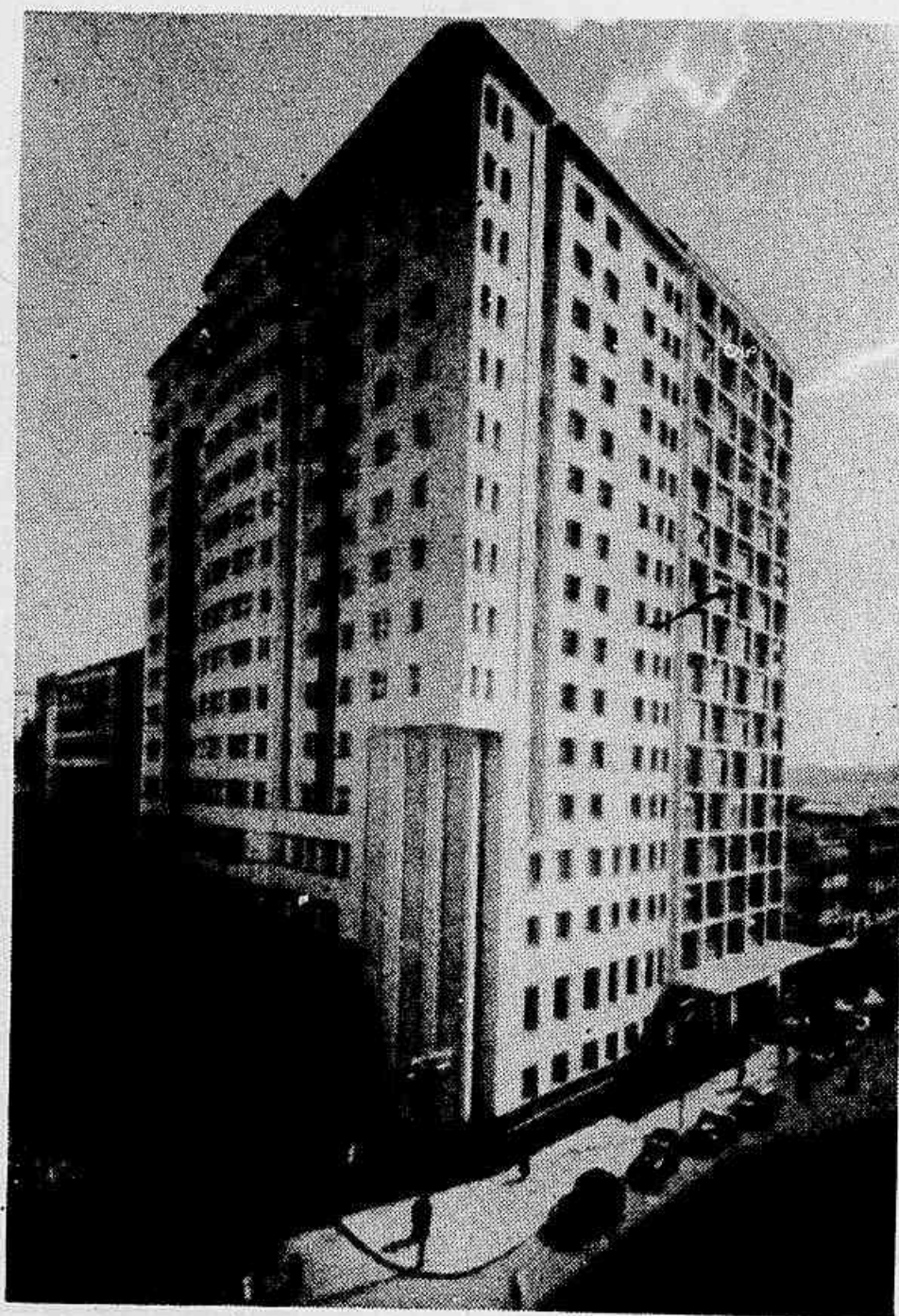


até agora as únicas conhecidas, apesar de pouco divulgadas. A exemplo de Raquel de Queiroz e Adalgiza Neri, a sua obra reflete exatamente a sua personalidade!

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S. A.

SEDE — BELO HORIZONTE

AGÊNCIA DE NITERÓI: Rua Cel. Gomes Machado nº 82
Niterói — Est. do Rio de Janeiro



CAPITAL : CR\$ 200.000.000,00

RESERVA: CR\$ 114.450.000,00

◆ O Banco Nacional de Minas Gerais S.A. desponta como um dos principais institutos de crédito do país, não só pela sua pujança, índice de crescimento e segurança, como, também, pela sua larga penetração pelo interior, onde exerce a legítima função bancária, que é de atender às justas necessidades da produção, por meio de criteriosas e seletivas injeções de crédito. Possui cerca de noventa agências distribuídas por vários Estados, afora a Matriz com sede em Belo Horizonte, e conta apenas 12 anos de existência. O seu encaixe era o terceiro do país em 30 de agosto passado.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Estréia a Ópera de Pequim

◆ Finalmente, quebra-se a monotonia das sucessivas temporadas artísticas do nosso Teatro Municipal. Um conjunto exótico, marcado pelo ritmo arrastado, pela «dissonância» refrescante, pela mímica sábia e pela ligeireza estonteante, assomou ao palco ante os olhos maravilhados de toda uma aristocracia política, artística e social. Em meio a expectativa geral, transcorreu o espetáculo da Ópera de Pequim, que encerra, dentro desta sua nomenclatura ocidentalizada, o milenar Teatro Clássico da China com as suas representações altamente simbólicas, sua música, sua arte coreográfica e sua profunda e significativa pantomima.

É claro que para a nossa percepção imediatista de ocidentais, quase todo o sentido humano e filosófico da arte chinesa perde-se e se confunde com o figurativismo convencional dos lances soltos no espaço ou com o cromatismo aberrante do guarda-roupa.

O elemento preponderante da reduzida orquestra típica é a percussão, que acompanha a dialogação, as pantomimas, ou as acrobacias, com impressividade e realismo, transportando-nos a um mundo de estranhas sensações. A movimentação cenográfica não encontra correspondência nos nossos cânones do teatro; por isso a imaginação dos espectadores não encontra limitações de ordem interpretativa: apreende a sequência por amor à bazarria da forma já que se depara com o fracasso intelectual da visão do conteúdo.

Vejamos, por exemplo, a primeira peça do programa intitulada «Os Três Encontros», onde os lances acrobáticos do estalajadeiro representam o elemento básico de toda uma narrativa e em que os simbolismos se acham tão distanciados da nossa capacidade de entendimento quanto à própria história literariamente contada se aproxima, em linhas gerais, dos moldes ocidentais. Como se vê, a divorciação entre o aspecto relativo e aquele que resulta do movimento puro e simples, não é uma realidade artística, mas o único ângulo possível para a nossa percepção habituada aos sistemas cênicos demasiado objetivos da expressão teatral que conhecemos nesta parte do mundo.

Por outro lado, a música chinesa, em sua magnífica dissonância e profundidade de conteúdo, impressiona pela direção inesperada do núcleo melódico. Através dela se pode sentir o quanto é universal a linguagem expressa pelos elementos fônicos. As flexões vocais são dotadas de grande pureza. Enquanto solo instrumental apresenta um visível paralelismo com o que temos de mais representativo neste setor: é o caso do instrumento exibido (Tzin), cuja semelhança com a nossa viola, alteia de pronto a capacidade receptiva do público, produzindo agradáveis sensações quer pela similitude do meio de expressão, quer pelo próprio material sonoro. O arco tange as cordas desse instrumento com a mesma sutileza e versatilidade com que o fazem os arcos empregados na execução dos membros da família do nosso violino. E é provável que possua as mesmas possibilidades técnicas. O instrumento acompanhante (Arhu) lembra de perto a harpa. As cordas, que se acham em posição horizontal, quando dedilhadas produzem um som ainda mais destacado e cristalino que o seu correspondente ocidental. O «duo» apresentado por esses dois instrumentos foi, sem sombra de dúvida, um dos mais belos números do programa.

Por fim, temos a dança pura, esplendidamente salientada no bailado «Flor de Lotus». Moças, com os pés escondidos sob corolas, deslizam pelo palco como se estivessem sobre patins. A coreografia é simples e perfeita a harmonia do conjunto, a par de um inigualável lirismo que tão bem reflete o espírito de pureza que informa o secular tema lendário da flor imaculável.

Estreou belamente a famosa Ópera de Pequim. Suas apresentações não só corresponderam como ultrapassaram toda a expectativa. Cremos que nunca se viu, em palcos brasileiros, vestimentas tão ricas e luxuosas, nem tanto virtuosismo individual numa demonstração de tão elevado espírito de unidade de conjunto. Diante disso, só nos resta enviar congratulações ao empresário Dante Vigiani pela feliz iniciativa.

RECITAL DE TAGLIAVINI

◆ **DESPEDINDO-SE DOS** cariocas, o tenor Tagliavini apresentou-se em um único recital, realizado no Municipal. A voz de Tagliavini já não conserva o vigor, a plasticidade e em suma aquelas qualidades que o impuseram como dos melhores cantores italianos de seu registro, desde a sua estréia em 1939, em «La Bohème». Apresenta-se cansada, por vezes soando à custa de esforço. «Una furtiva lagrima», que outrora constituía peça de fácil êxito para o tenor, foi cantada de modo deplorável. Há um grande desnível entre as regiões vocais de Tagliavini: os graves desapareceram, a região média é bela, mas os agudos

soam duros e metálicos. O fôlego, por sua vez, contraiu-se. Com sua simpatia, porém, e com um repertório bem ao gosto de certa qualidade de ouvintes — repertório que ia das árias de óperas italianas e francesas (boa, a interpretação de «O souverain, O juge, O Père», do Cid, de Massenet) até às mais chãs canções italianas. O tenor deu cabo de sua tarefa, conquistando palmas. Ao piano, Cláudia Morena fez o que pôde para acompanhar o divo, que ao que parece, sabe, de música, apenas o indispensável. Êxito artístico, nenhum; popular, enorme.

JACARÉ E A CIDADE SEM NOME

Fernando LOBO

♦ Era uma cidade terrível, daquelas que ficam fincadas num canto de mundo que o resto do mundo parece esquecer. Ali nada crescia, ali nada vegetava e quem de gente dentro dela vivia de teimoso, era da pior qualidade. Um famoso sábio — e como todos, homem muito esquecido — por ela passou. A cidade nem nome tinha e nem cidade era. Era mais um amontoado de casas tortas, um punhado de lixo em forma de chão, uma gente parecendo bicho e bicho parecendo fantasma. Cidade danada aquela, sem governo, sem lei, sem mando. Cada um que salvasse a pele. Quando o sábio chegou os homens da terra espiaram os óculos de ouro do velho careca — sábio sem ser careca não convence — e dêle nem sequer tomaram conhecimento, pois não era de ouro que precisavam e sim e mais e sempre de comida, qualquer que fosse. Os gatos eram preferidos, mas andavam vasqueiros e, quando um cavalo selvagem era abatido a pedradas e laçado a muque por uma multidão superior a sua força, banquete grande acontecia, como diria um cronista nosso! Vai daí que o sábio levava com êle um jacaré que ficou na cidade esquecido do seu dono — um bom sábio não deve ter boa memória — logo que partiu às pressas, por medo ou por dever, para outras paragens. O jacaré procurou seu rumo e sem ser visto, na calada da noite, foi descobrir uma lagoa nada, nada de bom cheiro, mas que para aquela gente era um presente que Deus mandara. Ali tomavam banho, ali pescavam umas piabas minúsculas, dali tiravam a água para beber. Sem a falsa lagoa aquele punhado de gente não poderia subsistir. O jacaré torceu a cara quando nela entrou mas, entendeu que ali era a sua salvação. A princípio sofreu fome terrível, mas depois começou a comer os gatos que sendo na cidade ao todo uns 20, ficaram reduzidos a nada em menos de um mês. Nova fome para o pobre jacaré! Passou a comer cachorros, um punhado de vira-latas ossudos que mal davam para matar o apetite de um jacaré recém-nascido. Mas não havia nada a fazer. Jacaré não estilha e é bicho

de chorar. Com o tempo os cachorros que não eram muitos escassearam e nova fome veio para a boca do pobre e abandonado jacaré. Resolveu então comer meninos que vinham banhar-se na lagoa. E' preciso salientar a respeito de meninos daquela cidade. Um menino de três anos já tinha um poder de sustentação de um homem de 25. Havia um dêles de nome Beija-Flor — os nomes eram ingênuos — que aos três anos fumara seu primeiro charuto, aos 5 tomara seus primeiro pileque, aos seis surrara a própria mãe e, finalmente, aos oito — sua idade atual — matara um vagabundo que queria disputar-lhe a pequena. Foi êle que chegou à beira da lagoa naquela tarde sombria, tarde exata em que o jacaré estava faminto. Seus olhos manhosos de longe enxergaram o estranho animal muito embora coisa parecida jamais tivesse visto antes. Sabia que aquilo cheirava a perigo e a morte e mais que depressa tratou de tomar as providências. Mergulhou n'água e nadou com força em direção ao bicho. Não resta a menor dúvida que Beija-Flor morreu todinho. Mas morreu gritando e seus gritos trouxeram gente e gente trouxe armas e armas mataram o jacaré. Dentro da noite os homens da cidade sem nome se reuniram e pensando que o extermínio dos gatos fora um bem, dos cachorros, idem, e de Beija-Flor um alívio, chegaram a conclusão lógica que o jacaré deveria ser um santo caído do céu. E empalharam o bicho e fizeram a primeira procissão e hoje quem passar pela cidade sem nome encontrará um alpendre à guisa da capela onde no centro está cercado de flores agrestes e muitas bugigangas, o jacaré enfeitado de laços de fitas, santo padroeiro da cidade sem nome. Quem me contou esta história poderia tê-la ouvido de outra boca e esta outra poderia ter dito mentira. De mim pra mim acredito nela, pois nesse mundo de Deus muita coisa pior tenho visto em relação a bichos muito menores e muito menos inofensivos que um jacaré e que aos seus donos nada acontecesse. O que precisamos é de um punhado de meninos como aquele



ANGELITA MARTINEZ devidamente apoiada pelos «JJJ» será Missi Onjetiva.

«Beija-Flor» para nos dar raça e mais jacarés para começar comendo os ratos, depois os gatos e assim por diante.

ROTEIRINHO

«Fiesta» é uma casa grande, regida pelo mestre Costa. As noites têm sido boas e há um tom de «Vogue» dentro dela. ★ «La Cremaillère» está com Rose D'Avril e Verônica Beck. Inesita Barroso depois de uma taça de champanha de despedida deixou contrato assinado para voltar d'aqui a pouco. Mas, ela tem negócios com Paris. ★ Nestor de Holanda e Geysa de Bôscoli preparam nova revista para continuar o êxito de «Está em Todas». ★ Dois cavalheiros grisalhos completaram o «show» de estréia de Rose D'Avril no «La Cremaillère». Ao fundo via-se Sílvia Fernandes. ★ Na televisão o deputado Emílio Carlos baixou o cajado nos cronistas sociais. E agora? ★ Mara Abrantes canta no «Fiesta» e Nanai no «Cangaceiro». ★ O anunciado «show» do «Night-and-Day» que iria ser «Quo Vadis Momo» e agora não é mais, não vai também na data marcada. Resultado o negócio é cantar: «quo va-

dis sei que me podem chamar...» ★ Um cronista desavisado avisou que Lena Horne iria estrear no Copacabana Pois é.



ROSITA LOPES, a morena mais sestroza de «Está em Todas».

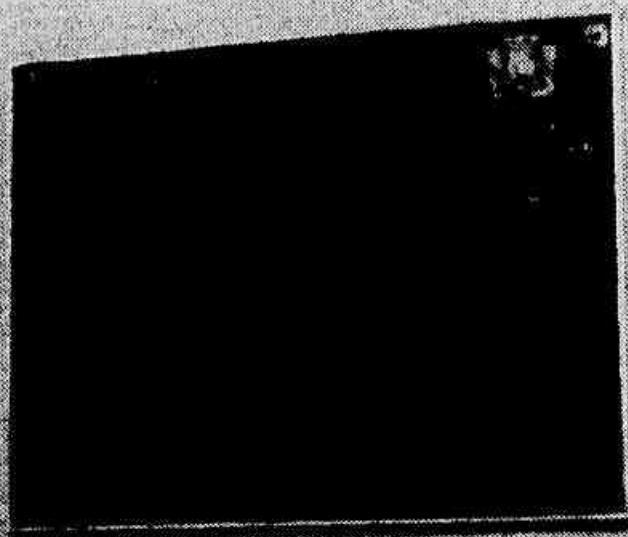


SÍLVIA FERNANDA aplaude animadamente. Não está no «show» da noite.

DE PARABÊNS A POPULAÇÃO SUBURBANA

Vista do trecho construído na Avenida das Bandeiras.

Realizações da administração Negrão de Lima no Departamento de Estradas de Rodagem



Placa comemorativa das solenidades realizadas dia 6: Avenida das Bandeiras — Trecho Deodoro-Bangu. As obras para construção deste trecho da Avenida das Bandeiras, com a extensão de 9 kms., incluindo uma ponte e sete viadutos, foram iniciadas na administração do Prefeito Angelo Mendes de Moraes, tiveram prosseguimento nas administrações dos Prefeitos João Carlos Vital, Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, Alim Pedro e Francisco de Sá Lessa. Em 6 de setembro de 1956 foram as obras concluídas e o trecho aberto ao trânsito público, sendo Presidente da República, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Prefeito do Distrito Federal, Embaixador Francisco Negrão de Lima, Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, Engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar.

◆ O Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura, sob a direção do Engenheiro Adolfo Almeida de Aguiar, em conformidade com a orientação estabelecida pelo plano quinquenal do Prefeito Negrão de Lima, dando prosseguimento às suas atividades de abertura, no Distrito Federal, de mais 300 kms. de estradas novas e de pavimentação de primeira classe dos 500 kms. de estradas em terra já abertas, fez inaugurar no dia 6 do corrente mês, com a presença do Presidente da República, do Prefeito do Distrito Federal e de altas autoridades civis e militares, o Viaduto de Ana Nery. Antigo sonho das populações dos bairros de Jacaré, São Francisco Xavier, Meyer e São Cristóvão, dentre outros bairros, a gigantesca obra representa onze anos de luta incessante de um pugilo de abnegados e permitirá a circulação diária de seiscentas mil pessoas sobre o seu piso, constituindo um fator positivo no descongestionamento do tráfego e possibilitando o restabelecimento do bonde da linha 78, «Cascadura», desaparecido desde 1945, que faz a ligação de Jacaré com o centro da cidade.

Em seguida, acompanhado das mesmas autoridades e dentro do espírito cívico que orientou as cerimônias da primeira solenidade, o Presidente da República entregou ao povo 11 kms. de estradas de rodagem, ligando Deodoro

ao distante subúrbio de Bangu, em cujo trecho encontramos 8 maravilhosas obras de arte, impressionantes pela sua magnificência e imponência, tais como: Viaduto de Camboatá, Viaduto das Adutoras de Ribeirão das Lajes, Ponte sobre o Rio Acari, Viaduto de Deodoro, Viaduto do «Stand» de Tiro, Viaduto de Magalhães Bastos e Viaduto Cancela Preta.

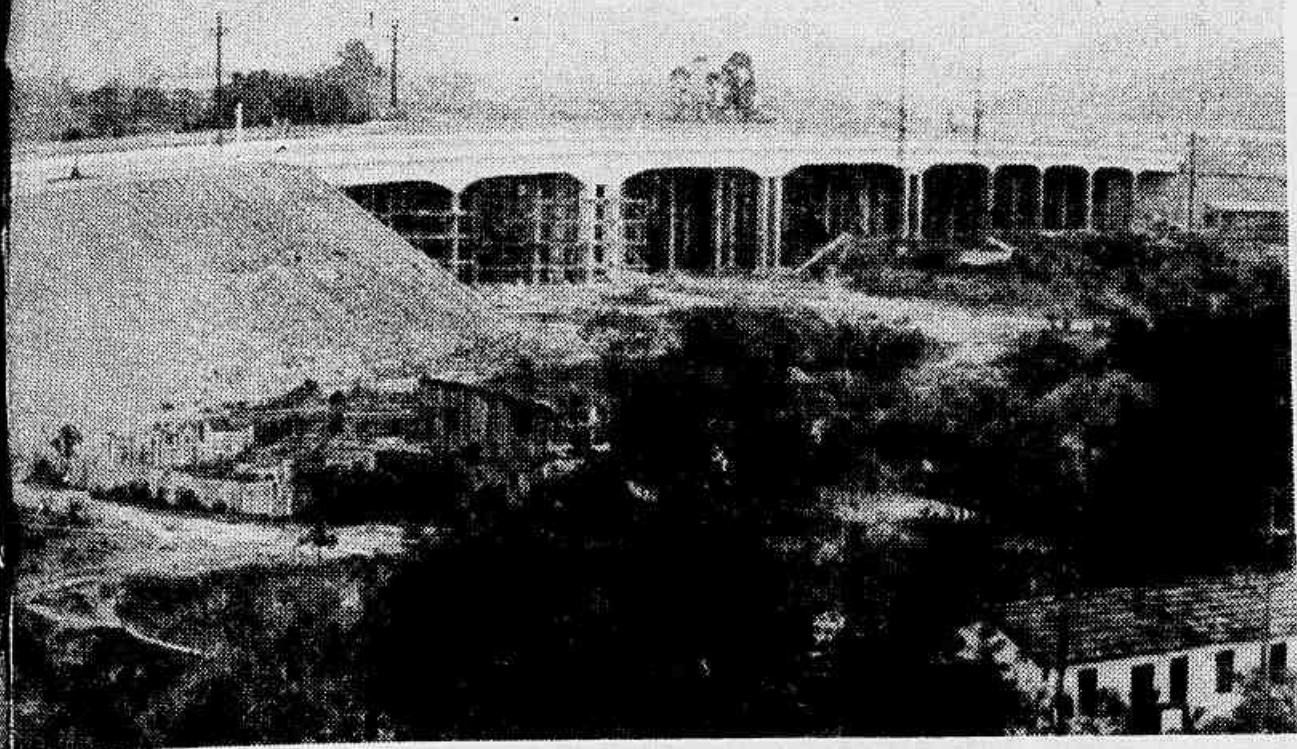
Usando da palavra para dizer da satisfação com que o órgão por ele dirigido entregava à população do Distrito Federal tão importantes melhoramentos, o dr. Adolfo Almeida de Aguiar agradeceu a inestimável colaboração do Presidente da República e enalteceu a dedicação do Prefeito na «solução dos mais sérios e prementes problemas que, no momento, afligem e dificultam o povo de nossa Capital».

Acentuou, ainda, que «Governo e povo irmanados pacificamente pelos mesmos propósitos de Ordem e Progresso, poderão realizar verdadeiros milagres para os olhos daqueles que não confiam no futuro esperançoso que aguarda o nosso país».

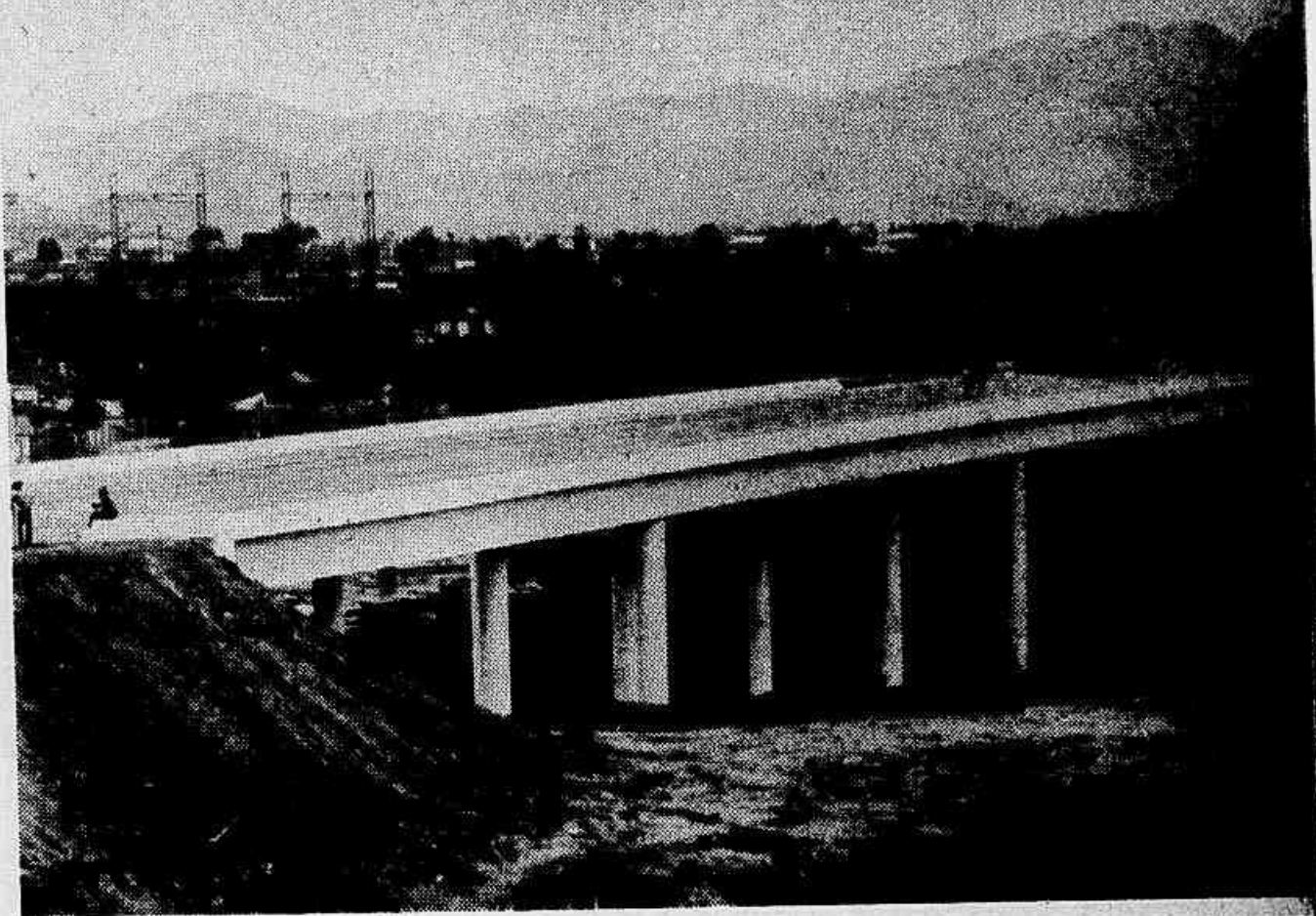
E' de se ressaltar que a importância dessas realizações não se prende apenas a maiores facilidades de locomoção para os habitantes da região, indo muito além e representando mais uma etapa do grande anel rodoviário que, contornando todo o Distrito Federal, permitirá um



Discursa o dr. Adolfo de Aguiar, Diretor do D.E.R.



Aspecto do Viaduto de Deodoro, uma das 8 monumentais obras de arte.



Ponte do Rio Acari — outra maravilhosa construção.

rápido escoamento da produção agrícola do sertão carioca, solucionando o problema da produção, circulação e consumo das utilidades, proporcionando, em um futuro próximo, com a prosperidade da zona da periferia da Capital Federal, uma situação de tranquilidade e confiança para toda a população carioca que terá, assim, oportunidade de usufruir dos benefícios da vida estável a que tem direito, livre das preocupações e das aflições da hora presente.

A planificação quinquenal do Prefeito Negrão de Lima prevê, ainda, sentindo a necessidade de se promover o bem estar da comunhão social auscultando e realizando suas legítimas aspirações, a construção, até o fim do ano, das primeiras 150 casas populares a serem vendidas aos trabalhadores do D.E.R. pelo preço do custo. É o início da concretização da assistência ao trabalhador no setor da habitação, obedecendo ao programa do Presidente da República em procurar fazer o máximo pelos trabalhadores do Brasil. Por outro lado, a criação da Polícia Rodoviária virá contribuir decisivamente para melhor segurança das estradas e rigorosa fiscalização do tráfego. Além disso, a construção de uma oficina completa para conservação de máquinas leves e pesadas, representará uma garantia de material adequado e eficiente para as futuras obras a serem realizadas e que são executadas através de administração direta graças à instalação da usina de asfalto do D.E.R.

No tocante ao turismo, procurando incentivá-lo e torná-lo uma de nossas mais importantes fontes de divisas, o Departamento de Estradas de Rodagem está construindo a nova Variante das Paineiras, tratando-se de uma estrada turística por excelência, toda pavimentada, que virá completar o circuito do Corcovado, passando sobre a E.F. Corcovado por um viaduto em arco. Dentro em breve, também será construído um «Belvédère» com deslumbrante e inédita vista para a enseada de Botafogo e Urca, além da estrada circuito Lagoa-Corcovado, que proporcionará magnífica vista para Ipanema, Leblon e Lagoa Rodrigo de Freitas, e da Estrada das Furnas, cujas obras, já iniciadas, deverão ter conclusão em fevereiro de 1957, ligando Jacarepaguá à Barra da Tijuca.

Ao alto: O Presidente na primeira viagem do bonde «Cascadura» em sua nova fase. À direita: Enorme público aguarda, no Viaduto Ana Nery, a chegada do Presidente.





O Presidente da República agradecendo o banquete.

DO POVO DE BANGU AO PRESIDENTE E AO PREFEITO

**GRANDE MANIFESTAÇÃO ★ A FÁBRICA BANGU, POR SUA DIRETORIA,
À FRENTE DAS HOMENAGENS PRESTADAS AOS ILUSTRES VISITANTES**

◆ Após o término das solenidades de inauguração do Viaduto de Ana Nery e do trecho da Avenida das Nações que liga Deodoro a Bangu, o Presidente da República, o Prefeito do Distrito Federal, em companhia

de altas personalidades da administração pública, foram alvos de tocan-tes e significativas homenagens por parte da população bangüense que os recebeu de braços abertos, com caloroso entusiasmo, tendo à frente



O Presidente recebe, ao chegar, uma chuva de pétalas de rosas.



O Presidente com um grupo de moças da fábrica.



Na Matriz de Bangu o Presidente ao lado do pároco.



Dr. Guilherme da Silveira Filho abraça o Presidente.

o dr. Guilherme da Silveira Filho e demais diretores da Fábrica Bangu. Aguardados por um grupo de moças, S. Exas. assistiram ao desfile, realizado em sua honra, das alunas das escolas locais. Em seguida, o Presidente visitou a Matriz de Bangu, fazendo suas orações e demorando-se na contemplação das belíssimas imagens sagradas e das artísticas decorações da igreja.

Traduzindo a alegria de que estavam possuídos pela presença de tão ilustres visitantes, o dr. Guilherme da Silveira Filho e seus companheiros de direção da Fábrica Bangu ofereceram-lhes um lauto banquete que teve a participação, dentre outros, do Vereador Faim Pedro, dos dres. José Vieira Machado, Jorge Dória, Antônio Garavaglia, Eugênio Paixão e do

dr. José Ramos Penedo, presidente do Bangu A.C., acompanhado de seus companheiros de diretoria.

Agradecendo às manifestações de carinho recebidas, após o banquete, usou da palavra o Presidente da República dizendo que estava diante de um dos maiores orgulhos da indústria nacional: a Fábrica Bangu. Percorrendo as instalações da grande fábrica, os visitantes puderam verificar o alto padrão de sua produção e a invejável assistência médica, social e recreativa que é dispensada a todos os operários.

Encerrando a sua visita, o Presidente da República esteve na sede do Bangu A.C., sendo recepcionado por um grupo de moças com uma chuva de pétalas de rosas.

Visita do Presidente às diversas dependências da Fábrica Bangu.



a eletricidade tão essencial é muito barata no Brasil



PREÇO MÉDIO POR kWh

RIO DE JANEIRO

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 1,39	Cr\$ 0,57

NOVA YORK

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,20	Cr\$ 1,22

MILÃO

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,02	Cr\$ 1,05

PARIS

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,12	Cr\$ 1,00

FILADELFIA

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,02	Cr\$ 0,72

BASILEIA

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,40	Cr\$ 0,85

As tarifas de energia elétrica na região Rio-São Paulo e em outras regiões do país continuam sendo das mais baixas do mundo. É mínima a incidência do custo da energia tanto no valor da produção industrial como no orçamento do lar.



A conversão das tarifas estrangeiras foi feita à taxa de Cr\$ 43,82 por dólar.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

O HOMEM DO TERNO CINZENTO

(Conclusão do número anterior)

◆ Hopkins logo readquiriu o controle sobre si mesmo.

— Acho que você tomou uma bela decisão. E não se preocupe com os destinos da fundação. Além disso, tenho outros projetos.

Na manhã seguinte Hopkins estava amigável, mas um pouco distante. E' que havia descoberto que devia permanecer mais tempo em Hollywood do que imaginara. Disse que Tom não ficasse retido por causa dele. E o aconselhou a voltar para Nova York quando quisesse. E, realmente, Tom apanhou o primeiro avião.

Tom foi diretamente do aeroporto para o escritório, e lá encontrou um cartão de Cesar Gardella. Encontraram-se para o almoço e Gardella contou o que ouvira de Maria. O marido havia morrido, e ela e o filho precisavam de ajuda. Gardella fora portador de uma carta na qual estava incluída uma fotografia dela, tendo o filho ao lado. Na carta, Maria pedia desculpas por aborrecê-lo. E dizia que nada queria para ela, mas tão somente para o filho. Tom agora viu-se na contingência de contar tudo a Betsy. E o fazia, na ocasião oportuna...

Na noite da eleição, o juiz Bernstein comunicou a Tom que a votação para a instalação da escola fora favorável. E o aconselhou a entrar com a petição para a construção das casas. Bugala, o construtor estava ao lado de Tom, e parecia muito alegre.

De volta a casa, Tom contou tudo a Betsy. Esta mostrou-se satisfeita e ele achou que não devia guardar o segredo por mais tempo. Já era tempo de falar a respeito de Maria. Então, começou a contar a história do princípio ao fim; falou sobre a guerra, sobre o morticínio dos 17 homens, sobre Mahoney — enfim, coisas que nunca havia revelado a ninguém. Finalmente, contou sobre o seu caso com Maria.

— Eu não a amo, — disse tom pausado — mas ela esteve comigo quando eu já não tinha mais nenhuma esperança no mundo. Ela foi a única coisa boa que vi na guerra. E... tivemos um filho. Bem ou mal, isto ainda representa alguma coisa para mim. Maria não goza de nenhum direito. Eu poderia ignorar completamente o seu pedido de auxílio. Mais um ato de desumanidade não mudaria os destinos do mundo. Mas eu não farei isto. A filiação ilegítima só é indecente quando o pai não sustenta o filho. Pois bem, quero sustentá-lo e peço que você me ajude nessa tarefa.

Betsy, a princípio descrente, caiu em seguida num forte estado de depressão. E logo que ele acabou, Betsy começou a chorar, entrou no carro e partiu precipitadamente. Horas depois, retornou.

Estivera pensando sobre o assunto e agora parecia mais calma. Maria estivera entre Tom e ela durante todos esses anos e havia sido o espectro que mantivera o casal longe da verdadeira felicidade. Mas agora o espectro se havia desfeito. Tom ajudaria o garoto que estava na Itália, educa-lo-ia, e tudo o mais estaria arranjado.

Tom tomou Betsy em seus braços e beijou-a. Quanto amava esta sua esposa!

— Amanhã compraremos um carro novo e iremos passar umas férias em Vermont — disse ele. — Chamaremos a sra. Manter para ficar com os meninos. Pelo fato mesmo de que desde muito tempo não ficamos a sós, teremos agora a nossa lua-de-mel.

Tom beijou-a novamente, e disse:

— Pela primeira vez na vida sinto uma indescritível paz na consciência. Você e Cesar Gardella me ajudaram. Eu preciso de muita assistência para tornar-me um homem honesto. Se você não me tivesse persuadido a dizer aquelas verdades ao sr. Hopkins, eu não teria conquistado o que conquistei. Por isso, ainda serei como esses brilhantes homens de terno cinzento que aparecem nas ruas de Nova York. E por uma curiosa coincidência, Hopkins e grande parte das pessoas com quem vivo neste mundo parecem-me agora honestos, e isto somente porque tornei-me honesto para comigo mesmo. E se não houvesse encontrado Gardella jamais teria a coragem de falar a você sobre Maria. Se tudo isto não houvesse acontecido, eu continuaria cada vez mais pessimista e cínico. Felizmente, agora posso considerar-me um homem otimista.

No dia seguinte, antes de partir para Vermont, Tom procurou o juiz Bernstein e contou-lhe acerca de Maria e da criança. E disse que ia mandar 100 dólares por mês para os dois, a título de ajuda.

Bernstein retemperou a garganta.

— Mas você tenciona mandar esse auxílio permanentemente?

— Claro. Pelo menos até que o menino complete a sua educação.

— Você poderia receber uma considerável soma de benefícios se resolver legalizar o filho e considerá-lo como um dependente — disse Bernstein. — Mas isto é difícil de ser conservado em segredo por causa da senhora Rath.

Tom sorriu.

— Isto é apenas um problema de justiça. Betsy já sabe de tudo. E está de acordo com essa ideia.

Quando Tom ia saindo, Bernstein apertou-lhe a mão, dizendo:

— Gosto muito do que você chama «um simples problema de justiça». Isto porque a justiça com que trabalho é tão complexo!

Tom agradeceu e dirigiu-se para o carro onde Betsy o esperava. A dor de estômago de Bernstein havia cessado. Através da janela, ele pôde ver Betsy sorrindo radiantemente para Tom. Bernstein sorriu também.

— F I M —

UM NOVO tratamento

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e melanina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLOGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
E.C.: Rua Santa Luzia 799-13ª - fone 220902 - Lab. Alam. São Boaventura 1087-Niterói



Leiam

EU SEI TUDO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL —
LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE
TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CON-
TOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GE-
RAL, CHARADAS, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

TODOS OS MESES À VENDA NOS
JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



“Mil” lhe oferece:

PARACHUVAS

Super Luxo

colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6194

RIO DE JANEIRO



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

CAPÍTULO XI

TERESA Na segunda semana Otávio não tinha a menor dúvida — Teresa desejava-o. Bom chefe, mas exigente, gostava das coisas corretas e bem feitas; fazia desmanchar a carta rasurada, não se alongava em palestras com os colegas, não permitia o menosprezo do serviço.

Teresa fora assistente do seu antecessor, mantivera-a no posto. Cuidadosa, serviçal, compreensiva, acatava as ordens com humor, sabendo retrucar as observações precisas. Formalizava na expressão forçada do escritório o corpo esbelto de curvas reversas, e humilhava os belos olhos verdes deixando-os refletir canetas, lápis, faturas, notas promissórias, promessas de compra e venda...

A feminilidade está por um fio: cataloga-se na sequência numérica dos arquivos, desromantiza-se nos lechos comerciais das cartas, desvaloriza-se na presença constante e submissa. As mãos das mulheres atuais enfeixam carimbos e estampilhas, os olhos consomem-se na cópia servil do balancete mensal, o corpo sensual poligoniza-se em dois ângulos retos e os homens pedem-lhe amor como se pedissem cópia da carta anterior referencial: «seu pedido nº 37».

Madalena gozava da propriedade de fazer-se lembrada em cada corpo feminino. Teresa refletia Madalena e abandonava-se aos olhos de Otávio: insistia em não entender o manuscrito, aproximava-se demasiado seu corpo, deixando-lhe às narinas o odor entorpecente

de «Femme» e à cobiça dos dentes os braços longos, de brancura antípoda à de Madalena.

O temporal não mandou aviso prévio; abateu-se às cinco horas sobre a cidade agitada. Otávio, sem pressa, retardou a saída, esperando que a chuva abrandasse; Teresa não seguiu os companheiros. A saída Otávio ofereceu-lhe o táxi que chamara.

Teresa convidou Otávio para subir ao seu apartamento; sua companhia não chegara ainda, por culpa da chuva. Havia tanta morbidez no ambiente, e Teresa não fugia... Começaram a dança da fuga retardada.

As palavras trocadas antes da posse não são ditadas pela consciência lógica, esquivam-se à memorização, são lançadas num processo fônico de neutralização dos desejos, não obedecem à cronologia do pensamento, esvoaçam, retornam, até diluírem-se à mecânica do apetite.

Jamais há tragédia na perdição da mulher, existe é impossibilidade de reação ante o convite agressivo, vulnerabilidade indefesa. As histórias, em geral contam-se antes, mas Teresa não perturbava o prazer desliando as minúcias do passado desagradável. Poucas palavras e um retrato reviveram seis anos atrás.

— Era meu marido. A guerra em que o Basil se meteu ameaçava levá-lo. Casamo-nos, e tivemos apenas quinze dias de núpcias. Um ano mais tarde sua mãe recebeu o comunicado oficial. Nosso filho nascera morto.

Desenho de ZARCO

Otávio deslizou a mão pelos cabelos negros, longos, gozando o arrepio gostoso daquele corpo que acordava de novo. Pensou em saber mais coisas, mas não tinha tempo para todas as perguntas, a companhia de Teresa chegaria de um momento para outro, e havia muitas recordações de Madalena naquela conquista.

Por duas semanas deixou de ouvir o som tristonho do violino que se deixava cortar pelo homem magro vestido de negro no pequeno restaurante discreto.

— E' para o senhor.

— Obrigado, Teresa.

— Sim, como vai... Não, não é isso, tenho tido muito trabalho. Você... Compreenda, por favor, estou procurando adaptar-me ao ritmo do novo trabalho... Não, você sabe que não é isso... Está bem... Não sei dizer não a você... Outro para você. Até logo.

Como responderia aos olhos de Teresa? Continuou a minutar a carta:

«... Assim, julgamos que em nada nos afastamos das bases contratuais, seguindo fielmente as especificações contidas na proposta formulada a V. Sas., como poderão observar pelo exame...»

Os olhos de Teresa levantaram-se da máquina de escrever e descreveram uma enorme interrogação verde na sala iluminada. Otávio tentou apagá-la com um sorriso discreto e mentiroso, mas ela, mesmo fragmentada, descoloriu o escratório.

— Amanhã nos veremos; hoje tenho um compromisso importante.

— A mulher do telefone. Quem é ela?

Naquele tempo Otávio ainda não poderia dar a resposta que Rosa recebera; ele não sabia que Madalena era suas pernas.

CAPÍTULO XII

PIGMALIÃO Atarracado, voz malíflua, gestos indecisos, Pigmalião relata as novas da empresa. O ar de subserviência escapa-lhe do rosto equívoco, as palavras são mastigadas e soltas moderadamente, demorando a insalivação.

O que aborrecia em Pigmalião era as minudências de sua vida privada, expostas no momento de formular um pedido. O homem tímido nada atinge porque não arrisca; teme exigir, implora, submete-se. Se alguma coisa recebe em troca de seu esforço parece-lhe concedida por deferência especial; agradece, curva-se, torna a agradecer, ensaia a retirada e a faz com a vértebra curvada, imitação ridícula de mamíferos inferiores.

Poderia ter ocupado o lugar preenchido por Otávio, já contava oito anos de casa, conhecia bastante o serviço que lhe competia, desempenhava-se a contento, entregava-se por completo às tarefas que lhe eram destinadas. Era incapaz de ordenar, nunca elevava a voz, ouvia: «sim senhor. Perfeitamente».

Há dois meses ficara vago o cargo de chefe da Seção de Compras e Vendas, Pigmalião respondia agora por ela, mas não fora efetivado. Queria ocupá-lo definitivamente:

— «Seu» Otávio, o senhor não imagina minha situação. Minha mulher está a caminho do quinto filho. O menor, o Zeca, está com coqueluche, os dois maiores estão com sarampo. Não sei o que será do José Carlos: está entre a cruz e a caldeirinha, sarampo ou coqueluche, ou talvez, para maior pecado, os dois. O senhor compreende, se eu ocupasse o lugar em definitivo seriam mais Cr\$ 3.000,00. Mas, o senhor sabe, o posto é seu; o dr. Magalhães não quer dispor dele em sua ausência. O senhor sabe, esse desastre... o senhor compreende, nós temos que auxiliar nossos semelhantes, mas, como o senhor vê, o acidente deixou-o... bem... deixou-o em um estado difícil para manobrar a seção. O doutor Magalhães é muito bom, teima que o lugar lhe pertence, explicou-me ser eu somente um substituto, que o senhor ainda poderá dirigir o setor...

As considerações acumulavam-se. O homenzinho cozinhou as pala-

vras, concebia, numa gestação inútil, aquêle arrazoado todo, podendo dizer tudo aquilo numa só frase — o senhor é um imprestável.

... poderia retomar seu lugar. Não era serviço para um mutilado o de chefe de vendas das Empresas Imobiliárias Reunidas Escol S.A., comumente designada «EMPIRE». Não havia sentido estabelecer-se em sua cadeira e dar ordens que ele próprio não poderia cumprir. Seria um toco elevado à dignidade de chefe, voltariam aos tempos pré-históricos, em que um pedaço de pau era venerado como deus.

Era ofensa aquela submissão de Pigmalião; queria é que êle influísse junto ao dr. Magalhães, renunciando ao pôsto, num reconhecimento tácito de sua impossibilidade, por isso desfilava a série de desgraças. Sujeito infeliz: dois filhos com sarampo, outro com coqueluche e o quarto ameaçado com as duas doenças. A submissão doentia do inferior, a comisseração estampada com a infelicidade do mendigo. Era isso, implorava, nem pedir sabia.

— Caro Pigmalião, tenho pensado mesmo em deixar a firma à vontade no meu caso. Reconheço que meu estado atual não me permitirá desempenhar o cargo a contento. O que existe da parte do dr. Magalhães é um escrúpulo perfeitamente compreensível, não querendo afastar-me do quadro de funcionários no momento em que fui atingido por essa tragédia, mas prepararei minha carta de demissão, abdicarei os direitos assegurados. Não sei ficar preso à gratidão.

— O senhor é uma grande alma, senhor Otávio, um grande coração.

— Não esquecerei de indicá-lo como a pessoa capaz de substituir-me na chefia da seção. O lugar deveria ter sido seu antes de eu ser convidado a ocupá-lo, foi um pequeno lapso cometido pela Diretoria, que terei o máximo prazer em influenciar para corrigir.

Muito obrigado, senhor Otávio. Devemos-lhe, eu e minha família, êsse gesto de bondade, tão difícil de reconhecer-se nos homens de hoje. Muito obrigado.

Atrás dos óculos, inquietos, os olhos movimentaram-se, ávidos, enquanto a mão pegajosa deixava na de Otávio a impressão nauseante de molusco.

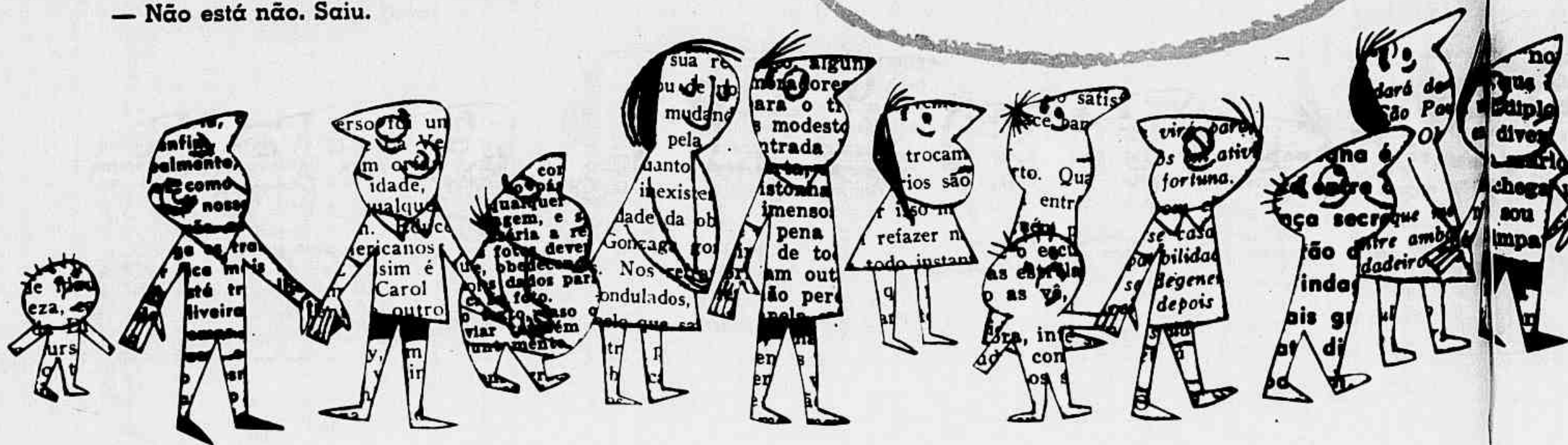
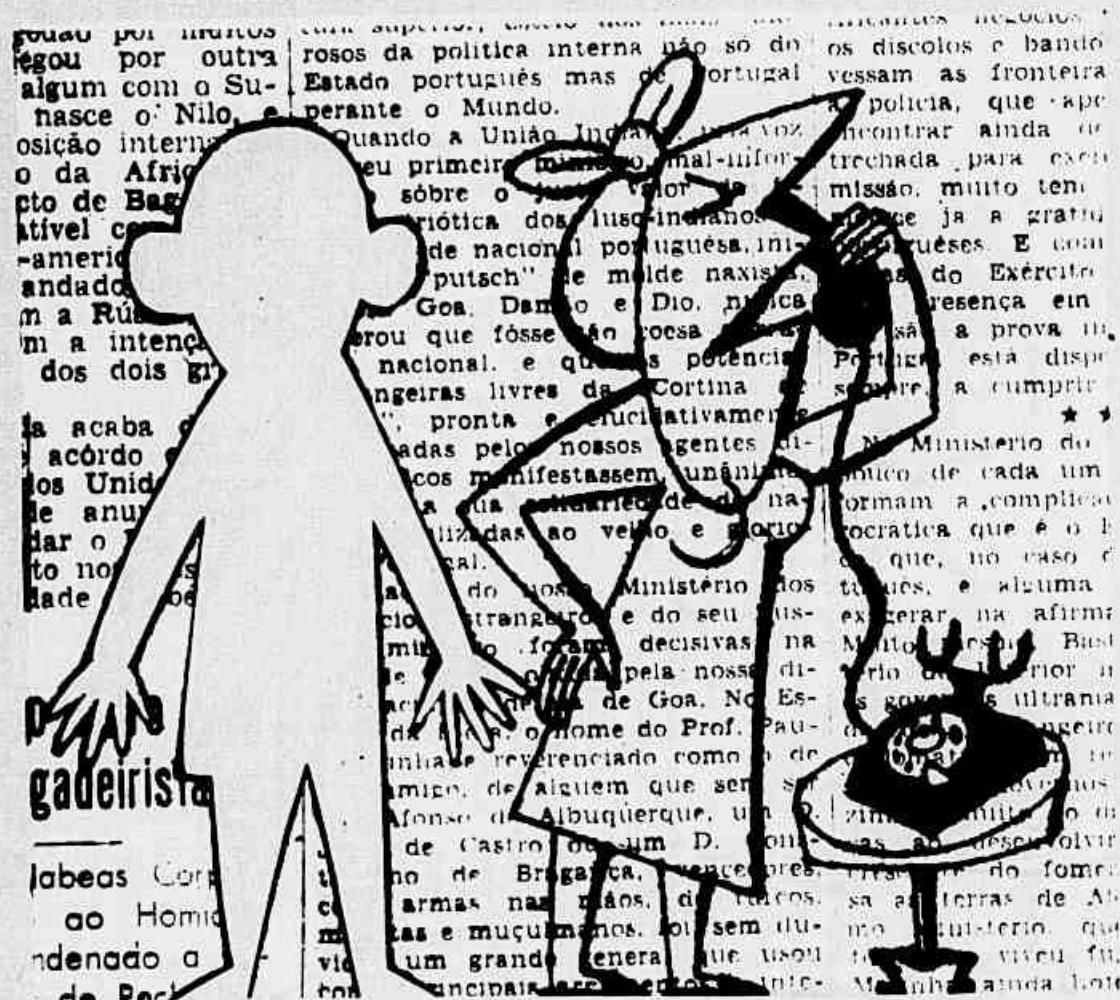
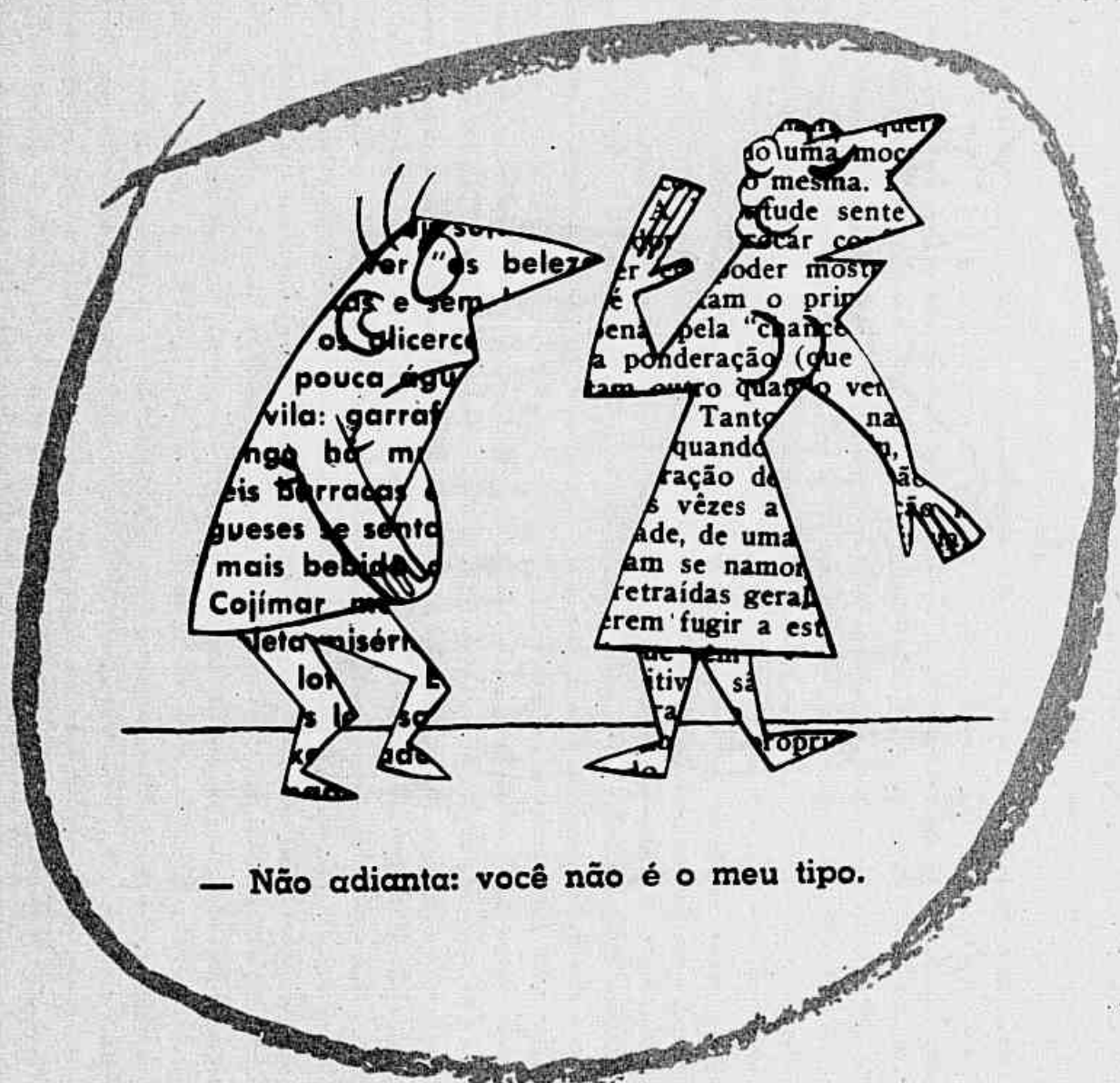
A coqueluche e o sarampo dos garotos tinham assegurado uma posição privilegiada para Pigmalião. Uma das vagas abertas pelas pernas perdidas tinha sido preenchida, outras não demorariam a completar-se.

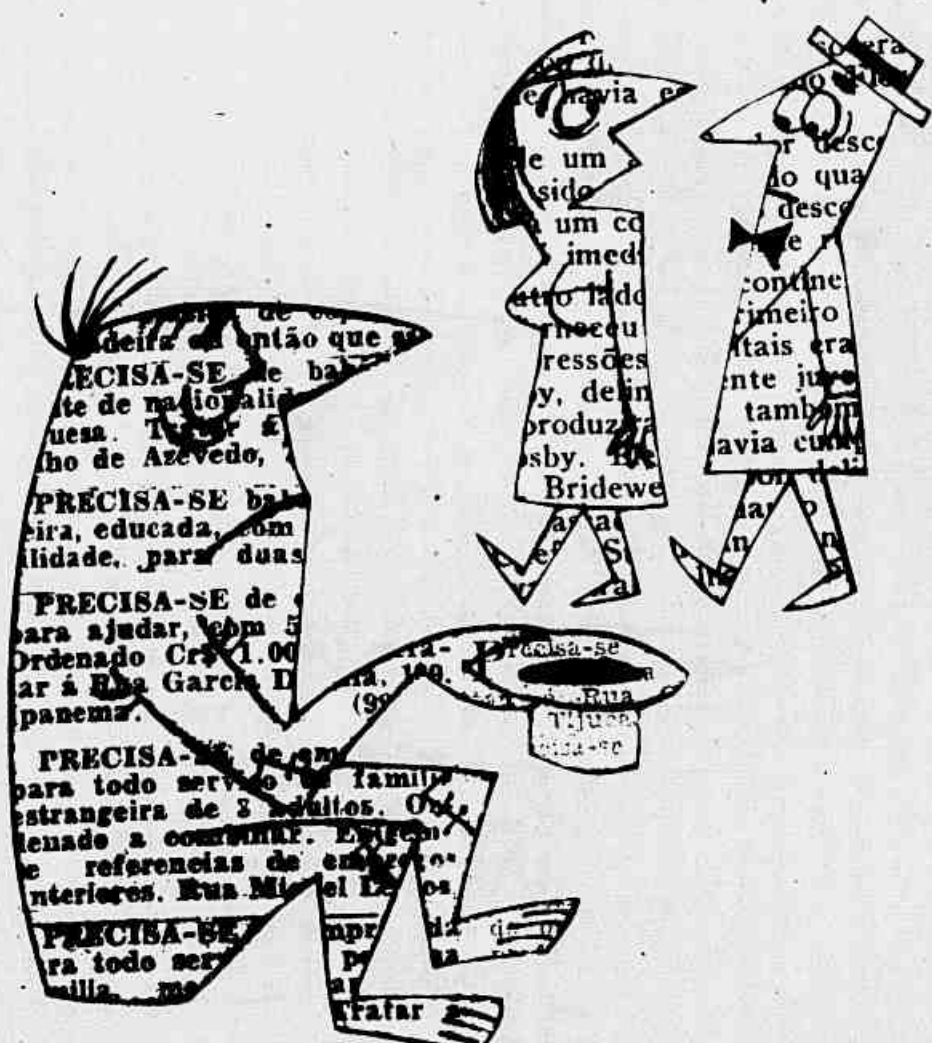
(Continua no próximo número)



FORTUNA (já meio embrulhado) APRESENTA

NO PAPEL DA IMPRENSA





— Dê-lhe um trocadinho. Não vê como está precisado?



— São todos da mesma tiragem?

ade engravada no meio de frigas, que ja
n a ondular com o sopro dos ventos do Sul
uais, dois meses antes da colheita, ainda se
servar que foram todos eles cultivados em
e nivel, a fim de evitar a erosão. A sua
ação político-administrativa data de 24 de
de 1931. Já foi a capital do pinho e, hoje,
O povo en
le uma na
deal conver
des que se
que as seil
se conta p
lica no ac
cadas ou fi
Nação, R

ENHORES

Janio da
n prefeito
esperança
estal apar
nflexíveis,
aos seus
cipais, nem
os políticos
plantou flôr
apital, deu
os às praç
ridenciou a
a".

lo era pre
e sucedie
sa de su
ovo, e o r
excelência
que o ele
lo Estado.
s, o temp
hoje que,
rios min
enção de si
casos de p
dio houve.
be-se, tam
uncimento
ião Paulo,
fetos de si
Justiça t
unal Supre
be-se mais
as flôres q
la plantou;
tos vistoso
comum -
us vulgares.
be-se, sindi
das ruas
hoje re
ique ilícito
mentos milh
io dinheiro.
que se ni
ência de i
sua excel
n projeto
venida ou
iaduto. Naç
comendar
foi sequer
comunida
legou -
as a trist
im passado
e o labéu
ramento a
ências, tud
al está: ônu
io financ
oder Públic
(9) Advier
equências
ação torme
cua. Os
excelência
interpelado
Camara Mu
a ser in
is ilegalme
refeito; -
mesmos
a exigir o
vanças e p
as e danos.
ira não a

be-se, sindi
das ruas
hoje re
ique ilícito
mentos milh
io dinheiro.
que se ni
ência de i
sua excel
n projeto
venida ou
iaduto. Naç
comendar
foi sequer
comunida
legou -
as a trist
im passado
e o labéu
ramento a
ências, tud
al está: ônu
io financ
oder Públic
(9) Advier
equências
ação torme
cua. Os
excelência
interpelado
Camara Mu
a ser in
is ilegalme
refeito; -
mesmos
a exigir o
vanças e p
as e danos.
ira não a

CONTECIM
TARREC
) Os suce
ito Janio
ou o povo
ra - estav
io de mi
atos.
ssa apurac
ecimento
os estarec

or heclate, ao preço dos
importadores, representa
spesa, de Cr\$ 2400.00. Di
tricultores que se o
fosse fornecido pelo Go
ao preço de custo, ha
ma economia de 50%. O
do Super Poder, 196

preço de Cr\$ 900.000.00, já ten
do estado mais cara. Alega-se que
a mesma está incluída na 4.
categoria. Porém, quando impor
tada através do Ministério da
Agricultura, o seu preço regula
riza-se em Cr\$ 200.000.00

duos. É grande produtor de alfafa, batatinha, fei
ião, mandioca, milho, arroz, cebola, amendoim, cen
teio, cevada, aveia, cana de açúcar e, agora, se ini
cia, promissoramente, na plantação do feijão soja
que tem colocação segura nos mercados estrangei
ros e nacionais.

A rede hospitalar de Carazinho merece um re

POESIA ANTI-HERMÉTICA

Eu rimo
Tu rimas
Nós rimos.

É só me dar na veneta
Escrevo o que vem na caneta
Pela minha orthographia
De verdades à antiga
Sem ligar, para. A pontuação.
Sem ligar para acentôs
Sem ligar pro portugueis
Sem ligar para ninguém.

Faço um verso
Outro verso
Outro verso
De pernas para cima
De cabeça para baixo
E outro sem ... nem ... !

Por falar em pé
Onde é que estou com a cabeça?
Por falar em cabeça
Onde estão os pés do meu verso?
Sei que botei um p cá
E um tico-----tico lá
Ôi!
Já não digo coisa sem coisa
Quero dizer coisa com coisa

Rimo Neris de Pitibiriba
Com Cinema Nacional
Marquês de Papaverina
Com Viaduto do Chá
(E não é que a quadrinha
Me saiu com rima em quase?)
Tô b-b-do, b-b-do, b-b-do!
Tão b-b-do que comi os ee
Como se ffffossem rrrrosquinhas
Com todos os efes e erros.

Bebi litros litros litros
Sem deixar pingos nos u
Tomei tôdas as liberdades
A liberdade poética
A liberdade de forma
A liberdade de pensamento
Com a bôca no gargalo
Da minha cachaça maiúscula
A LIBERDADE DE IMPRENSA.

Dêxa eu purveitá, ó xente!
Enquanto a rôlha não vem.

carria a p
ção ou de
te em na
ntem a p
as. O pov
or número
análises
ináticas, e
aça e Hu

MINISTRO

Silva Quad
que soube
is ao paul
ncia e at
não deu t
funciona
aos seus
e não po
es nos jar
ornamen
is públicas
paviment

cedido, sin
lo da pal
ia excelên
ovo aplau
— aplau
geu gover

passou.
entre os
oseados e
ia excelên
enúria. e

bém, que
da ju
escaparam
ia excelên
leste exc
mo.
que fene
ue sua ex
e os or
caíram
- destino

l, a pavim
— inaca
presenta
de mais
ões de cru
do pove.
io sabe é
nicipativa
ência. —
de abert
de constr
la que pu
o homem
concebide
le, o ex-p
portanto
e recorda
de perse
de um d
o culto
o somado
s. divida
iro, má f
o Municip
im. então
dessa ad
ntosa e
sucessores
passaram
e pela E
nicipal —
formada
ntes feitos
credores
gastos pa
cumprime
protestar
porque a
podia c

ENTOS E
EDORES
ssores do
ia Silva
n outra al
am na o
andar apu

o resultado
de acont
edors. So

de custo. Com o aumento da ár
cultivada, em todo o Rio Gran
do Sul, os tricultores não pod
rão prescindir de novas colheita
deiras. As plantações de trigo q
vimos em Carazinho são im
sas e estão em ótimas condições

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

EMOTIVIDADE

♦ O passar do tempo e o contato cotidiano com os males desse mundo vão tornando aos poucos a alma feminina cada vez menos emotiva. A emotividade é um estado d'alma em que a comoção se manifesta facilmente. Nem sempre é um defeito: torna mais aguda a percepção e enriquece a sensibilidade. Muitas vezes, porém, a emotividade não acompanha a sensibilidade, fica à flor da pele e não tem raízes profundas. Em outras palavras, são aquelas que choram porque morreram milhares de pessoas num tufão na Flórida, ou num desastre de trem em Berlim, mas se lamentam terrivelmente quando perdem uma noite de sono porque a sogra tinha dor de cabeça, ou porque a vizinha gemia com as dores do parto.

Sua Beleza

Se a balança denuncia um aumento de peso, se o espelho revela uma alteraçãozinha na silhueta, não se alarme. Nesse mundo há remédio para tudo: mesmo para um pouco de gordura que estraga a "linha" antes tão esbelta. Uma especialista em estética feminina aconselha

um remédio ao mesmo tempo eficaz e econômico.

Duas coisas são necessárias, diz a especialista, para reconquistar a "linha" perdida: dieta e ginástica. Não é uma novidade, porém o são o regime e os exercícios que aconselha, e a rapidez dos resultados, uma ou duas semanas no máximo para casos não extremos.

A dieta deve ser começada com um dia de completo repouso, pois são 24 horas de alimentação somente líquida. Quem trabalha pode escolher um domingo para iniciar o emagrecimento. Seguem dois dias com alimentação quase normal (leite, queijo, peixe, verdura e fruta) que, porém, não supere as 1.000 calorias. Depois vêm quatro dias com

1.250 calorias (incluindo-se carne na alimentação).

Completa-se, assim, uma semana.

Toda a semana seguinte não se deve ultrapassar 1.250 calorias. Recomenda-se comer muitas vezes por dia, pouco de cada vez.

Agora, falemos da ginástica: apenas três exercícios escolhidos, que fazem trabalhar exatamente os músculos necessários e responsáveis por certas "rotundidades". Esses exercícios também são aconselhados para aquelas que não precisam corrigir a silhueta, porque são saudáveis, beneficiando todo o organismo. Não são cansativos e nem é preciso fazê-los por muito tempo

diariamente; bastam poucos minutos: um minuto no primeiro dia, dois no segundo, até completar cinco minutos. Não é preciso mais que isso.

Naturalmente esse sistema não é destinado a resolver casos impossíveis, devidos a distúrbios glandulares e aos quais pouco pode auxiliar a cultura física.

Vejamos os exercícios:

I — Para a cintura: Posição ereta, pernas abertas, mãos para o alto. Inclinar o corpo e tocar o chão com as mãos. Voltar à posição inicial. Tocar com as mãos o pé direito. Posição inicial. Tocar com as mãos o pé esquerdo. Repetir 6 vezes tudo, desde o início.

II — Para os quadris: Apoiando-se com a mão direita numa barra, ou, na falta desta, no espaldar de uma cadeira, movimentar braço e perna esquerda, para trás para o lado e para a frente. Repetir, apoiando a mão esquerda, com braço e perna direitos. Faça-o seis vezes.

III — Para a barriga:

Deite-se no chão.

Braços esticados para trás.

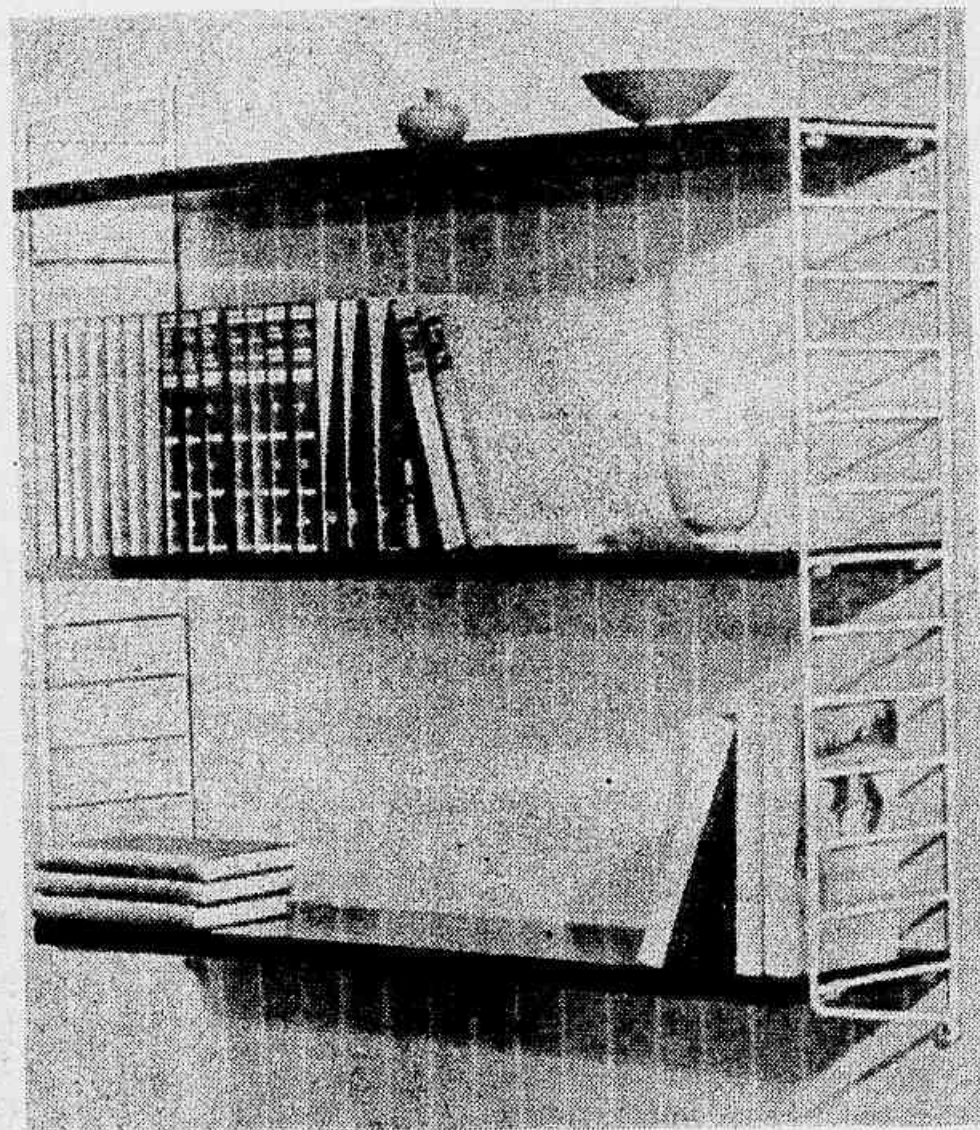
Levantar devagar uma perna depois da outra com movimento de "tesoura".

É um exercício que cansa, mas que pode fazer desaparecer uma barriga nascente em

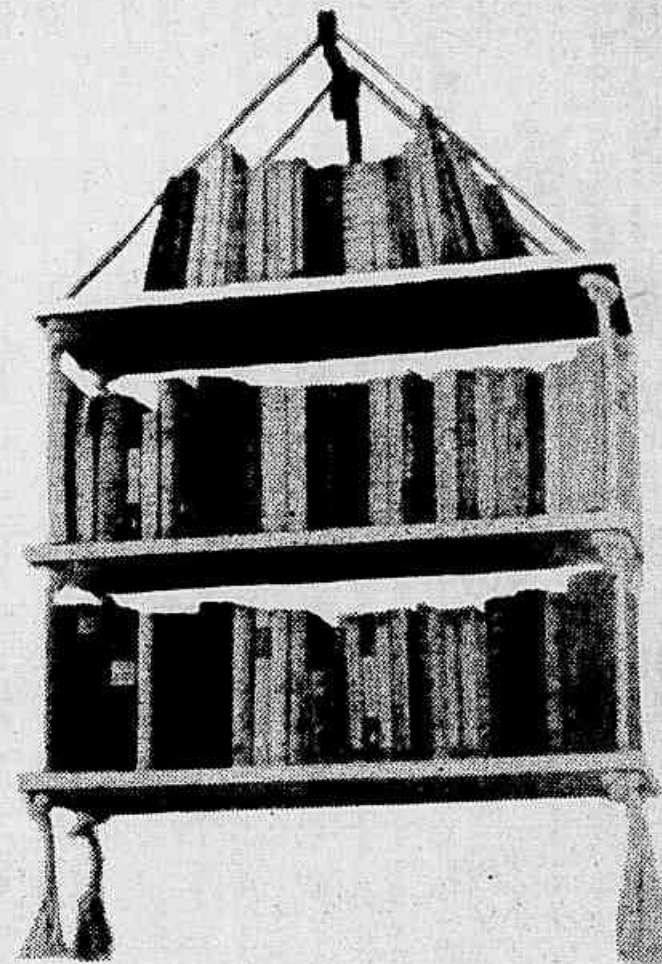
15 dias apenas.

(Na foto: Jeannette Miller — Paramount)





◆ Quarto de moça moderna deve ter uma estantezinha de livros: os de estudo, livros instrutivos em geral, romances, poesias. Mesmo se a «biblioteca» da casa está instalada em outro local, no quarto devem ficar os livros que estamos lendo ou que gostamos de folhear mais freqüentemente. Para essa estantezinha é que são as duas idéias muito originais de hoje, que não necessitam de maiores explicações que as próprias fotografias.



PARA OS LIVROS

E' MELHOR IGNORAR?

«E' melhor ignorar completamente uma traição de meu marido, ou é preferível que ele a confesse?» — gostaríamos de ouvir a sua opinião, pois as nossas divergem muito a esse respeito (Cinco não traídas — Rio).

Creio que é preferível saber a verdade, se for confessada, mesmo porque, uma confissão espontânea é sempre prova de amor, pelo remorso e pela angústia que exprime. E' preciso, porém, que se tenha a coragem de suportar a verdade, o que nem todas têm. Há muita senhora que prefere permanecer acreditando que o marido respectivo é um santo homem, baseando o seu amor nessa ilusão, antes que na realidade. No entanto, o verdadeiro amor, aquele que realmente dura para sempre, só pode se

RESPONDENDO...

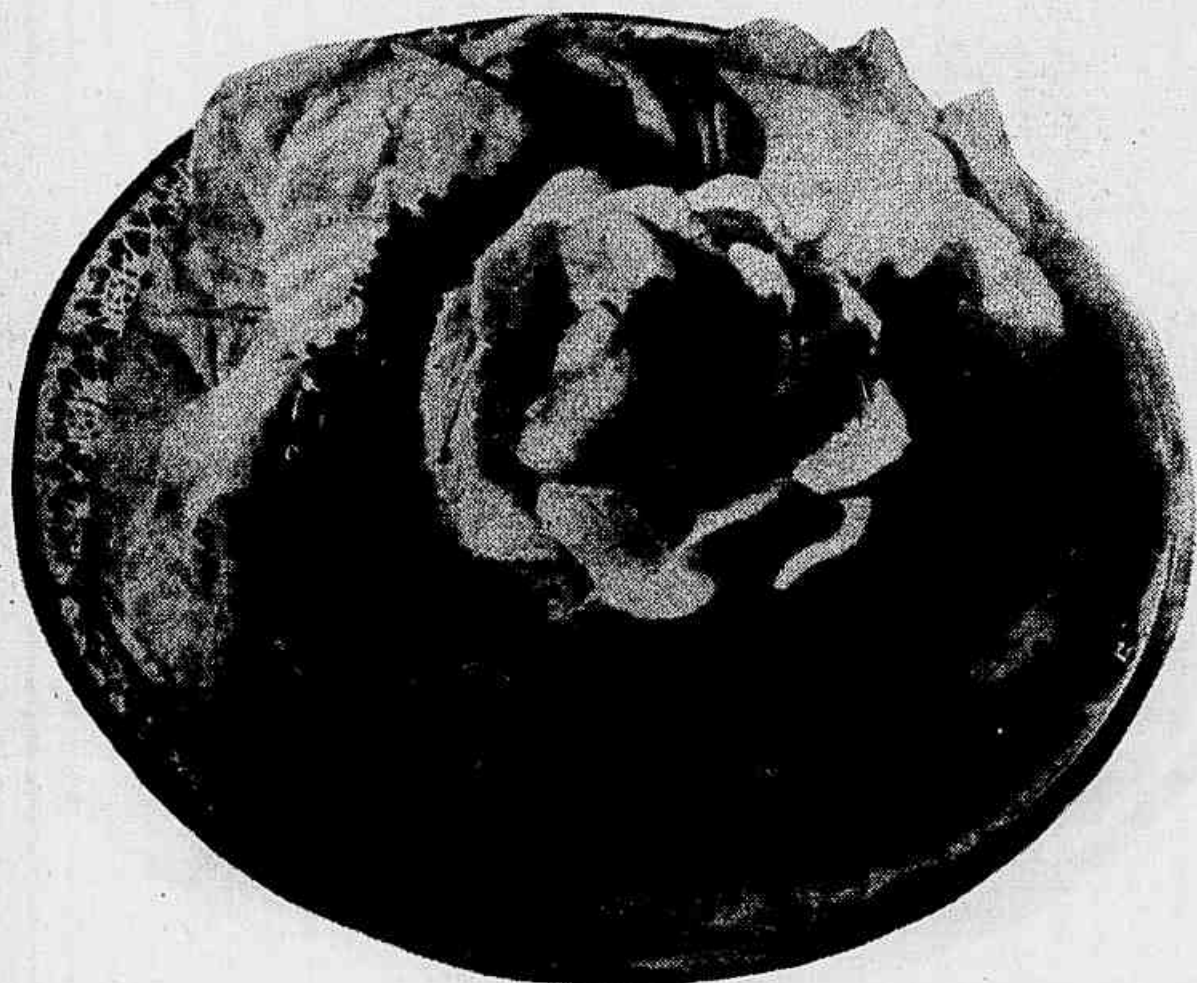
basear na lúcida aceitação e compreensão das fraquezas que existem em todos os seres humanos, o marido inclusive. Enganar-se ou ser enganada é sempre humilhante.

CONTRADIÇÃO — «Quando meu marido era meu noivo gostava que eu me vestisse elegantemente. Muitas vezes mesmo sugeria que eu pedisse a meu pai um vestido novo para um baile. Agora, no entanto, quando eu lhe peço um «reforço de verba» para me vestir ele responde que minha roupa ainda está boa, e que não preciso de vestidos novos. Não acha que ele se contradiz? (Maria Clara — B. Horizonte). Provavelmente, quando noivo ele desconhecia

o provérbio que diz: «Não faças aos outros o que não queres que te façam».

O AMOR — É UM BEM OU UM MAL — ... é uma força ou uma fraqueza? (Laura — Rio).

O amor é uma força quando por esse sentimento estamos mostrando o que há de melhor em nós mesmas e não é somente instinto. Quando o amor se baseia em valores reais, espirituais, será causa de melhoramento de nossos sentimentos enriquecendo-os, já que nos eleva acima de nosso egoísmo, conduzindo-nos ao conhecimento e compreensão de uma outra criatura. Em resumo: o amor pode contribuir para o progresso de nossos sentimentos dependendo de ter uma base de espiritualidade e de visar a uma finalidade honesta e sincera. Naturalmente que tem que ser recíproca.



WEEK-END NA COZINHA

◆ Se tiver convidados neste fim de semana, em vez de servir-lhes uma salada como tradicionalmente se usa, num prato grande, arrume-a em

pratinhos de vidro individuais como mostra a ilustração. Vamos analisá-la para melhor compreensão da receita:

1 — O centro é formado por um tomate recheado: e o recheio é feito assim (receita para 4): 150 gramas de camarões cozidos, misturados com 1/4 de xícara de aipo picadinho e 2 colheres das de sopa de maionese. Misture tudo. Ao limpar os tomates para rechear, atenção, para deixá-los inteiros, retirando apenas uma tampinha em cima.

2 — Em volta do tomate recheado duas fileiras de pétalas de rosas que se preparam assim: misture 180 gramas de queijo creme com 2 colheres das de sopa de creme de leite, tempere com molho inglês e dê um bonito colorido com anilina especial comestível (a mesma que se usa para glacê de bolos). Ponha um pouco desse creme numa colher das de sopa de metal, aperte contra o lado do tomate e retire a colher com um movimento que faça uma ligeira curva. Forma-se assim uma pétala. Continue a formar pétalas em volta do tomate, até completar as duas carreiras.

3 — Em torno das pétalas, uma camada de raminhos de salsa, e exteriormente outra de folhas de alface. Enfeite o centro (sobre o tomate) com camarões inteiros e um raminho de salsa bem no meio.



JEFF THOMAS, O COLUNISTA SOCIAL QUE POPULARIZOU O CHAPÉU «GÉLOT» VÊ AGORA SEU LANÇAMENTO TRANSFORMADO EM UMA DAS COISAS MAIS COMENTADAS DO PAÍS.

Grand Monde internacional

Gossips



Ali Khan, cujo romance com Bettina caminha para ficar «gélot».

PARECE GRAVE a enfermidade de lord Ivon Churchill. Pois segundo meu «gabinete social» internacional, seus pais, o duque e a duquesa de Marlborough estão preocupados com seu estado de saúde. — A nova dieta que as elegantes do «high-society» passaram a adotar é café preto adoçado com gotas de limão. Essa moda não vai demorar muito a pegar no Rio. — **CONFIDENCIALMENTE:** parece que vai ficar mesmo «gélot» o romance entre Aly Khan e Bettina. Essas são as «últimas» fornecidas pelo meu «gabinete internacional» sobre o romance desse famoso «play-boy» do «café-society» com essa «beaut» modelo parisiense. Como vocês sabem, esse romance já tomou as manchetes das mais famosas colunas sociais do mundo. — Não é possível que a princesa Beatriz, da Holanda, esteja mesmo pensando em casar-se com o plebeu estudante, que é seu atual «date» preferido. — Aqui

entre nós: existe mesmo o romance entre meu amigo Oleg Cassini e a atriz recém-divorciada, Jeanne Crain. Eles estão saindo com frequência «record». — Num recente festival de Veneza verificou-se o encontro de várias celebridades, como a atriz italiana Gina Lollobrigida, a embaixatriz americana Claire Booth e a famosa participante do «grand monde» internacional, a Duquesa de Windsor.

UMA JOVEM do «society» carioca confessou a este colunista que este ano vai realizar o seu sonho dourado que é: casar-se. Aqui entre nós: se isso não acontecer, ela vai entrar o ano novo figurando na dona PRATELEIRA. Suas iniciais truncadas são: G.B. — A jovem Gilda dos Santos Jacinto continua sem «date». Isso me preocupa. — A paulista Alice Assunção esteve no Rio e foi homenageada pelo Jorge Dória Filho, com um jantar no dia de sua «mudança de idade». — **BABY THOMAS**, de São Paulo, informa: A senhorita M.K. (iniciais truncadas) continua sem «date». Até quando, menina? — No dia da «mudança de idade» de minha amiga Rosinha Serzedelo Machado dois conhecidos «play-boys» do Planalto telefonaram para Rosinha com uma frequência «record». — A carioca Marina Mesquita tem no paulista Roberto Cunha Bueno seu «date» preferido. Marina já está pensando em noivado. Isso, é claro, só acontecerá se o romance não ficar «gélot». — Lamento informar para vocês que Liliam de Souza Campos continua sem «date». — A beleza mais «suspense» atualmente no «high-society» carioca é Mary Spitzman Jordan. — Estou atônito para saber se determinado desquite vai ou não acontecer. «Gossips» são «Gossips», e daí? — ELA continua figurando na famosa dona PRATELEIRA.



O jovem milionário André Spitzman Jordan, cortejando gregas e troianas

Pequenos Flashes

«GELOT», TAMBÉM PARA MULHERES.

Como vocês sabem, fui eu, Jeff Thomas, quem popularizou o chapéu «Gélot» no Brasil. Devido a essa grande repercussão, a famosa figurinista carioca Elza Haouche, inspirada nesse meu lançamento, mandou fazer para seu último desfile realizado no Copacabana Palace, um chapéu «Gélot» para mulheres. Coisa que recebeu toneladas de aplausos. Esse lançamento da sra. Haouche vai revolucionar o «grand monde» feminino. Daqui envio meus cumprimentos à senhora Haouche.

Estêve no Rio a sra. Horácio (Mimi) Lafer, que veio ao encontro de sua filha Silvina Lafer, hoje senhora Pedro Piva, que voltavam de uma viagem de lua-de-mel através de vários países do velho continente. Como já informei e «pre-views» para vocês, a sra. Lafer será, este ano, escolhida como a melhor «Hostess do Ano» do «high-society» paulista, pelo conhecido colunista Tavares de Miranda.

Quando há poucos dias «decolei» até Recife num dos «Super-Convair» da



O «gélot» também para mulheres. A modelo Elza Mumme, desfila com o famoso chapéu «gélot», que foi criado pela figurinista Elza Haouche, inspirada nesta coluna.

Cruzeiro do Sul, pude observar o luxo e o conforto que essa tradicional companhia de

avição oferece aos passageiros de sua aeronave. Tudo é realmente «suspense».

Depois que este colunista noticiou que certo governador udenista do norte, que reside muito mais no Rio do que no Estado em que é governador, estava fazendo do Bife de Ouro da Pérgola seu campo de pouso aqui, e inclusive que o governador em questão estava com tendência de ingressar no colunismo social, ele resolveu «decolar» rapidamente para seu estado natal.

Está novamente no Rio a famosa fadista internacional Amália Rodrigues. Amália veio ao encontro de seu «date» e me informou que no dia quatro vai estreiar num «night-club».

A convite da colunista Yole Ciasca estarei «decolando» no próximo sábado para São Paulo, a fim de assistir ao baile das «debutantes» paulistas de 1956, nos salões do Automóvel Clube local. Ficarei hospedado no Hotel Comodoro, que é o mais «suspense» do planalto.

ATE A PRÓXIMA. O famoso «Gélot» continua em cima.



Embaixador Hugo Gouthier, senhora Marise Graça Couto, embaixatriz Lais Gouthier e Jeff Thomas.

JEFF THOMAS RECEBE OS GOUTHIER NO "FIESTA"

♦ Eu tinha programado um jantar de «black-tie» ao embaixador e senhora Hugo Gouthier. Mas, como seus amigos aqui são muitos, tive a feliz idéia de, ao invés de jantar, oferecer aos meus amigos Hugo e Lais, um «cocktail-party», onde reuni figuras de primeiro plano do «High-Society» carioca. Esse «cocktail party» foi realizado no jovem e já famoso «night-club» «Fiesta», que já tive oportunidade de falar para vocês aqui no «Social-Set». Como disse, reuni nesse «cocktail party» os componentes da «mesa das celebridades» do Country Club, que é a turma mais «suspense» do jovem «high-society» carioca. A elegância mais comentada da noite foi a da jovem homenageada, ou seja, a embaixatriz Hugo Gouthier, que estava numa noite realmente muito feliz. A beleza dessa «soirée» foi a da jovem senhora Helô Amado. Confesso a vocês que fiquei realmente feliz com a passagem de meus ilustres convidados, que assim prestigiaram a homenagem que prestei aos Gouthier.

Este acontecimento foi apontado como a maior recepção já dada por um colunista social no Rio. Aos meus amigos Gouthier, mais uma vez, boa viagem, e até Bruxelas.



O «host» (Jeff Thomas) com a bonita homenageada (Lais Gouthier) num «flash» especial para esta coluna. À direita: a senhorita Helô Dolabela com a senhora Christoffel Kallay.



Neste grupo a «beaut» Helô Amado, senhorita Teresinha Simões Soares, senhora Helena Brito Cunha e jornalista Artur Seixas.

mbi-
ante
vai
Não
nsa-
con-
Es-
vez,
teve.
E li-

a da
visar
tava,
o da
Vital
con-
parco
alizer
hotel,
avam,
e o
o sa-
gasse
s ad-
utica.

Não
o. Na
nense
inter-
o que
le en-
ial da
artista
tam-
la es-
ltidão
istori-
a seus
ia 23,
ôzinha
o. Por
o con-
a Eu-
do. Fi-

último
porada
Não é
ênio e
o co-
a, mas
ue ela
faces
na dor

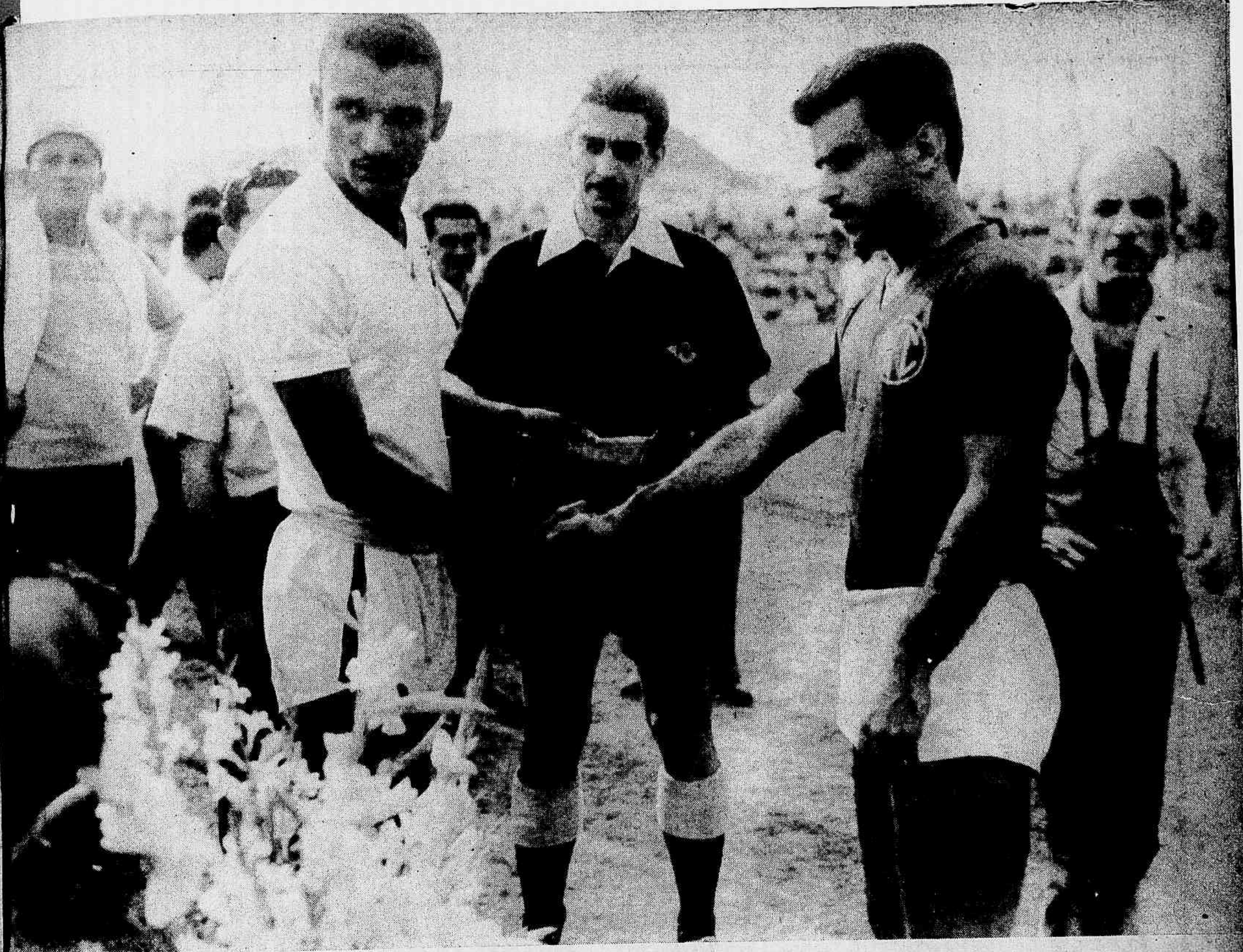
m por-
ergue-
mediato
cepção

eterana
uldade
ia sem
do se-
xos de
tros do
oca de
ludindo

tlburi
que e
pedido
panhia.
procurar

e a le-
meça e
abinado
avisado
amigo

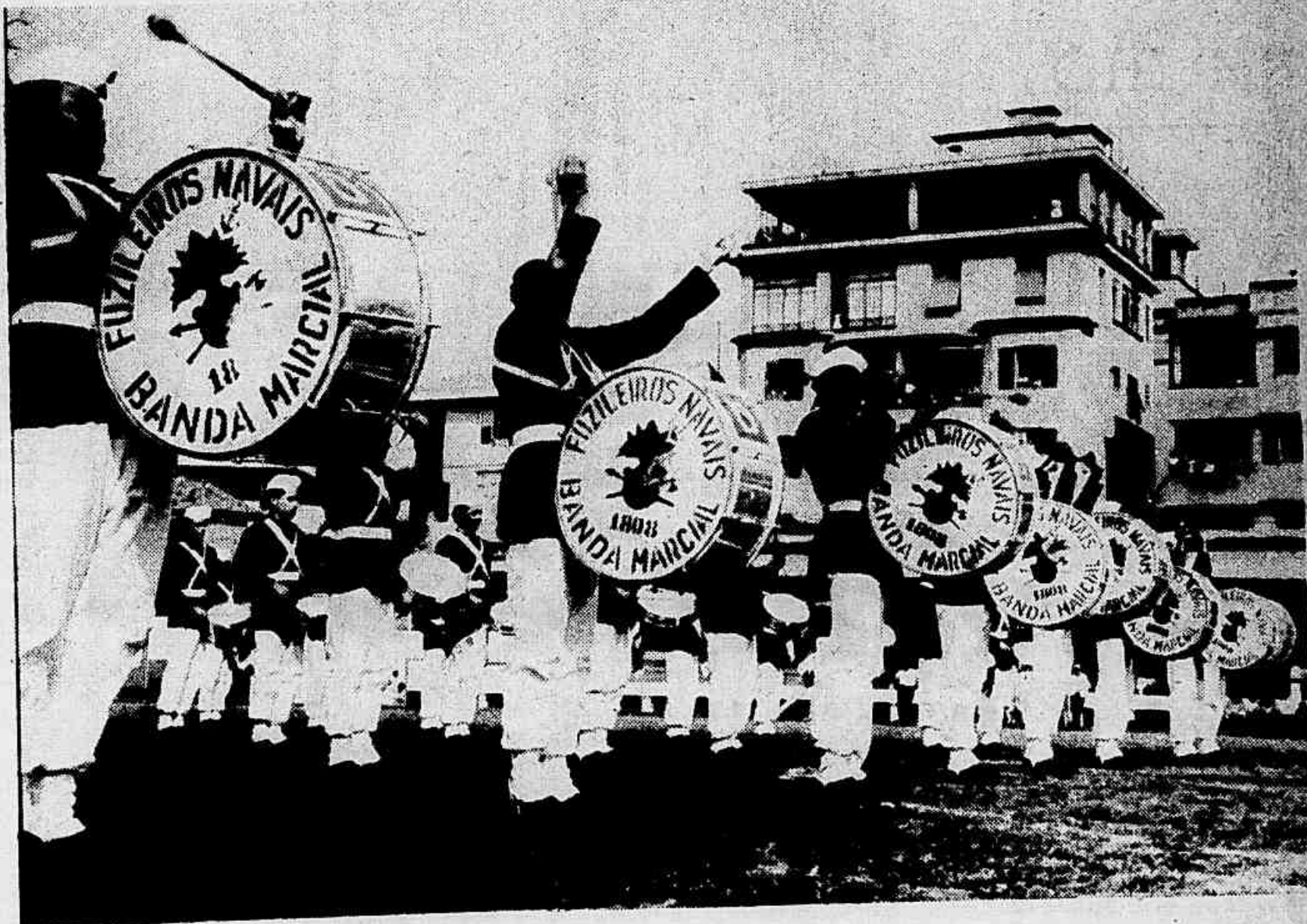
úmero)



AMÉRICA: 52 ANOS

◆ O AMÉRICA Futebol Clube acaba de completar cinquenta e dois anos de existência. Tendo atualmente à sua direção homens capazes e dedicados, como esse prodigioso Giulite Coutinho, que em oito meses de gestão conseguiu fazer o que inúmeros clubes buscam há tanto tempo em vão — saldar suas dívidas externas —, caminha o América a passos largos na direção de seu futuro, hoje mais do que nunca promissor. Seu time profissional de futebol é dos melhores da cidade; suas equipes amadorísticas são aguerridas e disputam, com probabilidades, os vários campeonatos da cidade; o número de sócios duplicou em poucos meses; e os planos para a construção de uma fabulosa sede campestre estão traçados, apenas aguardando a Diretoria uma aprovação final para executá-los. Essa sede transformará o América em um dos maiores clubes do Continente, semelhante às grandes agremiações da Europa, dotadas de todo o conforto e amplitude. Por todos esses motivos, é-nos sumamente grato saudar o América Futebol Clube, desejando-lhe um futuro venturoso, no qual ocupe ele o lugar de relêvo que lhe pertence, de direito, no cenário esportivo nacional. As fotos, tomadas por ocasião do encontro com o São Cristóvão, apresentam um aspecto da exibição da Banda dos Fuzileiros Navais em Campos Sales, e Ivan, capitão do time americano, recebendo, das mãos do jogador Osminho, uma bonita «corbeille».

(Fotos VITO VASCONCELOS)





Cardoso subiu montanhas, fez curvas derrapantes, e parou num lugar pitoresco. Ei-lo em seu «possante»...

EM RIO BONITO

JIPE FEITO A MUQUE

HA POUCO mais de um ano, um homem de fala macia e gestos calmos levantava-se todos os dias, alta madrugada, e ante os olhos atônitos da esposa, começava a lançar em blocos de papel linhas e traços no primeiro instante incompreensíveis. Depois, os traços foram-se encurvando, tomando forma, e lembravam peças de oficina, engrenagens, mecanismos, etc.

Com o cigarro pendurado entre os lábios, o homem dizia agora à companheira que iria construir para o filho um **jipe de verdade**. Deve ter sorrido a mulher, quando lhe disseram que até o motor seria feito por José Cardoso, seu marido. Mas... exatamente nove meses depois, ao cabo de domingos de trabalho imenso, de noites passadas em vigília, na oficina, nasceu o primeiro automóvel totalmente brasileiro.

**DEPOIS DE NOVE MESES : NAS-
CE UM BRASILEIRO ★ A FAÇA-
NHA DE ZÉ CARDOSO ★ E O GO-
VERNADOR USA O BRINQUEDO**

Reportagem de JORGE ANDRADA

**UMA CIDADE COM SONO DESPERTA
FINALMENTE**

Rio Bonito, distante do Rio de Janeiro apenas sessenta quilômetros, com uma população de trinta e cinco mil habitantes, gente pacata, sem

vida própria, dependendo quase totalmente dos municípios vizinhos para viver, sem indústria, e com um abastecimento de energia elétrica insuficiente, achava, além da missa domingueira e dos bailes e festas do clube local, outra razão de ser: acompanhar, dia a dia, Zé Cardoso, nos trabalhos finais de seu empreendimento. O comércio pequeno do local começava a ceder espaço para expor aos raros visitantes da cidade o **automôvelzinho** — como carinhosamente passou o povo a chamar o carro construído por José Cardoso.

Pelo natal, Joseles, filho do mecânico, recebia de presente o jipe que papai lhe fizera.

Mas não parou aí a história desse homem simples, porém dotado de incrível força de vontade e convicção: os homens abastados da cidade

de pro
José C
como r
refa. E
mais l
Sim, u
ao res
homen
culos

Fora
niões
entusi
grossa
mar,
máqui
com b
motor
bombo
de no
vinte
Refrig
usada

A
nhas.
na Pr
rava
num
SILEN

Atu
mais
—
quino

A
nidac
Gove
veícu
lho
pediu
da c
um h
com
ma,

Co
mecâ
folgu
ofici
uma
func
Case
bras
pala
Lem
esta
incr
São
mes

Es
Bras
tiva
men
mic
mes
por
esse
—
A n

de prontificaram-se a auxiliá-lo, a fim de que José Cardoso — que agora era apontado na rua como modelo — pudesse prosseguir em sua tarefa. Era preciso incentivá-lo, ampará-lo. Iam até mais longe. Por que não fundavam uma fábrica? Sim, uma fábrica de jipes, que pudesse mostrar ao resto do Brasil, o quanto pode fazer um homem, enfrentando embora os maiores obstáculos e dificuldades.

Foram feitas as ações. E começaram as reuniões dos acionistas, todos gente simples, mas entusiasta. Como o filete d'água que vai engrossando até tornar-se um rio e atirar-se ao mar, eles marchavam para seu ideal. Sem máquinas adequadas, a martelo, muitas vezes com brocas manuais, a oficina produziu, com um motor primitivo, mais utilizado para movimentar bombas, um carro que desenvolve a velocidade de noventa quilômetros por hora e pode rodar vinte e dois com apenas um litro de gasolina. Refrigerado a ar, dispensa a água do radiador, usada em carros comuns.

A notícia espalhou-se pelas cidades vizinhas. Chegou ao Rio e, numa tarde de agosto, na Praça Quinze, pequena multidão se aglomerava ao redor de um jipe, atrás do qual se lia, num dístico: «SOU PEQUENO MAS SOU BRASILEIRO».

Atualmente os planos de José Cardoso vão mais longe:

— Vamos fabricar dez por dia, todos a máquina, diz satisfeito.

O GOVERNADOR SE ENTUSIASMA

A reportagem, em Cabo Frio, teve a oportunidade de ouvir o senhor Miguel Couto Filho, Governador do Estado. Este, ao ver de perto o veículo resultante de noites e noites de trabalho de um homem pobre, entusiasmou-se, e pediu para dirigi-lo, em companhia do Prefeito da cidade. No olhar de José Cardoso surgiu um brilho de emoção. O repórter viu quando, com as costas da mão, ele enxugou uma lágrima, sorrindo embora.

QUEM É O HOMEM

Cardoso trabalha desde os doze anos como mecânico. Ajudava o pai, aqui no Rio. Entre os folguedos e colégio, pensava ter sua própria oficina. Há vinte anos mora em Rio Bonito, com uma oficinazinha de sua propriedade em pleno funcionamento, para retificação de motores. Casou-se, constituiu família. Brasileiro, filho de brasileiros, tem orgulho disso e dá ênfase às palavras quando diz «ter feito tudo sozinho». Lembra sorrindo que, quando dizia aos amigos estar construindo um carro, eles se entreolhavam incrédulos. Mas não falou aos peixes, como São Francisco, pois seus conhecidos são os mesmos que agora são acionistas de sua firma.

ESTA REPORTAGEM

Esta reportagem é um grito de alerta para o Brasil e para os poderes públicos. Uma iniciativa de tal natureza precisa ser estimulada. O menino sonhador de ontem, hoje homem dinâmico e realizador, deve ser amparado. Em sua mesa de trabalho, olhos fixos num ponto da parede, José Cardoso da Silva — guardem bem esse nome, senhores! — afirma ao repórter:

— Infelizmente, não tenho o de que preciso. A moeda do mundo ainda é o dinheiro.



Miguel Couto — Governador do Estado — entusiasmado, andou no brinquedo e felicitou o mecânico. Ao seu lado, o prefeito de Cabo Frio, sorrindo. Este jovem (em baixo), filho do construtor do primeiro auto brasileiro, ganhou o presente. E o Brasil... muita esperança.





ESTUDANTES CONTRA A CARESTIA

● ESTUDANTES CARIOCAS, reunidos na Esplanada do Castelo, no próprio dia em que se comemorava o décimo aniversário da Constituição, protestaram contra o constante aumento do custo de vida em todo o país, a despeito das promessas governamentais, promessas que nada resolvem, e não provam sequer a boa vontade do Estado em resolver coisa alguma. Durante algumas horas, desde o cair da tarde, os estudantes tomaram conta do centro da cidade, levando a efeito sua manifestação pacífica, que foi mais um sinal de alerta de que os universitários do Rio e do Brasil estão zelando, aparentemente sòzinhos até agora, pela bolsa do povo, e pela moralização da vida brasileira. A foto mostra um flagrante do que foi o comício do dia 18, na Esplanada, vendo-se parte da assistência e a tribuna de onde vários ordores se dirigiram ao público. (Foto Tribuna da Imprensa)

A FIGURA
EM FOCO



ALCIDES CARNEIRO

Eu sou Carneiro, mesmo assim
Possuo voz de sabiá;
Hoje na Câmara haverá
Um orador igual a mim?

RENOVE agora
o prazer daquela
viagem de férias

REALIZADA PELA

Vale a pena repetir aquela viagem que o senhor proporcionou à sua família pelos aviões da Nacional. Foi tão proveitosa que seria agradável realiza-la novamente nos primeiros feriados ou num destes próximos fins de semana. Ainda mais quando permanece a facilidade que a Nacional oferece: com uma só passagem o senhor poderá fazer diversas paradas nas pitorescas cidades intermediárias. Aproveite da melhor maneira os seus dias de descanso, programando outra inesquecível viagem de passeio através as linhas da

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS



RIO : 32-6119 — S. PAULO : 36-3264 — B. HORIZONTE : 2-0818 — SALVADOR : 2384 — E MAIS 120 CIDADES BRASILEIRAS